

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**DEPRIVAÇÃO E TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL NO ADOLESCENTE FACE AO
DIVÓRCIO PARENTAL**

Soraya Maria Pandolfi Koch Hack

Dissertação de Mestrado

São Leopoldo, 2008

**DEPRIVAÇÃO E TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL NO ADOLESCENTE FACE AO
DIVÓRCIO PARENTAL**

Soraya Maria Pandolfi Koch Hack

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Sob Orientação da
Prof^a. Dr.^a. Vera Regina Röhnelt Ramires

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Junho, 2008

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos -UNISINOS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**DEPRIVAÇÃO E TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL NO ADOLESCENTE FACE AO
DIVÓRCIO PARENTAL**

elaborada por

Soraya Maria Pandolfi Koch Hack

**como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia**

COMISSÃO EXAMINADORA

Vera Regina Röhnelt Ramires, Prof^ª. Dr^ª.

(Presidente/Orientadora)

Silvia Pereira da Cruz Benetti, Prof^ª. Dr^ª.

(Relator)

Blanca Susana Guevara Werlang, Prof. Dr^ª. (PUCRS)

(Membro)

Rita de Cássia Sobreira Lopez, Prof^ª. Dr^ª. (UFRGS)

(Membro)

São Leopoldo, 11 de junho de 2008.

DEDICATÓRIA

O lar é nosso ponto de partida. À medida que crescemos
O mundo se torna mais estranho, mais complexos os padrões
De morrer e viver. Não o momento intenso
Isolado, sem antes nem depois.
Mas uma vida ardendo em cada momento.

T. S. Eliot, "East Coker", *Four Quartets*
(in: Winnicott, 1999. *Tudo Começa em Casa*)

À minha filha Sofia, que me desafia na difícil arte de ser uma "mãe suficientemente boa". Agradeço por sua existência, seus ensinamentos, sua compreensão e por tolerar algumas deprivações por conta desta dissertação e da minha carreira profissional.

Ao meu marido Ivan, meu companheiro e grande incentivador, um modelo pessoal e profissional, com quem tenho o privilégio de conviver e aprender.

Aos meus pais Elísia e Homero, com quem aprendi o precioso valor dos cuidados materno e paterno.

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora dessa dissertação Dr^a Vera Regina Röhnelt Ramires, a quem aprendi a admirar, por seu profissionalismo, conhecimento e postura ética. Agradeço muito pelo *holding*, acolhimento, respeito, críticas e desafios recebidos, como também pelas deprivações, que me instigaram e por diversas vezes me fizeram transitar entre o estado de dependência relativa e o rumo à independência;

Ao psicanalista José Ottoni Outeiral, agradeço pelas suas contribuições que me permitiram, ao longo de minha trajetória profissional, ampliar e solidificar o conhecimento da teoria de Winnicott;

À Dr^a Norma Uttinguassú Escosteguy, com quem também tive o privilégio de estudar as aplicações clínicas da teoria de Winnicott;

Às Dr^a Blanca Susana Guevara Werlang e Dr^a Rita de Cássia Sobreira Lopez, pelas significativas contribuições por ocasião da qualificação do projeto, bem como pela disponibilidade em participar da banca de defesa dessa dissertação;

À professora Dr^a Silvia Pereira da Cruz Benetti, uma relatora acolhedora, disponível e presença consistente em nosso PPG;

Ao corpo docente do PPG e aos colegas de mestrado, agradeço não só por terem apoiado a proposta da pesquisa, mas principalmente pelas relevantes reflexões proporcionadas no decorrer desse processo;

Às minhas colegas do mestrado, as psicólogas Aline, Janaína, Michele e Raquel, pela parceria, identificação e acolhimento... laços e vínculos suficientemente fortalecidos neste período;

À escola que acolheu a proposta deste estudo, em especial as psicólogas e a coordenadora pedagógica, pela disponibilidade, colaboração e confiança que viabilizaram a realização desta pesquisa;

Às bolsistas de iniciação científica Daniela e Larissa, a estudante de Psicologia Simone e a fonoaudióloga Leila que, com paciência, prudência e ética, colaboraram no registro do material;

À minha colega e amiga, a psicóloga Anie Sturmer, pela compreensão e apoio, que garantiram neste período a continuidade dos cuidados de nosso instituto, o IPSI;

Aos colegas e alunos do IPSI, que de alguma forma me instigaram e incentivaram-me a buscar o desafio do mestrado. Agradeço por terem tolerado minhas ausências e deprivações que tive que fazer por conta desse processo e por terem continuamente me escutado e compartilhado comigo meus velhos e novos conhecimentos;

À secretária do IPSI, Raquel, pelos envolvimento extras solicitados;

Aos meus pacientes que ajudaram a traçar esse caminho e a buscar o aprimoramento de meus conhecimentos;

E aos participantes desta pesquisa, os adolescentes e seus pais, pela confiança depositada e pela colaboração durante todo o processo. Sem eles não haveria construção, nem tão pouco integração e novos conhecimentos a serem compartilhados.

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	12
INTRODUÇÃO	13
SEÇÃO I	
RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO	16
1 Objetivos	20
2 Método	20
2.1 Delineamento	20
2.2 Participantes	21
2.2.1 Critérios de inclusão	22
2.2.2 Critérios de exclusão	24
2.3 Procedimentos	24
2.3.1 Procedimentos Éticos	26
2.2.2 Procedimentos de Coleta de Dados	27
2.2.3 Procedimentos de Análise de Dados	30
3 Resultados e Discussão	32

3.1 Caso 1	34
3.1.1 Descrição	34
3.1.2 Análise	42
3.2 Caso 2	49
3.2.1 Descrição	49
3.2.2 Análise	57
3.3 Caso 3	62
3.3.1 Descrição	62
3.3.2 Análise	73
4 Síntese de Casos Cruzados	81
5 Considerações Finais	88

SEÇÃO II

REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA - ADOLESCÊNCIA E DIVÓRCIO: CONTINUIDADES E RUPTURAS DOS RELACIONAMENTOS	94
1 Transições Familiares relacionadas ao divórcio: História e pesquisas	96
2 Divórcio.... e Depois?	98
3 O Adolescente Frente ao Divórcio Parental	102
4 Os Relacionamentos Pais-Filhos e o Divórcio Parental	105

SEÇÃO III

ARTIGO EMPÍRICO - “SEI QUE UM DIA EU TIVE UM PAI”: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ESTADO DE DEPRIVAÇÃO E A TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL NO ADOLECENTE FACE AO DIVÓRCIO PARENTAL	107
1 A família na atualidade	108
2 E o divórcio parental?	110
3 Retomando conceitos: a privação e a tendência anti-social.....	113
4 Ouvindo adolescentes com indicadores de tendência anti-social (Método).....	115
4.1 Caso 1 - <i>Minha mãe parou de ouvir.... Meu pai é um estranho</i>	118
4.2 Caso 2 - <i>Sei que um dia tive um pai</i>	120
4.3 Caso 3 - <i>Não sinto falta do meu pai ... Sinto muita raiva</i>	122
5 As discontinuidades nos relacionamentos entre os adolescentes e seus pais.....	125
 PALAVRAS FINAIS	 129
 REFERÊNCIAS	 131
 ANEXOS	 139
 Anexo A. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	 139
Anexo B. Carta Consulta	140
Anexo C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	142

Anexo D. Entrevista com os Pais	143
Anexo E. Entrevista com os Adolescentes	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados gerais dos estudos de caso	33
Tabela 2 - Número de encontros para cada instrumento	34

RESUMO

Este estudo buscou analisar e compreender as características dos relacionamentos entre pais e filhos no cenário do divórcio, na perspectiva de adolescentes com indicadores de tendência anti-social, definida de acordo com o vértice psicanalítico de Winnicott (1956/2000). Para este autor, crianças e adolescentes podem apresentar desajustes em seu comportamento, quando passaram por algum tipo de ruptura na continuidade dos cuidados exercidos pelo ambiente, ocasionando o que ele chamou de estado de deprivação. Com uma abordagem qualitativa, através de estudos de casos múltiplos, buscou-se identificar indícios de deprivação nestes adolescentes. O enquadre teórico tomado como referência também se baseou nas contribuições dos estudiosos da família, que vêm pesquisando as repercussões da separação dos pais sobre os filhos e nos estudos sobre o divórcio. Os participantes do estudo foram três adolescentes, de 12, 13 e 15 anos de idade; a primeira do sexo feminino e os outros dois do sexo masculino. O acesso aos casos foi feito através de uma escola de ensino privado, com alunos de classe média, situada na região metropolitana de Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas, com os pais e com os adolescentes. Também foram utilizados instrumentos tais como: HTP, Desenho da Família e Teste das Fábulas. Os resultados sugerem uma associação entre os sintomas destes adolescentes e as rupturas e descontinuidades dos cuidados parentais. Todos esses adolescentes tiveram um início de vida suficientemente bom, mas passaram por vivências de deprivação ainda na primeira infância. As manifestações de tendência anti-social desses adolescentes foram compreendidas como um reclame pelos cuidados parentais perdidos.

Palavras-chave: adolescente, tendência anti-social, deprivação, divórcio, relacionamentos.

ABSTRACT

This study sought to analyze and understand the characteristics of the relationships between parents and children in the context of divorce, from the perspective of adolescents with indicators of antisocial tendency, as defined by Winnicott's psychoanalytical theory (1956 / 2000). For Winnicott, children and adolescents who undergo some kind of disruption in the continuity of parental care may display behavioral maladjustments, which cause what he called a state of deprivation. With a qualitative approach, through the study of multiple cases, signs and symptoms of deprivation were sought in these adolescents. The theoretical fundamentals used as reference were also based on studies on divorce and on contributions from family experts and scientists, who have researched the impacts of parental separation on children. The subjects were one female aged 12, and two males aged 13 and 15. The access to these cases was made possible through a private school attended by middle-income students, located in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul state, Brazil. Individual semi-structured interviews were conducted with both parents and adolescents. Other instruments used were as follows: HTP, the Family Drawing Test, and the Fables Test. The results suggest an association between the symptoms displayed by these adolescents and the disruptions and discontinuities in parental care. All these adolescents had a sufficiently good beginning in life, but experienced deprivation still in their early childhood. The manifestations of antisocial tendency shown by these adolescents who lost parental care were understood as a complaint about this loss.

Key words: adolescent, antisocial tendency, deprivation, divorce, relationships.

INTRODUÇÃO

As relações entre pais e filhos na atualidade estão inseridas num cenário complexo, composto por famílias nas mais diversas composições e configurações. No estudo a ser apresentado nesta dissertação, enfocamos os relacionamentos de adolescentes que apresentam indicadores de tendência anti-social com seus pais, no contexto do divórcio.

O divórcio parental e suas repercussões tem sido foco freqüente de pesquisas entre estudiosos da infância e adolescência, que identificam nesta transição familiar um campo vulnerável ao aparecimento nos filhos de ressentimentos, decepções e sintomas (Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Sourander & Helestelä, 2005; Wallerstein & Kelly, 1998). O divórcio representa uma ruptura de um ciclo na família, às vezes precipitando o afastamento de uma das figuras parentais ou fragilizando o relacionamento entre o filho e uma ou ambas as figuras parentais. Em algumas situações, os filhos, no meio de uma guerra conjugal, assistem a uma quebra do *holding* familiar. Onde há guerra, há sobreviventes em busca do amparo.

Foi também no contexto da Segunda Guerra Mundial que o psicanalista Winnicott (1956/2000) desenvolveu sua teoria a respeito da tendência anti-social, assistindo a muitos protestos e condutas destrutivas por parte de crianças e adolescentes que vivenciaram o efeito da separação e de perda dos pais. Segundo sua teoria, estes jovens sofriam de privação, instalada a partir da vivência de ruptura da continuidade dos cuidados parentais. Winnicott (1956/2005) distinguiu basicamente dois grupos: os que apresentavam tendência anti-social, como um pedido de ajuda e esperança de resgatar os cuidados parentais e os que apresentavam um comportamento delinqüente, com defesas mais cristalizadas, sem esperança.

Articulando os conceitos de Winnicott, alguns autores ressaltam a importância que o tema da tendência anti-social tem para a clínica psicanalítica contemporânea (Bogomoletz, 2007; Loparic, 2006; Outeiral, 1991; Safra, 2002). A psicanálise, desde Freud, passou por reformulações, no que diz respeito à etiologia de alguns distúrbios, entre eles os comportamentos anti-sociais. A psicanálise tradicional entendia estes problemas como provenientes de uma culpa originada pela conflitiva edípica. Winnicott introduziu um novo paradigma à psicanálise quando provou que tais comportamentos eram causados pela falha ambiental ocorrida a partir da fase da dependência relativa (Loparic, 2006).

Então, encontramos na teoria psicanalítica de Winnicott o entendimento de vários desajustes no comportamento, surgidos, ressurgidos ou potencializados no adolescente face ao divórcio dos pais, diante da fragilização dos cuidados parentais. Neste estudo, enfocamos a tendência anti-social quando ainda há a esperança de resgatar os cuidados perdidos e não propriamente a delinqüência.

É preciso também considerar que, a despeito da guerra provocada muitas vezes pela separação dos pais, percorremos outro cenário povoado de conflitos, que diz respeito ao processo adolescente: uma parte buscando a autonomia, e a outra dependendo ainda de cuidados parentais. Segundo Levisky (2001), o adolescente luta pela ruptura dos padrões infantis, necessária para o desenvolvimento da autonomia e individuação. Para Outeiral (2008), a transformação dos vínculos infantis com os pais para outro tipo mais maduro não significa uma ruptura do adolescente com a família. Com isso, podemos entender que, nesta fase evolutiva, respeitando sua necessidade de autonomia, o adolescente ainda necessita da continuidade dos cuidados parentais.

Para compreender o adolescente com indicadores de tendência anti-social, no contexto do divórcio parental, optamos, dentro de uma perspectiva qualitativa, na realização de estudos de casos múltiplos, analisando-os de acordo com as proposições

teóricas de Yin (2005). Os resultados foram interpretados de acordo com o vértice psicanalítico de Winnicott, articulados à revisão dos estudos atuais sobre o divórcio e as suas repercussões sobre o adolescente.

Na primeira seção dessa dissertação é apresentado o Relatório da Investigação, contendo a descrição detalhada do método utilizado para coleta e análise dos dados. Na segunda sessão apresentamos a revisão da literatura, intitulada: *Adolescência e divórcio parental: continuidade e rupturas dos relacionamentos*. Nesta, procuramos apresentar uma síntese dos estudos revisados que associam adolescência e divórcio parental, destacando as principais metodologias, perspectivas teóricas e, principalmente, as conclusões. Este levantamento foi relevante para a realização das análises dos dados deste estudo.

A terceira seção apresenta e discute os resultados da investigação, que foram sintetizados em um Artigo Empírico. Este leva o seguinte título: *Sei que um dia eu tive um pai: considerações a respeito do estado de privação e a tendência anti-social no adolescente face o divórcio dos pais*. De forma sucinta, apresenta-se um resumo dos casos e das análises realizadas. Discorre-se sobre a teoria da tendência anti-social de Winnicott, apontando os indícios de privação materna e paterna dos casos apresentados, integrando os achados com as conclusões da revisão da literatura. Seguem-se as palavras finais, trazendo reflexões gerais a respeito do processo da pesquisa realizada.

SEÇÃO I

RELATÓRIO DE PESQUISA

Este estudo buscou investigar, analisar e compreender as características dos relacionamentos estabelecidos entre pais e filhos no cenário do divórcio¹ em adolescentes com indicadores de tendência anti-social, definida de acordo com o vértice psicanalítico de D. Winnicott (1956/2000). Para este autor, crianças e adolescentes podem apresentar esta peculiaridade em seu comportamento, quando passaram por algum tipo de ruptura na continuidade dos cuidados exercidos pelo ambiente, ocasionando o que ele chamou de estado de deprivação²

Partindo desta concepção, buscou-se, numa abordagem qualitativa, através de estudos de casos múltiplos, identificar indícios de deprivação em adolescentes que vivenciaram o divórcio parental, selecionados a partir de seus desajustes manifestados no ambiente escolar. O enquadre teórico tomado como referência também incluiu as contribuições dos teóricos da família, que vêm pesquisando as repercussões da separação dos pais sobre os filhos, tais como Amato (2001), Hetherington e Stanley-Hagan (1999), Kelly & Emery (2003), Souza e Ramires (2006), Wagner e Feres-Carneiro (1998) e Wallerstein e Kelly (1998).

¹ Neste trabalho, a expressão divórcio inclui todas as separações e dissoluções do vínculo conjugal, em que um dos cônjuges passa a viver em outro lar.

² A expressão *deprivation* é encontrada no texto original em inglês (Winnicott, 1956/1987) e não tem equivalente no português. Optou-se por manter a proposta original do autor, que distingue deprivação (quando a criança teve bons cuidados que foram perdidos) e privação (quando a criança nunca teve esses cuidados).

Além disso, foram revisados estudos que associam adolescência e divórcio parental (Dunlop, Burns & Bermingham, 2001; Sourander & Helstelä, 2005; Souza, 2000; Storcken, I., Roysamb, E., Moum, T. & Tambs, K., 2005). Entendemos, como colocam Wagner, Falcke e Meza (1997), que integrar todas as demandas da fase adolescente, num cenário cultural e familiar multifacetado e em pleno processo de modificação, muitas vezes, significa deparar-se com um agravamento das crises inerentes à adolescência e ao ciclo evolutivo do sistema familiar.

O divórcio parental é considerado como um dos focos de pesquisas de maior atenção dos estudiosos da infância e adolescência. Provavelmente, este interesse esteja associado ao número crescente de separações, como também de recasamentos. No entanto, o aumento das taxas de separação conjugal contrasta com o reduzido número de pesquisas qualitativas sobre o tema (Brito, 2007). Tais pesquisas produzem construções de novos significados, na medida em que, ao invés da amplitude, se opta pela profundidade (Cezar-Ferreira, 2004), sendo este aspecto pertinente quando o tema está associado às relações familiares.

A idéia deste foco de pesquisa surgiu da prática na clínica psicológica de crianças e adolescentes, em que se constata a freqüência de encaminhamentos efetuados pelo surgimento ou incremento de diversos sintomas, no contexto de rupturas da estrutura familiar. As transições familiares, como o divórcio, muitas vezes são necessárias, pertinentes, movidas pelo potencial de saúde do ser humano. Apesar disso, normalmente geram ansiedade, temores, dúvidas e, por vezes, sintomas. Na clínica de crianças e adolescentes é comum os encaminhamentos para atendimento emocional, diante da crise conjugal de seus pais. Isto normalmente acontece quando um dos filhos passa a apresentar algum sintoma ou desajuste, que muitas vezes aparece ou se incrementa antes, durante ou depois da transição familiar.

Os pais, diante da crise conjugal ou vivendo ajustes pós-separações, acertos, desacertos, mágoas, etc., muitas vezes desamparam seus filhos, envolvendo-os em disputas, em alguns casos até provocando a descontinuidade dos cuidados básicos para com eles (Lang, 2000). Além disso, correm o risco de não perceberem o sofrimento que esta situação desperta também na criança. E aí se torna comum que outros profissionais, como por exemplo, professores, acabem por detectar os sinais. Abordando o divórcio parental, Wallerstein e Kelly (1998) comentam que os professores observam com mais objetividade quando o comportamento da criança muda. Para muitos alunos, o aumento da ansiedade e preocupação com a dissolução familiar traz problemas de concentração, desempenho escolar insuficiente e mudanças de comportamento. É preciso avaliar, em cada caso particularmente, se os sintomas estão associados à vivência do divórcio parental ou ao menor investimento dos pais nos cuidados parentais (Wallerstein & Kelly, 1998).

Independentemente da metodologia empregada ou da linha teórica, os autores que estudam as possíveis repercussões do divórcio sobre os filhos têm citado os desajustes no comportamento como uma das possíveis manifestações por parte dos filhos (Almeida, Peres, Garcia & Pellizzar, 2000; Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Kelly & Emery, 2003; Sourander & Helstelä, 2005), principalmente no primeiro ano após a separação (Cohen, 2002; Harland, Reijneveld, Brugman, Verloove-Vanhorick & Verhulst, 2002; Lansford et al., 2006). Nesse sentido, pensamos em investigar até que ponto estes problemas comportamentais, intensificados no início do período pós-divórcio, são desencadeados por uma ameaça ou perda real do *holding* familiar, gerando o estado de deprivação, que desencadeia a tendência anti-social, tal qual foi entendida por Winnicott.

Para Winnicott (1956/1987), há uma diferença entre a privação e a deprivação que nos parece importante de ser destacada: a privação se refere a uma falta de algo que nunca se teve, ocorrendo na fase de dependência absoluta, quando não há ainda consciência do

ambiente; a privação ocorre a partir da fase de dependência relativa e aparece quando a criança perde algo bom que já experimentou. Através de um protesto inconsciente começam as manifestações de tendência anti-social, como uma forma de resgatar os “direitos perdidos”. Winnicott (1971/1984) descreve que sintomas relacionados às dificuldades de asseio, furto estão associadas à privação materna, ao passo que agressividade e/ou violência à privação paterna.

Fundamentado na teoria winnicottiana, o tema da tendência anti-social também está sendo estudado por autores contemporâneos, porém com enfoque nas crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social (Alexandre, 2006; Garcia, 2004; Vilhena & Maia, 2002). Estes estudos têm concluído que há um entrelaçamento entre a tendência anti-social e a falha no exercício das funções parentais. Winnicott (1956/2005) desenvolveu a teoria da tendência anti-social, observando as reações de crianças e adolescentes face às rupturas familiares, provocadas pela Segunda Guerra Mundial, distinguindo basicamente dois grupos: os que apresentavam tendência anti-social, como um pedido de ajuda, com esperança de resgatar os cuidados parentais e os que apresentavam um comportamento delinqüente, com defesas mais cristalizadas e sem esperança. Existe para Winnicott, uma graduação entre a agressividade natural, a tendência anti-social e a delinqüência (Abram, 2000; Bogomoletz, 2006; Hack, 2007).

Em nosso estudo, abordamos a tendência anti-social como manifestação de esperança, buscando refletir em que medida a vivência do divórcio parental configura-se num campo minado vulnerável ao aparecimento do estado de privação. Também procuramos indagar se existem outras causas, não dependentes e anteriores ao processo de separação, entre elas a história dos relacionamentos entre pais e filhos e as possibilidades de já ter havido outras privações.

Portanto, o foco desta pesquisa foi: A tendência anti-social e a privação em adolescentes entre 12 e 15 anos que experimentaram o divórcio parental nos últimos 2 anos.

1 Objetivos

1) Analisar e compreender as características dos relacionamentos estabelecidos entre pais e filhos no cenário do divórcio, em adolescentes entre 12 e 15 anos com indicadores de tendência anti-social;

2) Avaliar na história familiar a presença de indícios de privação;

3) Contribuir para o campo de conhecimentos relacionados ao divórcio e suas implicações para os filhos e sua saúde mental, de uma perspectiva psicanalítica.

2 Método

2.1 Delineamento

Esta pesquisa foi pautada por uma abordagem qualitativa-exploratória, a partir da realização de Estudos de Casos Múltiplos (Yin, 2005).

Na pesquisa qualitativa não há necessidade de um grande número de participantes, uma vez que, nessa modalidade de pesquisa, opta-se pela profundidade, em detrimento da amplitude. (Cezar-Ferreira, 2004). A pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41). O objetivo principal é o de aprimorar idéias ou descobrir intuições. O planejamento desta pesquisa é flexível, considerando os vários

aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria das vezes, a pesquisa exploratória assume a forma de pesquisa bibliográfica ou então de estudo de caso.

O estudo de caso é uma modalidade bastante utilizada nas ciências biomédicas e sociais, consistindo no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. A utilização de múltiplos casos é bastante freqüente nas pesquisas sociais, proporcionando evidências inseridas em contextos diferentes, colaborando para a elaboração de uma pesquisa de melhor qualidade (Yin, 2005).

Considerou-se apropriada esta modalidade de pesquisa, na medida em que se buscou identificar uma possível associação entre experiências de privação e comportamento anti-social em adolescentes que vivenciaram o divórcio parental, como também entender as características dos relacionamentos estabelecidos entre eles e seus pais.

2.2 Participantes

Os participantes foram três adolescentes, de 12, 13 e 15 anos de idade; a primeira do sexo feminino e os outros dois do sexo masculino. O acesso aos casos foi feito através de uma escola de ensino privado, com alunos de classe média, situada na região metropolitana de Porto Alegre. A seleção inicial foi feita pelo Setor Psicopedagógico e os estudos de casos foram realizados no consultório da mestranda.

O Setor Psicopedagógico da escola selecionou e encaminhou os casos para a pesquisa com base nos critérios de inclusão, previamente apresentados pela mestranda, contidos em seu projeto inicial. Os casos não foram encaminhados na mesma época. Conseqüentemente, não foram avaliados de forma simultânea. Dessa forma, foi possível

avaliar em profundidade um de cada vez. Diante da repetição de alguns aspectos observados nos três casos, considerou-se suficiente esse número.

2.2.1 Critérios de inclusão

a) Adolescentes com idade entre 12 e 15 anos;

No projeto original foi sugerida inicialmente uma faixa mais ampla de idade, ou seja, entre 7 e 15 anos. Com isso, nosso objetivo era constatar a existência ou não de uma concentração maior de encaminhamentos em determinada faixa idade. Não incluímos menores de 7 anos, para não correr o risco de avaliar crianças cujo processo de separação dos pais tenha ocorrido num período muito precoce de seu desenvolvimento. Do contrário, poderíamos nos defrontar com casos de privação e não de deprivação. Também não incluímos adolescentes tardios, porque outras variáveis interferem nesta etapa de seu desenvolvimento, como por exemplo, escolha profissional e o término de uma etapa escolar.

A partir da discussão na Banca de Qualificação, e diante dos primeiros encaminhamentos, decidimos restringir a faixa etária da pesquisa para a adolescência inicial e média, tendo em vista que a demanda da escola pareceu estar relacionada com esta faixa etária. Além disso, encontramos na literatura muitos estudos no contexto do divórcio, focalizando as reações e percepções de adolescentes em idade semelhante (Freeman & Newland, 2002; Dunlop et al., 2001; Harland et al., 2002; Souza; 2000; Wolchik et al., 2002).

b) Indicadores de problemas de comportamento;

Este foi um dos critérios bem discutido com o Setor Psicopedagógico, que considerou os seguintes desajustes: conduta desafiante, não cumprimento das tarefas

escolares; desatenção; agressividade verbal e/ ou física; mentira; desinteresse; dificuldade de relacionamento com os colegas.

c) *Não estar em atendimento psicológico;*

Na medida em que a proposta era a realização de estudos de caso, considerou-se que o fato do aluno estar em atendimento emocional poderia interferir nos resultados da avaliação. Além disso, levando em conta que a pesquisa se propunha a uma investigação profunda dos relacionamentos entre pais e filhos, nos pareceu que não seria ético, na medida em que os procedimentos desta pesquisa poderiam interferir no próprio atendimento em andamento.

d) *Pais separados ou divorciados até no máximo 2 anos;*

No projeto inicial, prevíamos incluir casos cujo tempo de separação fosse de até 5 anos. Decidimos reduzir o tempo para 2 anos, para evitar que outras variáveis pudessem interferir nos sintomas, e também levando em consideração o que a literatura revisada nos aponta sobre isso. O tempo de separação pode ser uma variável importante na adaptação do filho frente ao divórcio dos pais (Hetherington & Stanley- Hagan, 1999; Kelly & Emery, 2003; Wallerstein & Kelly, 1998).

e) *Autorização dos pais em participar da pesquisa;*

O Setor Psicopedagógico da escola entrou em contato com os pais dos alunos indicados, sugerindo a participação na pesquisa e apresentando para eles a carta de apresentação da mestranda (Anexo B). Nesse momento, os pais assinaram um documento concordando com a participação na pesquisa.

f) *CBCL – Problemas de externalização*

Após a concordância dos pais em participar da pesquisa, o genitor que detinha a guarda do filho recebeu do Setor Psicopedagógico um formulário do CBCL - Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência – (Achenbach, 1991), que foi preenchido por

ele e também por um dos professores. Os três adolescentes viviam com suas mães. A utilização do CBCL neste momento teve por objetivo identificar, segundo a visão dos pais e professores, adolescentes que apresentassem indicadores de problemas de comportamento. Foram incluídos na pesquisa os alunos que tiveram escore clínico em problemas de externalização. Esse critério foi adotado na tentativa de obter uma garantia de que participariam da pesquisa aqueles que de fato apresentavam indicadores de problemas na área da conduta.

2.2.2 Critérios de exclusão

- a) Alunos com menos de 12 anos e mais de 15 anos;
- b) Alunos apresentando problemas de aprendizagem apenas, sem problemas comportamentais;
- c) Alunos com diagnóstico de deficiência mental;
- d) Alunos que estavam realizando psicoterapia ou outro tipo de atendimento emocional;
- e) Pais separados há mais de 2 anos;
- f) Alunos que não concordaram em participar da pesquisa;
- g) Alunos, cujos pais não concordaram em participar da pesquisa;
- h) Resultados do CBCL não compatíveis com problemas de externalização.

2.3 Procedimentos

Em junho de 2006, a mestrandia visitou duas escolas (uma do ensino privado e outra da rede pública), ambas com alunos de classe média, situadas no bairro de seu consultório. Neste contato, inicialmente foi colhido o parecer dos responsáveis pelo Setor

Psicopedagógico, com suas observações a respeito dos alunos que vivem no contexto do divórcio parental.

Nas duas escolas, os depoimentos foram semelhantes. Em ambas foi referido que é possível observar alguns casos que não modificaram o comportamento a partir do divórcio parental. Nestes parece haver uma suficiente preservação dos cuidados básicos por parte dos pais. Em outros casos, há uma mudança no comportamento depois do divórcio parental. Nestes são observados um ou mais dos seguintes desajustes: dificuldades de organização, tarefas não cumpridas, falta de material escolar apropriado, desinteresse. Alguns desses casos também apresentam condutas mais desafiadoras e agressividade para com os professores e/ou colegas. Os responsáveis pelo Setor Psicopedagógico da escola associaram tais comportamentos às instabilidades e abandonos por parte de um dos pais.

Em ambas as escolas foram observados problemas de conduta mais acentuados na adolescência. Porém, a intensidade dos problemas comportamentais variou de uma escola para a outra. Na escola da rede pública, foram referidas condutas mais destrutivas e violentas, tais como: roubo de pertences de colegas de aula, agressividade física dirigida a colegas, afronta verbal aos professores. Na escola da rede de ensino privado, os problemas mais observados foram o não cumprimento das tarefas, desafios verbais dirigidos aos professores e brigas entre os colegas.

Num segundo momento da visita, foi feita a proposta de pesquisa. Em ambas as escolas, houve total receptividade e concordância em relação à proposta, avaliando-a como pertinente e bem vinda. Foi solicitado por parte da mestrandia autorização da direção da escola, que emitiu um parecer positivo. Um mês depois, a escola de ensino privado encaminhou o primeiro caso. Na mesma época, a escola da rede pública suspendeu sua participação no estudo, por que o Setor Psicopedagógico precisou ser fechado por tempo indeterminado, devido à falta de professores na escola.

Por ocasião do primeiro encaminhamento, a mestranda buscou na escola a carta consulta assinada pela mãe e pelo pai e o protocolo do CBCL preenchido. Esse procedimento foi seguido em todos os casos sugeridos pela escola. Dos 4 casos encaminhados, excluímos um deles, cujo resultados do CBCL não era compatível com problemas de externalização.

Os pais já tinham conhecimento que o estudo de caso seria realizado no consultório da mestranda. Após a confirmação dos resultados do CBCL, indicando escore clínico em problemas de externalização, a mestranda fazia seu primeiro contato com a mãe dos adolescentes, que detinham a guarda do filho. Em um contato telefônico, em que se verificou os horários disponíveis para a realização do estudo, marcava-se então a primeira entrevista com a mãe no consultório.

Após ter sido concluída a coleta de dados com a mãe, a mestranda entrava em contato com o pai, da mesma forma como fez com a mãe, para dar continuidade à coleta. Depois de concluídas as entrevistas com os pais, eram realizadas as entrevistas com os adolescentes. Os horários para as entrevistas dos adolescentes eram inicialmente combinados com as mães. Depois eram recombinados com eles na sua primeira entrevista.

2.3.1 Procedimentos Éticos

O projeto de pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, que o aprovou, sob o registro nº CEP 07/021 (Anexo A). O comitê também aprovou a carta consulta da mestranda (Anexo B) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C).

O TCLE apresenta os esclarecimentos necessários apresentados a cada um dos pais na primeira entrevista. Foi neste momento que os pais assinaram o documento. A coleta de dados só foi iniciada depois desse momento.

2.3.2 Procedimentos de Coleta de Dados

Para a realização do Estudo de Caso foram utilizados os seguintes instrumentos e procedimentos:

a) *Child Behavior Checklist (CBCL)* - Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência (Achenbach, 1991).

Como mencionado, este instrumento foi aplicado antes do início das entrevistas. Consiste em um teste validado internacionalmente e utilizado para investigar manifestações clínicas na infância e adolescência. No Brasil, o CBCL foi adaptado por Bordin, Mari, e Caeiro (1995). Escores acima de 63 pontos são considerados como categoria clínica. Esta pontuação é utilizada na versão americana e brasileira. O teste é composto de duas partes, a primeira das quais avalia a competência social da criança ou do adolescente em áreas como atividades (esportes, hobbies, tarefas domésticas), relacionamentos sociais e performance escolar; a segunda parte apresenta uma lista de 113 comportamentos e/ou sintomas que podem ou não estar presentes em maior ou menor intensidade, nas seguintes áreas (problemas de externalização: comportamento de quebrar regras e comportamento agressivo; problemas de internalização: ansiedade/depressão, isolamento e queixas somáticas; outros problemas: problemas de pensamento, problemas de atenção e problemas sociais).

b) Entrevistas com os Pais

Por se tratar de pais divorciados, foram realizadas entrevistas individuais com as mães e pais dos adolescentes. O número de entrevistas com eles não foi determinado *a priori*, respeitando-se com isso as características e necessidades de cada caso.

Na primeira entrevista com cada pai foi feito, primeiramente, um esclarecimento quanto à participação na pesquisa, explicando-lhes as etapas. Após concordância, obteve-se o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Anexo C) e iniciou-se a Anamnese.

A Anamnese foi realizada com o intuito de coletar dados a respeito da história do adolescente, bem como da história familiar, da relação dos pais entre si, com os filhos e com o meio familiar próximo (Aberastury, 1984; Coppolillo, 1990). Com a coleta de dados feita, é possível formar um “juízo aproximado sobre as relações do grupo familiar e em especial do casal” (Aberastury, 1984, p.81), baseado na impressão deixada pelas entrevistas ao reconsiderar todas as informações recolhidas.

Os dados que os pais nos colocam à disposição nem sempre são exatos; ao contrário, às vezes são deformados ou superficiais. Durante a entrevista podem omitir dados, devido à angústia que esse conhecimento provoca (Aberastury, 1984). Por isso, optou-se pela entrevista semi-estruturada, para conseguir obter os dados mais relevantes, que freqüentemente não são falados espontaneamente, com o cuidado de não parecer um interrogatório, com os pais sentindo-se julgados. Este modelo de entrevista é um procedimento que tem sido amplamente usado em pesquisas qualitativas (Flick, 2004). As questões norteadoras dessas entrevistas são apresentadas no Anexo D.

Um aspecto que foi bastante explorado nas entrevistas com os pais é a história do conflito que levou à separação, bem como o nível de relacionamento atual entre os pais e a descrição do relacionamento com os filhos, antes, durante e depois do divórcio.

c) Entrevistas com os Adolescentes

Na primeira entrevista, foi examinado o assunto da vinda até a consulta, bem como obtida uma visão geral da vida do avaliado.

A primeira e as demais foram entrevistas semi-estruturadas, enfocando questões relacionais. No geral, foram abordadas com o adolescente suas percepções e sentimentos em relação ao divórcio parental, bem como seus relacionamentos com as figuras parentais, antes, durante e depois da separação.

O protocolo seguido nas entrevistas com os adolescentes encontra-se no Anexo E.

d) *Desenho da Família*

O Desenho da Família é considerado um teste de personalidade, que informa os conflitos íntimos da criança. Este instrumento permite que ela projete as tendências recalçadas em seu inconsciente, podendo assim revelar os verdadeiros sentimentos nutridos pelos membros de seu ambiente familiar (Corman, 2003). “A maneira pela qual a criança se situa no ambiente de uma família de sua escolha, introduz-nos na própria causa de seus problemas e de suas dificuldades” (p.177).

e) *HTP-Casa-Árvore-Pessoa*

A técnica projetiva de desenho da Casa-Árvore-Pessoa tem sido utilizada há mais de 50 anos para obter informação sobre “como uma pessoa experencia sua individualidade em relação aos outros e ao ambiente do lar” (Buck, 2003, p.1). Nesta versão atual do HTP, houve a preocupação de preservar a riqueza dos manuais anteriores de John Buck e, ao mesmo tempo, melhorar o acesso aos conceitos clínicos interpretativos. Quando relacionadas à entrevista e a outros instrumentos de avaliação, as informações do HTP podem revelar conflitos e interesses gerais do indivíduo, como também, aspectos problemáticos do ambiente.

f) *Teste das Fábulas*

Utilizado com as crianças e com os adolescentes, o Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993) é um instrumento útil para a compreensão psicodinâmica. Permite identificar crises situacionais e de desenvolvimento, conflito neurótico, transtornos neuróticos e psicóticos. É rico também para identificar a natureza das relações entre a criança ou adolescente e seus pais ou cuidadores.

g) *Entrevistas de devolução*

Após a análise dos dados, foram feitas entrevistas de devolução para os pais e para os adolescentes, individuais ou conjuntas, dependendo de cada caso, com intervenções

focais, de acordo com a demanda de cada caso estudado. Como propõe Coppolillo (1990), ao rever os dados encontrados no estudo realizado, devem ser realizadas entrevistas com recomendações que são essenciais no momento, sempre respeitando os valores morais e culturais de cada família em particular.

Este foi também um compromisso assumido com os participantes desse estudo, ou seja, eles tinham consciência, e de alguma forma esperavam por isso, que receberiam um retorno a respeito do entendimento da situação como um todo, bem como do significado dos sintomas do adolescente.

2.3.3 Procedimentos de Análise dos Dados

Todas as entrevistas com os pais foram gravadas e posteriormente transcritas sob autorização. As entrevistas com os adolescentes foram relatadas detalhadamente, de forma dialogada, incluindo a descrição de seu comportamento não verbal e das respostas ao mesmo da pesquisadora.

Os testes foram interpretados de acordo com a instrução referente a cada instrumento. Foram também comparadas as respostas do CBCL emitidas pelos pais e pelos professores.

O conjunto dos dados de cada estudo de caso foi analisado com base no referencial teórico psicanalítico, especialmente nas contribuições de Winnicott, e na revisão de pesquisas sobre o divórcio.

A estratégia analítica geral adotada foi baseada em proposições teóricas, de acordo com Yin (2005). Foram percorridas as seguintes etapas:

1º. Passo:

Realizou-se uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma **cronológica** (seguindo os eventos importantes da história da vida familiar dos

adolescentes, de acordo com a percepção dos seus pais e a sua própria) e **temática** com base nas seguintes categorias de análise: “relacionamentos entre os adolescentes e seus pais”, conforme foram descritos por ambos, “eventos significativos de vida”, na percepção de ambos, “eventos estressores”, também na percepção de ambos, “organização da personalidade do adolescente, auto-conceito e percepção do ambiente”, baseada no HTP, “representações inconscientes das relações com os objetos primários”, baseada nos resultados do Teste do Desenho da Família e do Teste das Fábulas.

2º. Passo:

Foi utilizada a técnica de Construção da Explicação (Yin, 2005), com o objetivo de analisar exaustivamente os dados de cada estudo de caso e construir uma explicação psicodinâmica sobre o mesmo. Todos os dados (entrevistas e testes) e resultados foram integrados na compreensão geral do estado afetivo e psicossocial do adolescente, identificando a ocorrência de experiências de privação emocional e sua relação com o divórcio parental, ou outros eventos que tiveram algum impacto sobre as relações objetivas significativas dos adolescentes avaliados.

No projeto original da pesquisa foi previsto também um terceiro passo para a análise, ou seja, a técnica de Análise de Séries Temporais, na modalidade cronológica (Yin, 2005). Porém, esse passo foi incorporado ao 2º passo. Com a Construção da Explicação já foi possível explorar os eventos ao longo da história de vida do adolescente, identificando a ocorrência de experiências de privação emocional e discriminando as diversas variáveis e eventos envolvidos na dinâmica do caso, de acordo com nossos objetivos iniciais. Portanto, depois de realizarmos a Construção da Explicação iniciamos a Síntese de Casos Cruzados, que constituem o 3º passo de análise dos dados.

3º. Passo:

Foi utilizada a técnica de Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2005), com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso em particular, identificando convergências e divergências e buscando, desta forma, evidências que auxiliassem a identificar ou não as associações entre experiências de privação, divórcio parental e comportamento anti-social nos adolescentes avaliados.

3 Resultados e Discussão

Em todos os estudos de caso realizados seguiu-se a seqüência planejada. Houve variabilidade quanto ao número de entrevistas necessárias para a coleta dos dados iniciais, bem como para as entrevistas de devolução. Estas, particularmente, foram determinadas pela capacidade de compreensão e assimilação das questões levantadas pela mestranda. Basicamente, apontou-se nos três casos a necessidade de resgatar a continuidade dos cuidados parentais, que ficou fragilizada a partir da vivência do divórcio. Além disso, discorreu-se também a respeito do significado dos sintomas que os adolescentes estavam apresentando. A devolução foi baseada no levantamento de dados e análise subseqüentes de cada um dos casos. Em todos, foram sugeridos encaminhamentos para atendimento psicológico.

No primeiro caso foram realizadas entrevistas conjuntas com a adolescente e sua mãe e com a adolescente e o pai. Este procedimento foi adotado por solicitação da adolescente que manifestou a necessidade de verbalizar para os pais suas percepções e sentimentos acerca dos relacionamentos que tinha com eles.

A tabela 1 apresenta os dados gerais de identificação de cada caso. A tabela 2 registra o número de entrevistas realizadas, bem como os instrumentos utilizados no estudo de caso.

Tabela 1

Dados gerais dos estudos de caso

Casos selecionados	Idade	Sexo	Escolaridade	Tempo de separação dos pais
Caso 1	12	F	6 ^a série	8 meses
Caso 2	13	M	8 ^a série	4 meses
Caso 3	15	M	2 ^a série – 2 ^o grau	1 ano e 6 meses

Tabela 2

Número de encontros para cada instrumento

	Caso 1	Caso 2	Caso 3
Entrevistas semi-estruturadas com mãe	2	3	3
Entrevistas semi-estruturadas com pai	1	2	2
Entrevistas semi-estruturadas com adolescente	3	2	3
Sessões de testagem psicológica	3	3	3
Entrevistas conjuntas com adolescente e mãe	2	0	0
Entrevistas conjuntas com adolescente e pai	1	0	0
Entrevistas de devolução com adolescente	3	3	4
Entrevistas de devolução com mãe	1	2	1
Entrevistas de devolução com pai	1	2	1
Total de encontros	17	17	17

3.1. Caso 1

3.1.1 Descrição

Nome da Adolescente: Patrícia – 12 a.

Nome da Mãe: Sandra

Nome do Pai: Antônio

Dois meses depois da separação dos pais, Patrícia começou a manifestar desajustes na escola que não apresentava nos anos anteriores, tais como: desinteresse pelo estudo, decréscimo no rendimento, afronta aos professores, “ficar” (beijar) com os guris no pátio

da escola. Em função disso, os pais foram chamados pelo Setor Psicopedagógico. Patrícia iniciou esta avaliação 8 meses depois da separação dos pais.

A separação do casal ocorreu por iniciativa de Sandra. O motivo alegado foi a descoberta de um relacionamento extra-conjugal de Antônio. Desde a separação, ele mora com esta nova companheira. No entanto, freqüenta a casa, onde mora a ex-esposa com as duas filhas, manifestando o desejo de reconciliação. Sandra, no momento da avaliação, tinha um namorado que não freqüentava a casa.

A mãe descobriu o envolvimento do marido, escutando uma conversa telefônica dele com um amigo. Familiares e amigos do casal já sabiam deste relacionamento, iniciado um ano antes. Depois da descoberta, Sandra verbalizou que lutou muito para manter o casamento. Relatou episódios de agressividade de sua parte, batendo, por exemplo, na amante, fazendo 'escândalos' em público. Alguns meses antes da avaliação, depois de Antônio ficar três dias fora de casa, "mandou-o" embora.

O relacionamento extra-conjugal do pai coincidiu com o início de uma crise econômica na família. Segundo relato de ambos os pais de Patrícia, o setor no qual Antônio trabalhava foi perdendo mercado havendo não apenas uma queda econômica, mas o acúmulo de dívidas, que existem até hoje. Ambos os pais de Patrícia trabalham exaustivamente. Além disso, Antônio tem passado por mudanças de emprego.

Segundo Sandra, o casal se conheceu há quinze anos. Na ocasião, ela, com pouco mais de vinte anos, tinha sua independência financeira. Começaram a namorar e logo decidiram morar juntos no apartamento dela. Quando passavam por uma crise, em que se questionavam quanto à continuidade ou não desse relacionamento, Sandra engravidou de Patrícia. A partir daí, decidiram permanecer juntos. Casaram por pressão da avó paterna de Patrícia. A partir daí viveram um relacionamento muito bom por dez anos.

Sandra definiu-se como uma pessoa de temperamento bem difícil, sendo muito explosiva. Sempre foi muito independente, desde criança. Relatou que, entre seus irmãos, era o “xodó” do pai. Costumava dormir com ele até onze anos de idade, devido à doença de sua mãe, constantemente hospitalizada. Relatou que teve dificuldade de relacionamento com a mãe, uma pessoa de difícil convívio. Acredita que seu pai não se separou da mesma por ele ser muito tolerante. O pai faleceu há alguns anos de infarto.

Antônio definiu-se como uma pessoa calada. Seus pais sempre tiveram muita dificuldade em dialogar. Lembra disso marcadamente quando tinha seus 15-16 anos. Verbalizou que seus pais criaram um “monte de filhos” e nunca perguntaram “o que o filho deles queria”... “Nunca me deram esse carinho, essa conversa, essa interação... essa comunicação toda”. Pensa que hoje repete com suas filhas o mesmo padrão.

No momento atual, percebe-se confuso, com dificuldade de assumir suas próprias atitudes. Relatou que se sente muito culpado pela crise financeira que a família vive atualmente e, ao contrário do que a ex-mulher pensa, o relacionamento extra-conjugal começou depois do início da crise financeira. Afirmou que, apesar de ter vivido um casamento muito bom por dez anos, apaixonou-se por outra mulher. Como ele passou a desejar a separação, começou a se afastar da família. Verbalizou inclusive que foi deixando as filhas cada vez mais aos cuidados da mãe, “de propósito”. Queria que elas ficassem “dependentes da mãe”. Foi deixando estas pistas, porque queria a separação. Hoje, no entanto, comentou que gostaria de retomar seu casamento, pois está arrependido.

Os pais de Patrícia comentaram que durante todo esse processo de brigas nunca conversaram com as filhas sobre esta crise. A mãe referiu que a única informação que a filha tinha é de que o pai foi embora com outra pessoa e que, neste momento, a mãe tem um namorado. Patrícia não comentou nada sobre a separação, nem expressou sentimento de falta do pai; ao contrário da sua irmã que diz: “Eu quero o meu pai de volta”. A mãe vê

semelhança da filha menor com ela (de expressar mais as emoções) e da Patrícia com o pai (de serem mais calados). Segundo o pai, no momento da separação, pediu a Patrícia que desse apoio à mãe.

Patrícia foi descrita pelos pais como calada. Segundo a mãe, “prefere ficar angustiada, na dela, e remoer, do que dar o gosto de botar pra fora”. Sempre demonstra tranqüilidade, até nos momentos difíceis. É detalhista, gosta de tudo no lugar “arrumadinho”. Sempre foi ótima aluna e de poucas amigas.

Segundo os pais, Patrícia foi criada com “muito mimo”, sendo primeira filha e primeiro bebê da família. Conforme a mãe, não foi amamentada. “Ela não quis, eu também não tava com muita paciência”. Até o nascimento da sua irmã, a menina tinha o hábito de adormecer junto com a mãe, na cama dos pais. Depois de adormecer, os pais a levavam para o seu quarto. A mãe engravidou quando ela tinha dois anos e meio. Neste período, Patrícia mostrava-se muito irritada. Chegou a cuspir no rosto da mãe, quando esta falou que “vinha a mana” e que esta ficaria no quarto da mãe (de alguma forma tomando o lugar até então ocupado por Patrícia). No dia em que a irmã nasceu, escondeu-se num canto do quarto. Até os 5 anos, em seu próprio quarto, Patrícia ainda precisava da mão da mãe para adormecer.

Patrícia sempre teve um relacionamento próximo com o pai. Chegou a ter febre numa ocasião em que o pai viajou. No apartamento onde moravam, costumava engatinhar procurando por ele. O pai também verbalizou que tinha um relacionamento muito próximo com a filha até aproximadamente a época em que a irmã nasceu, coincidindo com uma mudança de residência da família e o início da ascensão econômica, que levou o pai a dedicar-se muito aos negócios.

Quando Patrícia tinha 3 anos, o avô paterno passou a ter problemas cardíacos. A mãe então se envolveu nos cuidados dele até o momento do falecimento, quando a menina

tinha aproximadamente 5 anos. Patrícia iniciou atendimento psicológico aos 7 anos, porque na ocasião ainda manifestava medos (de ficar sozinha, de máscaras). Fez psicoterapia por alguns meses e os medos, segundo a mãe, desapareceram.

Um ano mais tarde, com 8 anos, começou a trabalhar na casa uma empregada que permaneceu com eles até meio ano depois da separação do casal. Ficou muito próxima e amiga de Patrícia, influenciando, segundo os pais, negativamente, nas questões de sexualidade, pois costumava assistir na televisão a programas impróprios. Os pais acham que esse fato estimulou precocemente a sexualidade da menina e que é por isso que ela, no momento, está voltada a namorar e ‘ficar’ com os meninos.

Até então não demonstrava nenhum problema em seu comportamento ou qualquer tipo de contrariedade. O único sinal que ela deu de insatisfação foi no ano anterior, quando decidiu parar uma atividade física (que fez por quatro anos), alegando que a professora gritava muito. Neste ano, fez o mesmo comentário em relação à uma das professoras da escola. Os professores, no entanto, queixaram-se de que ela grita e ‘bate boca’, o que os surpreende, na medida em que a menina sempre estudou nessa escola e jamais manifestou tais comportamentos. Também impactou os professores o fato dela dar “beijos de novela” em pleno pátio da escola. Em casa, a partir da separação do casal, a menina passou a isolar-se no quarto. Dois meses depois da separação, Patrícia teve a menarca.

Durante o processo de avaliação (coleta de dados), Patrícia foi encontrada na escola fumando cigarro em grupo. A menina pegou cigarros da própria mãe, sem esta saber, e levou para a escola. Com essa atitude, a mãe passou a pensar que a menina estava tentando “se vingar” dos pais.

Patrícia, desde a primeira entrevista, mostrou-se falante, não só respondendo às questões, como também verbalizando espontaneamente situações relacionadas ao seu momento atual. Acreditava que tinha sido indicada para esta avaliação porque dizia muitos

palavrões (idiota, burra, vagabunda). Segundo ela, a irmã também diz. Acrescentou que outra questão relevante foi o fato de ter “ficado” com um colega seu no pátio da escola. Comentou nesse momento que continua “ficando escondido” com este menino. Em relação à escola, às vezes “esquece as coisas” na hora da prova. Tem medo que a mãe a coloque num internato. Por outro lado, isso teria um lado bom, pois acredita que a mãe não iria deixá-la lá por muito tempo.

No que diz respeito à separação dos pais referiu: “Meus pais estão separados, mais ou menos. Ele saiu de casa, tinha outra pessoa. Então parece que ele se tornou meio estranho para mim”... “mais distante”. Segundo Patrícia, ninguém falou nada para ela quanto à separação, mas reconheceu que acompanhou todo o processo. Sabia tudo pelos gritos dos pais; às vezes escutava atrás da porta, “não porque quisesse”, mas porque era impossível “não escutar”. Comentou: “Percebia e ficava na minha”. Contou tudo o que ouviu para a empregada e esta confirmou.

Tem conhecimento de que a mãe bateu na atual namorada do pai, mas acredita que quem deveria também ter apanhado era ele. Não entende por que o pai fica brabo dela (a filha) ‘ficar’ com um menino na escola. “E o que ele fez para minha mãe?” “Tinha vontade de dizer isso para o pai”, porque “ele também aprontou”.

Numa das sessões verbalizou que o pai está morando agora numa casa, separado da atual companheira e está querendo voltar para mãe. Um dia trancou a mãe no quarto para que ela não saísse. Noutra sessão comentou que o pai ia voltar a morar com elas. Em outra, disse que isso não aconteceu; enfim, mudanças constantes durante o processo de avaliação. Em relação ao pai comentou: “Quando o pai tá junto eu não gosto de ficar perto, pois os dois brigam muito e discutem”.

Queixou-se que a mãe costuma dizer muito ‘não’, xinga muito, sempre está do lado da sua irmã. Não consegue conversar com a mãe, pois esta não a escuta. Disse: “A minha

mãe sempre foi de me ouvir, de conversar, ela parou de ouvir”. “Eu não tenho mais vontade de assistir TV com minha mãe”. Ressente-se com ela pelo fato da mesma estar trabalhando muito e, quando está em casa, fica dormindo, além de não mais levar as filhas para passear. Com isso, Patrícia verbalizou que acaba ficando mais no seu quarto. Em seguida, tentando racionalizar a situação, justificando que já está mesmo na idade de ficar no quarto.

Em relação à crise financeira, comentou que houve mudanças no orçamento da família. Porém, no decorrer da avaliação, Patrícia demonstrou estar mais mobilizada com as mudanças nos relacionamentos que tem com os pais, do que propriamente com as questões financeiras da família. E acabou sugerindo conversar estas questões em conjunto com eles, em entrevistas separadas com cada um.

Síntese da Testagem Psicológica

a) HTP

A análise do HTP revela que o auto-conceito de Patrícia é marcado por insegurança, sentimentos de inadequação e necessidade de apoio. Há indicadores de regressão, infantilidade.

O ambiente não é percebido como acolhedor e suficientemente suportivo. Há indicadores de retraimento, reserva e vivência do mundo como ameaçador e restritivo.

Os desenhos indicam um componente depressivo, e um esforço e vigilância para manter a integridade do ego. A depressão parece mascarada por uma negação maníaca e tendência à superficialidade e à oposição. Também revela uma necessidade de controle, com traços mais obsessivos.

A análise do HTP permite levantar a hipótese de vivências traumáticas importantes, com repercussões sobre as relações interpessoais. O componente depressivo parece estar

associado à vivência da perda do *holding* familiar, aspecto que fica mais claro no inquérito (“a melhor casa era a que tinha aos três anos”, com seu quarto perto dos pais).

b) *Teste do Desenho da Família*

O desenho revela indicadores de aspectos depressivos e sentimentos de perda, com uma imagem negativa de si mesma.

Há uma valorização da mãe, que é vista como uma figura forte e, ao mesmo tempo, mais infeliz. Há uma tendência a desqualificar o pai, associado a uma figura “interesseira” e movida por “desejos”. Há também indicadores de conflitiva fraterna.

Neste desenho, a menina reproduz verbalmente com muita clareza a conflitiva familiar atual: trata-se de pessoas que “eram bem felizes....o pai um dia... separou pra ficar com a outra mulher. E as crianças ficaram sozinhas, porque a mãe ficou preocupada com a vida dela e um dia a mãe achou um cara legal e as crianças não quiseram aceitar ele como padrasto. Daí se separou do cara e deu mais amor para os filhos”. Fica claro o desejo de resgatar o cuidado materno.

c) *Teste das Fábulas*

A interpretação deste teste revela o predomínio de fantasias de abandono, privação e rejeição em relação às figuras paternas, em especial à mãe. O estado emocional revelado é de tristeza, medo, solidão e desamparo. Por outro lado, revela raiva e rebeldia ao mesmo tempo que culpa e ambivalência.

Patrícia utiliza defesas tais como projeção, racionalização e negação; esta por vezes maníaca. Diante das dificuldades por vezes foge (“ele iria se esconder para dentro do ninho...depois que parasse o vento... piar para chamar os pais dele para eles buscarem ele”).

Em relação à figura materna revela sentimentos de perda e um forte desejo de resgatar os cuidados perdidos. Aparece o pai como o causador da crise familiar (“ele – o

pai- tava brincando no mar e daí saiu uma onda muito grande e puxou eles e aí eles se afogaram”). Além disso, percebe o pai em estado de ‘colapso’.

O teste também revela que a separação dos pais é uma experiência presente que provoca sentimentos de pesar e perda, principalmente em relação à figura materna.

3.1.2 Análise

A constituição da família Sandra-Antônio iniciou numa relação de desigualdade. A mãe de Patrícia, uma mulher autoritária e decidida, tinha sua independência, diferentemente do pai, mais frágil e passivo, que se adaptou ao sistema de vida dela. Patrícia chegou ao mundo numa posição de poder também, pois foi a partir de sua gestação e nascimento que o casal decidiu permanecer juntos, casando-se posteriormente.

O início de vida da menina foi marcado pela ambivalência no relacionamento entre mãe e filha, expressa na vivência da amamentação. De um lado, a mãe verbalizou que a menina não queria, de outro reconheceu que ela mesma (a mãe) “não tinha paciência”. Apesar desse impasse, Patrícia continuou a ocupar no início de sua vida um espaço importante, na posição de primeira filha e neta. Até os 2 anos, teve um relacionamento muito próximo com a mãe e também com o pai. Costumava adormecer com a mãe na cama desta, além de engatinhar atrás do pai, que também era mais próximo dela.

Por volta dos 2 anos, a mãe engravidou novamente. A menina, segundo a mãe, não aceitava essa situação. Chegou a cuspir no rosto da mãe, quando esta anunciara que sua irmã ocuparia o lugar que de alguma forma pertencia à Patrícia, no quarto da mãe. Provavelmente, a menina sentiu que seu espaço seria roubado pela irmã. Quando esta de fato nasceu, Patrícia refugiou-se num canto do quarto, numa tentativa de negação desta situação. Podemos entender que a menina estaria vivendo um estado de deprivação. Como define Winnicott (1956/2000), este se instaura a partir da fase de dependência relativa,

quando a criança no seu início de vida recebeu cuidados suficientemente bons que foram retirados de maneira abrupta, levando a uma aflição intolerável. No caso de Patrícia, aconteceu também por ocasião do nascimento de sua irmã o afastamento do pai que passou a se envolver cada vez mais em seu trabalho. Podemos refletir neste ponto que o pai não conseguiu oferecer à filha um *holding* que atenuasse seus sentimentos de desamparo em relação à perda do espaço que ela tinha com a mãe. Portanto, é provável que Patrícia tenha vivido um estado de deprivação materna e paterna.

Patrícia começou a apresentar medos de ficar sozinha, como também de máscaras. Possivelmente, tais medos tinham uma conexão com seus sentimentos de desamparo e abandono, associados à vivência da deprivação. Os medos persistiram até os 7 anos, quando então a menina fez psicoterapia com boa evolução. Até os 11 anos, não há evidências e relato de outras dificuldades. Pelo contrário, Patrícia mostrava-se adaptada tanto na família como no ambiente escolar. Talvez essa adaptação tenha sido construída na base de um falso *self*³, rompido por ocasião do início da transição adolescente e familiar.

De acordo com as pesquisas revisadas sobre o tema do divórcio, no período inicial da separação é comum aparecerem nos filhos dificuldades e sintomas, principalmente problemas de comportamento (Almeida et al., 2000; Cohen, 2002; Harland et al., 2002; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Sourander & Helstelä, 2005). Também pode acontecer queda de rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Wallerstein & Kelly, 1998; Wolchik et al., 2002). O que foi relatado pelos pais é que os desajustes de Patrícia começaram a se manifestar dois meses depois que o casal decidiu se separar, coincidindo evolutivamente com a transição da menina para a fase adolescente, esta simbolicamente marcada pela menarca.

³ Segundo Winnicott (1960/1988) o falso *self* é construído por submissão ao ambiente.

Patrícia começou a isolar-se no quarto. No ambiente escolar, surpreendendo os professores, passou a manifestar comportamentos que não tinha apresentado até então: desinteresse pelo estudo, decréscimo no rendimento, comportamento de afrontar verbalmente os professores, “ficar” (beijar) com os guris no pátio da escola. Durante a coleta de dados, Patrícia ‘furtou’ um cigarro da sua mãe e foi encontrada na escola fumando. Os pais atribuíram inicialmente os desajustes no comportamento como consequência da adolescência. Para compreendermos o significado dos sintomas de Patrícia é preciso analisar as diversas variáveis envolvidas e inter-relacionadas nesse contexto, sem, no entanto, desconsiderar as questões peculiares da adolescência.

Segundo Kelly e Emery (2003), sentimentos associados à raiva, comoção e descrença podem aparecer neste período inicial, o que foi detectado também em Patrícia, decepcionada com os pais. Para Patrícia, o pai é visto por ela como o causador da crise conjugal e familiar, sentido hoje como “um estranho”. Por outro lado, a menina queixou-se que sua mãe “parou de ouvir”, referindo-se ao fato da mãe estar mais afastada das filhas e dedicada intensamente ao trabalho. Essa constatação também tem conexão com as conclusões de Amato (2001) e Dunn (2004), destacando que a manutenção dos desajustes e/ou ressentimentos e decepções com uma das figuras parentais é frequentemente associada nos estudos sobre o divórcio com a diminuição da qualidade da parentalidade exercida após o divórcio. Não só nas entrevistas realizadas como também na testagem psicológica ficou claro que houve um afastamento dos pais de suas funções parentais.

O pai chegou a verbalizar que foi gradativamente se afastando das filhas, antes mesmo da separação, para que estas ficassem aos cuidados da mãe. De acordo com Souza (2000), muitas modificações ocorrem na vida dos filhos antes da separação sem que estes tenham uma noção clara do que está acontecendo e do que vem pela frente.

Os pais de Patrícia, fragilizados com o processo de rompimento do casamento mostravam-se preocupados em decidir questões relacionadas à separação, buscando alternativas para lidar com a crise econômica da família. Além de terem possivelmente desamparado suas filhas, o casal vive hoje em constante conflito, entre mágoas, ressentimentos da mãe pela traição do pai e tentativas de reconciliação por parte deste. Segundo Souza (2000) o nível de conflito parental é um fator significativo para a adaptação dos filhos, além da falta de previsibilidade de eventos da vida cotidiana.

O tipo de vínculo que as crianças estabelecem com seus pais também é uma variável importante no enfrentamento do divórcio parental (Ramires, 2004). Certamente, vai havendo uma modificação nesses relacionamentos com o passar do tempo, tendo em vista as demandas de cada idade. Na adolescência a transformação dos vínculos não significa uma ruptura com a família (Outeiral, 2008). De qualquer forma, as mudanças nos vínculos são sempre alicerçadas nas interações vivenciadas (Souza e Ramires, 2006).

Neste sentido, é preciso relembrar a história dos relacionamentos entre Patrícia e os pais. Como foi citado anteriormente, a menina já havia experimentado o complexo de privação aos dois anos, quando teve de enfrentar dolorosamente o processo de separação da sua mãe, com a gravidez da irmã, além do afastamento do pai. Patrícia parece estar neste momento revivendo este estado, denunciado através das manifestações de tendência anti-social. Para Winnicott (1971/1984), o ato de furtar está associado à privação materna, ao passo que a falha nos limites, necessárias para o auto-controle, é fruto da privação paterna. Fica claro no episódio do furto do cigarro da carteira da mãe, os indícios de privação materna. Além disso, a falta de limites e de repressão, demonstrados através do ato de “ficar” com meninos no ambiente escolar e a discussão com professores denunciam a privação paterna. Embora tente usar de negação, Patrícia reconheceu: “A

minha mãe sempre foi de me ouvir, de conversar, ela parou de ouvir”.. O pai “parece que se tornou meio estranho para mim... mais distante”.

Conseqüentemente, a história dos relacionamentos entre Patrícia e seus pais, o conflito parental, o afastamento dos pais das funções parentais ficaram possivelmente potencializados, no momento em que a menina ingressou no mundo adolescente. Precisa lidar com o desamparo dos pais e, ao mesmo tempo, elaborar a perda do corpo infantil, com a vivência da menarca. Segundo Wagner et al.(1997), integrar as demandas da fase adolescente num cenário familiar em pleno processo de modificação significa muitas vezes deparar-se com um agravamento das crises inerentes à adolescência. Provavelmente, foi o que aconteceu com Patrícia.

Neste ponto, é preciso compreender o quadro de Patrícia também à luz dos estudos do divórcio envolvendo adolescentes. No estudo qualitativo de Ramires (2004) pré-adolescentes entre 10 e 13 anos demonstraram sentimentos de culpa e temores de retaliação em relação ao genitor não residente, raiva e tristeza. Tais aspectos são em parte encontrados em Patrícia, tanto nas entrevistas como na testagem. A cólera é frequentemente encontrada em filhos que vivem em famílias reconstituídas, conforme Mahon, Yarcheski e Yarcheski (2003). A menina critica a figura paterna, ao mesmo tempo em que se identifica com ele. Este aspecto fica claro quando afirmou que o pai não pode recriminá-la pelo fato dela ter “ficado” com um menino na escola, pois ele “também aprontou”.

O estudo de Harland et al. (2002) detectou um índice maior de problemas comportamentais entre 12 e 16 anos nos filhos provenientes de famílias reconstituídas. No contexto do divórcio, os estudos de Hines (2007), Kelly e Emery (2003) e Storcken et al. (2005) destacam que os problemas de ajustamento e problemas acadêmicos aparecem mais em adolescentes meninos do que as meninas. Tais estudos indicam que estas têm risco de

engravidar mais cedo, aspectos esses associados à ausência paterna. Neste aspecto, podemos entender que a deprivação paterna pode estar levando Patrícia a uma sexualização precoce, com falhas na repressão.

No caso de Patrícia os diversos problemas de ajustamento e acadêmicos já referidos anteriormente parecem ser aguçados pela reedição do estado de deprivação não só paterna, como materna. Portanto, ela sofre a descontinuidade dos cuidados de ambas as figuras parentais, o que certamente potencializou os sintomas. Estes passam a ser entendidos como um pedido de socorro, como descreve Winnicott.

Também é preciso considerar a personalidade, descrita como um fator facilitador ou não na adaptação pós-divórcio (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Ruschena, Prior, Sanson & Smart, 2005). Patrícia é descrita pelos pais como introvertida e reservada. Além disso, a dificuldade de comunicação entre ela e os pais, aliada às dificuldades dos próprios pais em conversar sobre esse momento de vida colaborou para que a menina desenvolvesse sintomas, de certa forma expressando sua dor e desamparo.

Patrícia, inicialmente, não fez nas entrevistas uma associação entre tais comportamentos e seus sentimentos de abandono, negando-os em alguns momentos. No entanto, queixou-se muito do comportamento dos pais. Os sinais de deprivação ficaram bastante claros na testagem realizada, com indícios que reforçaram a idéia de que existia algo bom no seu passado que foi perdido, além das questões atuais. Por exemplo, ao desenhar a casa, fez um comentário de que “a melhor casa era a que tinha aos três anos”, com o seu quarto “perto dos pais”. No Desenho da Família, inventou uma história semelhante à sua: “Eram bem felizes... o pai um dia... separou pra ficar com a outra mulher. E as crianças ficaram sozinhas, porque a mãe ficou preocupada com a vida dela...”

A testagem psicológica revelou também traços obsessivos e uma tendência à conduta opositora. Apareceu um componente depressivo, com tendência a reagir com

negação maníaca e superficialidade, como defesa contra seus sentimentos. Por apresentar uma tendência a não manifestar seus afetos, por vezes negando-os, pode-se inferir que seu funcionamento é propício aos desajustes de comportamento.

Numa perspectiva psicanalítica, a personalidade é construída, entre outros fatores, a partir das experiências que se estabelecem entre os filhos e os pais. Lembramos novamente neste ponto a dificuldade inicial entre mãe e filha e o apego inseguro desta, quando expressava a necessidade de dormir segurando a mão da mãe. Esta, por sua vez, revela a história de uma relação conturbada com sua própria mãe (avó materna de Patrícia). Patrícia é identificada na família como semelhante ao pai, nos aspectos que dizem respeito à questão da comunicação de seus desconfortos, ao contrário da mãe, que se diz “explosiva” (como a irmã de Patrícia). O pai também revelou na avaliação uma dificuldade de relacionamento com seus próprios pais, sem diálogos tendo inclusive consciência de que está repetindo isso com suas filhas. Portanto, ambos os pais acabam por reproduzir com a filha seus vínculos anteriores.

Patrícia estava aparentemente ajustada antes da separação, mas não suficientemente preparada para enfrentar a crise da adolescência aliada à transição familiar, pela maneira que foi conduzida pelos pais, que se afastaram do exercício das funções parentais. Embora não tenha havido uma total ruptura com a família, houve sim a descontinuidade dos cuidados parentais, que a levou a se isolar, como também protestar, através de transgressões, por seus “direitos perdidos”. Patrícia, possivelmente, reviveu o complexo de privação, que ficou potencializado devido à história anterior dos relacionamentos entre ela e cada uma das figuras parentais.

3.2 Caso 2

3.2.1 Descrição

Nome do Adolescente: Fernando – 13 a.

Nome da Mãe: Marlene

Nome do Pai: Jeremias

Marlene procurou espontaneamente o Setor Psicopedagógico da escola, em função de um episódio no qual o filho foi agressivo com um dos professores. Fernando discutiu com ele em função de algumas regras. Com isso, foi convidado a sair da atividade na qual estava participando, reagindo com mais desafio e negativismo: “Não saio, não!”. Sua mãe ficou sabendo do fato pelo filho, mostrando-se preocupada com a situação. Disse que ele tem “um histórico de agressividade”, mas que isso nunca havia aparecido na escola. Relatou que o casal está separado há dois meses.

A separação ocorreu por iniciativa de Marlene. Desde então, Jeremias afastou-se dos filhos (Fernando tem uma irmã de 8 anos), com quem está tendo contatos raros, no máximo um telefonema no meio da semana. A mãe pensa que Fernando pode ter extravasado sua revolta com o professor, que é fisicamente parecido com o pai. O pai de Fernando sempre foi agressivo e descontrolado. Às vezes, quebrava objetos e também batia nos filhos; no Fernando batia de cinta. Marlene também vê semelhança entre o pai e o filho, pois este explode em casa.

O comportamento agressivo do pai foi um dos motivos da separação, aliado às brigas constantes que o casal tinha no último ano de casamento. Marlene colocou que o ex-marido sempre entende que as coisas dão errado por culpa dos outros, ele nunca tem responsabilidade sobre o que acontece. Ela decidiu se separar, encaminhando logo a separação legal. Foi, segundo ela, um período difícil.

Os problemas com o casamento começaram cinco anos antes da separação, quando o casal passou a trabalhar juntos numa pequena empresa. Naquela ocasião, ela tinha se demitido de seu emprego, e ele foi demitido do trabalho fixo que tinha. O ex-marido também era agressivo no local de trabalho. Exigia, criticava, atirava os materiais no chão, quando se irritava. O convívio foi ficando cada vez mais difícil. Passaram por dificuldades financeiras no último ano. Segundo Marlene, Jeremias criticava, mas não tomava iniciativas de procurar outras alternativas de trabalho.

A mãe não sabe bem porque se casou. Sua irmã já era casada, então achava que também deveria se casar. Quando iniciaram o relacionamento, ela tinha por volta de 20 anos. Foram morar juntos, depois de um tempo casaram no civil, e após engravidou de Fernando. Depois que ele nasceu, casaram-se no religioso também.

Marlene descreveu-se como uma pessoa determinada. Disse que quando decide uma coisa, está decidido e não olha para trás (exemplos: mudança de trabalho, separação). Relatou que na sua família “o forte são as mulheres”. Sua mãe, suas irmãs, ela, todas são mulheres fortes. Por outro lado, seu pai jogava muito quando ela era pequena, e perdia tudo. Lembra do pai chegando de manhã. Marlene dizia que não ia se casar, nem ter filhos.

Atualmente, não tem contato com o ex-marido, considerando-o uma pessoa muito difícil e orgulhosa. Ele não está pagando a pensão e nem contribui financeiramente para as despesas dos filhos. Enquanto estavam casados, já era tudo com ela no que diz respeito às compras e manutenção da casa. Acredita que pode dar conta sozinha de tudo, que não precisa dele. Quando se separaram, não quis reivindicar nada para não complicar a separação. Hoje se questiona se não prejudicou os filhos, pois era direito deles.

Segundo Jeremias, a separação ocorreu por vontade da esposa. O principal motivo, para ele, foi financeiro, porque ele não estava trabalhando, não contribuía financeiramente. Verbalizou que a crise econômica no Vale dos Sinos o prejudicou; ele tinha um bom

emprego antes, fazia tudo muito bem feito, mas os colegas “não agüentavam isso”. Relatou que ajudou a montar a empresa que a ex-esposa trabalha. Exigia bastante, queria um trabalho bom, “porque o mercado exige”.

O pai relatou também que havia brigas do casal no último ano, por causa da situação financeira basicamente. Disse que sempre foi uma pessoa muito correta, que fazia “tudo certinho”. Só batia nos filhos “quando precisava, quando era justo”. Para Jeremias a separação foi repentina, a esposa decidiu e chegou com tudo pronto. “Já tinha até falado com advogada”. Sentiu-se pressionado para sair de casa, ficou magoado, deprimido, ainda não assimilou.

Jeremias mostrou-se fragilizado com a separação, “sem rumo, sem saber o que fazer”. Não conversou com os filhos sobre este processo. Não sabe o que eles pensam. Acredita que a mãe tem mais convívio com eles e muito mais influência. Tem receio de falar com os filhos sobre a separação, porque não sabe o que a mãe disse para eles, e acredita que a cabeça de Fernando “pode estar a mil”. Jeremias se emocionou ao falar dos filhos, dizendo que mudou tudo após a separação. O contato é só por telefone e às vezes saem. Fernando está mais “seco”, talvez “tomou as dores da mãe”. Às vezes recusa-se a ir na casa da avó paterna. Jeremias disse sentir falta deles e que era muito companheiro do filho antes: ia ao futebol, no judô, levava os filhos para a escola, “acompanhava dentro e fora de casa”.

Atualmente, “mora de favor” na casa de seus pais, não tem um lugar seu para estar com os filhos. Está preocupado em reorganizar isso, conseguir trabalho, para poder ter mais contato com eles. Quer ter trabalho, se estabilizar profissionalmente, “dar a volta por cima” para então se re-aproximar dos filhos.

O pai de Fernando tem irmãos, fruto da união de seus pais. Parece ser de uma família humilde. Descobriu há poucos anos atrás que tem outro irmão de aproximadamente

20 anos, fruto de um relacionamento extraconjugal de seu pai. A mãe desse jovem reivindicou seus direitos judicialmente. Jeremias relatou que sua mãe sempre trabalhou e batalhou muito, “o que tem dentro de casa foi a mãe quem colocou”. Seu pai costumava ausentar-se à noite, jogava cartas, vivia num mundo que não é o da realidade. Quando era pequeno, lembra que o pai saía na sexta-feira de casa e voltava no domingo. Não tinha muito convívio ele. Descreveu que seu pai é fechado, ele também é fechado e o filho idem.

Marlene também descreveu Fernando como sendo mais fechado e semelhante ao pai. Para a mãe, a colocação de limites no filho não é fácil. Relatou que tem receio que ele venha a bater nela. Fernando briga bastante com a irmã, batendo nela. A mãe vê semelhança da menina com ela própria, pois é mais espontânea e resolve os problemas com mais determinação. Em relação à separação, a menina reclama e chora a falta do pai, o que Fernando não faz.

Marlene relatou que Fernando não tem querido ir com o pai na casa da avó paterna. Segundo ela, eles são pessoas mais simples (“são uns coitadinhos”); as coisas não dão certo e eles não vão à luta, diferente da sua família. Acredita que eles têm preferência por netas meninas, e quando Fernando ia lá e algo acontecia (por exemplo, quebrava alguma coisa) a culpa era do filho, mesmo ele dizendo que não.

Após a separação, Fernando não gostava que fizessem comentários sobre seu pai. Disse certa vez para a avó materna: “Não fala mal do meu pai, porque eu gosto do meu pai”. Ao mesmo tempo, Fernando tem medo que ele volte e tire coisas deles de dentro de casa (após a separação, enquanto mãe e filhos estavam viajando, o pai tirou alguns objetos da casa).

Às vezes, Fernando aparece com algumas coisas em casa que não são dele: bola, lápis. A mãe pergunta e ele diz que achou. Quanto à bola, a mãe exigiu que ele devolvesse para a escola, disse que não a queria mais em sua casa, e a bola sumiu de lá, mas ela não

sabe se ele levou mesmo para a escola. Segundo a mãe, Fernando se masturba na frente dela e da filha, às vezes.

Sobre o seu desenvolvimento, começando pela gestação, a mãe relatou que foi difícil, pois teve que tomar medicação para não ter parto prematuro (o mesmo aconteceu na gestação da irmã). Na gravidez de Fernando engordou apenas sete quilos, não tinha barriga. Ele foi amamentado até um ano e oito meses, mamava e depois olhava para ela e a mordida. A entrada na pré-escola, aos 2 anos, “foi traumatizante”, porque a disciplina da maternal era muito rígida. A adaptação foi difícil, a mãe o acompanhou. Pensa que “ele não era feliz nesse período”. No final da pré-escola ingressou na escola atual, com boa adaptação.

Quando Fernando tinha 3 anos, Marlene passou a trabalhar 10, 12 horas por dia e, segundo a mãe, ele ficou mais irritado e agressivo com ela. Com 4 anos a tia teve bebê e eles se afastaram temporariamente, pois Fernando ficou muito irritado com este bebê, uma vez que era muito apegado a essa tia e convivia bastante com ela. Posteriormente, nasceu a irmã. Nesta época, Fernando fez tratamento psicológico. O motivo relacionava-se com a sua conduta mais agressiva. Até 9, 10 anos, tinha que dormir no quarto dos pais antes de ir para o seu.

Em sua primeira entrevista, Fernando apareceu com o braço quebrado. Relatou que brigou com um colega na escola, estavam brincando de atirar bolinhas, ele jogou com muita força e o colega veio para cima dele; ele disse que teve que “se defender”. Na escola chamaram sua mãe, disseram que ele está sempre pedindo para sair e tomar água, que também sai sem pedir. Ele negou e ela acreditou nele. Disse que é “meio estourado”, às vezes se descontrola, fica muito brabo e depois passa. Verbalizou que sempre foi “estouradinho”, mas que piorou depois da separação dos pais. Gostaria de ser mais controlado.

Relatou que o pai “era meio violento”; ele e sua mãe sempre brigavam, e quando se separaram foram passar uns dias na praia, pois temiam que o pai fizesse alguma coisa. Colocou que o pai tem dinheiro, mas não lhe ajuda, e que ele não entende isso. Acredita que não desabafou o suficiente pela separação dos pais, não colocou seus sentimentos para fora. “Eu me tranco”, disse. Sua irmã chorou bastante, é diferente dele. Há pouco tempo, quando sua mãe lhe xingou, chorou muito, acha que aí colocou tudo para fora. Falou que só se acalmou depois que conversou com sua avó, que foi quem lhe criou até os seis anos porque os pais trabalhavam o dia todo. Ouve muito essa vó.

Em relação ao relacionamento com seus pais, disse que a mãe nunca foi de brincar, mas conversa bastante. Depois da separação conversam mais ainda, pois antes o clima em casa andava pesado. Segundo Fernando, sua mãe é tudo para ele, faz o que pode pelos filhos, sempre se preocupando com ele e com sua irmã.

Fernando comentou que o pai batia nele; uma vez bateu no rosto com a fivela do cinto. Em outra ocasião o menino fugiu o dia todo para o condomínio ao lado, por orientação da mãe, para não continuar apanhando do pai. Por outro lado, o pai brincava com ele e com a irmã, jogava videogame e jogos de computador. O pai não era de conversar, mas a mãe não era de brincar.

Pensa que o pai poderia procurar mais por ele e pela irmã; só liga uma vez na semana, quando liga. Não telefona para o pai, porque “ele não se interessa por nós”. Lembrou que no último ano, quando as coisas foram piorando em casa, o pai não brincava mais com eles. Acredita que o pai só pensava nele, que é muito orgulhoso. Disse: “Sei que um dia eu tive um pai. Hoje não”.

Fernando referiu ter um bom aproveitamento escolar. Só tem dificuldades em História, e não sabe qual a razão dessas dificuldades. Pratica vários esportes e diz que nunca teve problemas na escola com rendimento ou comportamento. Deu-se conta durante

as entrevistas que descarregou no professor a raiva que estava sentindo do pai, e também no colega em quem bateu. Percebe que a mãe não faz muita questão que ele tenha contato com o pai, não estimula isso, pois quando raramente vai à casa do pai pede que volte logo.

Mostrou-se receptivo no processo de avaliação, manifestando também interesse nas entrevistas do pai. Pensava que alguém tinha que mostrar para ele quão negativo era o seu afastamento dos filhos. O menino demonstrou curiosidade em saber o que o pai falava nas suas entrevistas, se falava sobre os filhos etc. Verbalizou que não desejava que o pai voltasse para casa, mas sim que ele ajudasse mais sua mãe a cuidar deles, e que os procurasse mais. Gostaria que o pai fosse menos descontrolado e orgulhoso.

Colocou que tem pena de sua mãe, que ela está muito estressada, pois tem que se virar sozinha para tudo. Pensa que alguém tem que dizer isso para o pai, mas ele não se anima a conversar com o pai sobre o assunto. Gostaria que o pai manifestasse interesse, que ajudasse (não é pelo dinheiro que esperaria essa ajuda, mas pelo que significa).

Síntese da Testagem Psicológica

a) HTP

A análise do HTP revela que o auto-conceito de Fernando é marcado pela presença de sentimentos de inadequação, falta de confiança em si e insegurança importantes. Há indicadores de imaturidade, infantilidade, regressão e falta de diferenciação do eu. Também há indicadores de sentimentos de inferioridade e menosvalia.

O ambiente não é percebido como acolhedor e suficientemente suportivo. Há indicadores de retraimento, reserva e vivência do mundo externo como ameaçador. Os desenhos apontam para barreiras nos contatos sociais, isolamento e afastamento das trocas interpessoais.

Os desenhos indicam também um esforço e vigilância para manter a integridade do ego, e aumento das defesas. Sentimentos de iminente colapso da personalidade, vivências depressivas, ambivalência afetiva.

Há indicadores de conflito com o genitor do sexo oposto, sentimentos negativos para consigo mesmo, características de dependência e falta de segurança quanto à própria imagem. Parecer haver também uma forte ligação e dependência em relação à mãe, e confusão a respeito do papel e da identidade sexual.

A análise do HTP também permite levantar a hipótese de vivências traumáticas importantes, com repercussões sobre as relações interpessoais que são pobres, um controle interno rígido, falta de flexibilidade, medo vinculado aos impulsos hostis e dificuldades para se aproximar e estabelecer relações com as pessoas.

b) *Teste do Desenho da Família*

O desenho revela a presença de impulsos agressivos importantes, bem como ansiedade e insegurança. Há falta de espontaneidade, rigidez, tendência à introversão e à inibição e indicadores de aspectos depressivos. Há indícios também de impulsividade e agressividade, com negação e culpa.

Há uma supervalorização da mãe, uma idealização desta figura, ao mesmo tempo em que a omissão do pai revela conflitos relacionados a ele também. Há uma desvalorização de si mesmo e do pai. As figuras não são diferenciadas quanto ao gênero, o que sugere certa confusão quanto à identidade sexual.

c) *Teste das Fábulas*

A interpretação deste teste revela uma relação de muita dependência com a mãe, acompanhada de sentimentos de insegurança, falta de auto-confiança e sentimento de colapso iminente do ego. Encontram-se características de imaturidade e regressão, com temores de abandono e de perda de amor que predominam sobre o conflito edípico.

A agressão é dirigida para fora, desperta angústias de perda do objeto, temores de destruição do mesmo e fantasias acerca da impossibilidade de reparação. Há indícios de fortes sentimentos de rivalidade fraterna.

Em relação à mãe, há idealização e submissão. Por outro lado, há uma agressividade latente e intensa dirigida à figura materna, que provoca um certo sentimento de culpa e temores de perda. O pai é visto como alguém que apresenta dificuldade de controle emocional.

A separação dos pais é uma experiência presente que provoca sentimentos de pesar, perda e dor intensos. O sentimento de perda e de rejeição encontra-se presente, especialmente vinculado à figura do pai. Parece ressentido com o pai, mas ao mesmo tempo resignado: “Toda mãe acolhe mais que o pai”. O pai “fica em outra árvore”. Refere sentimentos de tristeza diante da separação parental. “Ficou triste porque ia mudar muitas coisas”. Ao mesmo tempo, mostra o desejo que o pai pudesse ter uma conduta diferente. “O pai dele buscava ele, ajudava ele”.

3.2.2 Análise

Analisando-se os dados levantados na avaliação de Fernando é possível identificar algumas fragilidades nos seus relacionamentos com os pais desde a primeira infância, anteriormente, portanto, à separação conjugal. A constituição da família Marlene-Jeremias ocorreu de forma inconsistente e casual. Ambos vinham de famílias que enfrentavam dificuldades em relação à figura paterna. Tanto o pai de Marlene como o de Jeremias costumavam jogar e ausentar-se de casa por períodos significativos. A figura materna, em ambas as famílias, era dominante e tornou-se o sustentáculo da família, tanto afetiva como materialmente.

De certa forma, essa dinâmica irá se repetir na família Marlene-Jeremias. A mãe de Fernando parece ser a figura dominante na família, responsável pela sua manutenção material, pela sua continuidade e pela decisão da separação. O pai de Fernando, com o seu comportamento agressivo, impulsivo e descontrolado acaba assumindo uma posição de fragilidade e inconsistência, colocando-se na dependência da esposa e das decisões desta.

A relação de Fernando com os pais é carregada de ambivalência. Em sua história, encontram-se alguns indícios de privação (Winnicott, 1956/2000), inclusive anteriores à separação dos pais, que podem contribuir para essa ambivalência. Essa privação parece estar relacionada tanto aos cuidados maternos como paternos. A carga horária de trabalho intensa e crescente da mãe ao longo da sua infância, o afastamento da tia a quem Fernando era bastante apegado parecem ter contribuído para essa experiência, o que se manifesta hoje através de comportamentos como roubo e mentira, assinalados por Winnicott (Fernando aparece em casa com objetos que não são seus, mente para a mãe). Por ocasião da gravidez da mãe, Fernando iniciou atendimento psicológico, por conta de sua agressividade bastante intensa neste período.

Ao mesmo tempo, o comportamento agressivo e descontrolado do pai talvez tenha dificultado que se constituísse como uma figura de referência consistente em termos de função paterna, falhando na colocação de limites e no estabelecimento do auto-controle (Winnicott, 1956/2000), o que se manifesta através do comportamento impulsivo, agressivo e descontrolado de Fernando na escola. O afastamento do pai após a separação, e o sentimento de rejeição vivido por Fernando como decorrência desse afastamento, parecem ter incrementado essa experiência de privação, levando aos comportamentos de tendência anti-social observados, possivelmente na esperança de buscar o cuidado perdido, através das manifestações como o roubo e a mentira, a agressividade, a incontinência e a desordem generalizada.

Como vimos na literatura revisada, a separação dos pais muitas vezes implica em descontinuidades, rupturas no *holding* familiar, gerando sentimentos de perda e desamparo. Vilhena e Maia (2002) assinalaram as falhas nas funções parentais de *holding*: a mãe em estabelecer um ambiente suficientemente bom e o pai em oferecer um ambiente indestrutível, que limita inclusive a relação dos filhos com a mãe. Nesse contexto, as dificuldades e o sofrimento de Fernando se tornam compreensíveis.

No material projetivo de Fernando foram identificados indicadores de vivências traumáticas. Constatou-se nas entrevistas realizadas que o pai costumava bater em Fernando, e apresentava um comportamento agressivo e descontrolado no ambiente familiar. É possível que tais vivências tenham sido traumáticas para o menino, e contribuam para as dificuldades e fragilidades observadas na organização da sua personalidade.

A ruptura do vínculo conjugal, as mudanças conseqüentes, as inseguranças que as acompanham ou a “guerra” conjugal constituem um campo vulnerável ao surgimento do complexo de privação e da tendência anti-social. Os pais, envolvidos em seus próprios conflitos, acordos e desacordos, nem sempre têm a disponibilidade emocional necessária para percebê-la. Desta forma, algumas dessas dificuldades se manifestam fora do ambiente familiar, como observamos em Fernando. Os sintomas apresentados e manifestados na escola encontraram eco neste ambiente (Wallerstein & Kelly, 1998).

Os pesquisadores têm sinalizado que as maiores dificuldades aparecem nas circunstâncias em que houve afastamento parental, com uma história de relacionamentos mais distantes, antes mesmo da separação (Rushena et al., 2005, Wolchik et al., 2002). O comportamento da mãe de Fernando, dominante na família, e os conflitos do casal antes e depois da separação, parecem contribuir para reforçar esse afastamento.

Neste contexto, percebemos que o comportamento distante do pai tem também conexão com o desejo da mãe de excluí-lo. Esta não luta pelos direitos de seus filhos em receberem a pensão legalmente prevista, além de não estimular o contato entre o pai e os filhos. Segundo Dolto (1988/2003), algumas mães tratam seus filhos como se fossem só delas. Este fenômeno tem sido identificado como PAS (Síndrome de Alienação Parental) ou Padrectomia (Boch-Galhau, 2002; Martinez, 2002). Certamente, em alguns casos (como o de Fernando) o pai se aliena e rejeita a relação posterior com o filho (Johnston, 2003).

O nível de conflito parental é um fator significativo e foi assinalado por Souza (2000). Separações litigiosas, falta de diálogo e o não cumprimento ou a falta de combinações que envolvam os filhos, como neste caso, dificultam o processo. Além da falta de contato entre pai e filho, contata-se uma desvalorização e um certo denegrimiento da imagem paterna em Fernando, o que parece reforçar as dificuldades de auto-estima, auto-confiança, insegurança, sentimentos de inadequação e confusão no papel e na identidade sexual encontrados nos testes utilizados.

Schabbel (2005) considera o período pós-divórcio constituindo o fator mais crítico no funcionamento da família. Em contraposição à vivência experimentada por Fernando no momento da avaliação, a maioria dos estudos ressalta a importância da manutenção dos vínculos do pai-não residente com seus filhos (Kelly & Emery; 2003; Ruschena et al., 2005; Storcken et al., 2005). Os estudos de Amato (2001) e Dunn (2004) revelaram que a qualidade de relacionamento pai-filho é consistentemente relatada nas pesquisas sobre divórcio, como um fator diretamente associado ao comportamento do filho. Este precisa sentir que as ligações afetivas permanecem e que a separação dá conta do conflito, gerando qualidade de vida e de relacionamento (Souza, 1999).

A capacidade dos filhos em lidar com a separação dos pais vai depender, sobretudo, da relação estabelecida entre os pais e da capacidade destes de distinguir a função conjugal

da função parental (Feres-Carneiro, 1998). O que, no caso ora analisado, não está acontecendo. A função parental parece ter se extinguido junto com a função conjugal. Este aspecto fica claramente descrito por Fernando, quando numa das entrevistas, verbaliza: “Sei que um dia eu tive um pai”. A manutenção dos desajustes e/ou ressentimentos e decepções com as figuras parentais foi associada nos estudos com a diminuição da qualidade da parentalidade exercida após o divórcio (Amato, 2001; Dunn, 2004).

Os sintomas apresentados por Fernando foram descritos na literatura. Nos meses seguintes ao divórcio, é comum os filhos se sentirem mais deprimidos e irritados, podendo apresentar queda no rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Wallerstein & Kelly, 1998; Wolchik et al., 2002). Efeitos mais drásticos incluem comportamentos anti-sociais, agressivos, oposicionistas, falta de auto-controle, baixa responsabilidade social e diminuição do desempenho cognitivo (Almeida et al., 2000; Harland et al., 2002; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Sourander & Helstelä, 2005).

A personalidade do filho é encarada com um fator facilitador ou não na adaptação pós-divórcio, despertando ou não suporte por parte do ambiente (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999, Ruschena et al., 2005). Em Fernando, constata-se características de personalidade introvertida, reservada, com barreiras nas trocas sociais e um empobrecimento das suas relações interpessoais. Possivelmente, isto limite bastante suas possibilidades de encontrar apoio em uma rede que pudesse ser continente das ansiedades e inseguranças que vivencia neste momento. Conseqüentemente, intensifica-se a importância da mãe, numa fase em que o adolescente deveria estar vivenciando um processo crescente de autonomia e diferenciação. A idealização que Fernando faz da mãe torna-se assim compreensível, da mesma forma que o ódio e a agressividade subjacentes.

A literatura aponta que a natureza do vínculo estabelecido entre as crianças e seus pais, especialmente o apego, modifica-se com o tempo (Souza e Ramires, 2006). “Tais mudanças tomarão como referência os modelos representacionais do ambiente e do *self*, estando alicerçadas nas interações vivenciadas” (Souza & Ramires, 2006, p.39). Em Fernando, observamos que as experiências vividas no ambiente familiar, marcadas pela privação, insegurança, instabilidade, conflitos conjugais e finalmente pela separação não favoreceram a modificação e o amadurecimento desses relacionamentos. Fernando se mantém bastante apegado à mãe (sobre a base de uma forte idealização) e também ao pai (sobre a base de um forte ressentimento e sentimento de rejeição e abandono). Possivelmente, inseguramente apegado.

Os dados deste caso mostram que os sintomas apresentados pelo adolescente, relacionados às vicissitudes dos relacionamentos com os pais, não decorreram da separação conjugal e se originaram em experiências anteriores vividas com eles. O que nos leva a reforçar a convicção de que a experiência do divórcio, em si, não é determinante de problemas e dificuldades necessariamente, e que o enfrentamento do divórcio por parte dos filhos depende em muito do relacionamento anterior estabelecido entre eles e os pais, da continuidade desse vínculo e da qualidade da parentalidade.

3.3 Caso 3

3.3.1 Descrição

Nome do Adolescente: Artur – 15 a.

Nome da Mãe: Silvana

Nome do Pai: João

Artur apresenta desajustes na escola há muitos anos, tais como: desinteresse, não cumprimento e negativismo frente às tarefas escolares. Em casa, vem cada vez mais demonstrando dificuldades em aceitar limites, reagindo muitas vezes com condutas destrutivas (quebrando objetos, batendo portas). Tais comportamentos se agravaram muito de uns meses para cá, segundo a mãe. O casal parental está separado há cerca de um ano.

Recentemente, depois de um episódio de descontrole, em que quebrou alguns objetos da casa, decidiu morar com o pai. A participação de Artur nesta pesquisa foi sugerida nesse período. No entanto, por ocasião do início do estudo de caso, Artur já havia retornado para a casa da mãe.

Os pais de Artur se separaram depois de mais de 20 anos de casamento, quando Silvana descobriu que João estava tendo um relacionamento com outra mulher, que hoje é sua atual companheira. A descoberta desse relacionamento provocou contrariedade nos três filhos do casal (Artur tem duas irmãs adultas), que discutiram e romperam relacionamento com o pai. Ficaram alguns meses sem falar com ele.

No decorrer do primeiro ano da separação, houve algumas tentativas de reconciliação por parte do pai, que nunca chegaram de fato a se efetivar. Pouco tempo depois da última tentativa, a atual companheira teve problemas de saúde. João então passou a dedicar-se mais a este relacionamento. Além disso, houve mudanças no trabalho do pai e restrições econômicas.

Neste mesmo ano, Silvana iniciou um novo relacionamento com um homem que, aos poucos, foi começando a frequentar a sua casa. Segundo ela, Artur não gostava dele, por “ciúmes”. A resistência do filho não começou no início do namoro, mas quando o namorado começou a frequentar a casa. No momento em que se iniciou esta coleta de dados, a mãe verbalizou que estava reavaliando a continuidade ou não deste namoro.

Artur também iniciou um namoro com uma menina. Passou a frequentar intensamente a casa dela, inclusive ficando lá nos finais de semana. O relacionamento com a menina e com a família dela parecia ser uma espécie de refúgio, segundo ambos os pais. Por ocasião do início da coleta de dados, Artur terminou o namoro, porque ela o traiu.

Segundo Silvana, o casal parental conheceu-se por volta dos 20 anos, namoraram, casaram e tiveram três filhos. Nenhuma das gestações foi planejada. A segunda nasceu um ano depois da primeira, o que gerou ansiedade na mãe, pois teria que conciliar dois bebês, com trabalho e estudo. Embora a gestação de Artur não tenha sido planejada, a mãe diz ter se sentido muito bem nesta gestação, com o respaldo de toda a família.

Silvana acredita que tinha uma família “aparentemente bem constituída” até por volta de três anos antes da separação. Naquela época, João passou por problemas de saúde, justamente quando ele vivia transições no trabalho e perdas econômicas. Silvana verbalizou que trabalhava muito e que, neste contexto, outra ‘pessoa’ deve ter dado mais atenção ao ex-marido.

Atualmente, João tem contato com os filhos, mas não como era antes da separação. Costuma eventualmente frequentar a casa da ex-mulher, conseguindo dialogar, embora muitas vezes não entrem em acordo quanto à separação legal, quanto à pensão e quanto às questões relacionadas ao Artur. Não fizeram até hoje o divórcio legal. Combinaram uma pensão que o pai foi reduzindo com o passar do tempo.

Silvana definiu-se como uma pessoa muito comunicativa. Também diz ser “muito espaçosa” (toma os espaços dos outros) e dominadora. Seu pai faleceu no seu segundo ano de vida. Sua mãe nunca mais casou: era ela e duas filhas. A mãe verbalizou que sua família se caracteriza por ter “mulheres dominadoras”, mas teve um avô que conviveu com elas.

Segundo Silvana, João sempre foi uma pessoa bastante quieta e ponderada. Tinha várias questões de sua própria história mal resolvidas. Foi deixado aos cuidados dos avós

paternos ainda quando bebê, passando a ter com os pais contatos apenas esporádicos. Sempre foi uma pessoa culta e inteligente. Trabalhou e estudou muito, mas passou por várias situações de trocas de emprego.

Artur foi descrito pela mãe como comunicativo e extrovertido, mas ao mesmo tempo fechado, não se abre muito (sempre foi assim). Ele tem o dom da palavra, conduta sedutora, envolvente: ‘faz de conta que eu te enrolo e eu vou fazer de conta que eu acredito’. Muitas vezes Artur faz um “jogo”, mentindo. Diz para o pai ‘a mãe diz que pode’, quando na verdade a mãe disse que era para ver com o pai.

Os problemas atuais de Artur dizem respeito ao não cumprimento de combinações relacionadas ao estudo: “mata” aula, brinca, não estuda, escreve muito pouco, não tem material organizado, não faz os trabalhos, mas empenha-se em conseguí-los com colegas que já os fizeram. Sempre inventa alguma coisa para sair da aula, às vezes com queixas somáticas. Seu desempenho é bom nas disciplinas de seu interesse.

Silvana preocupa-se com o filho, pois acha que às vezes ele “viaja”, querendo ter coisas que a sua condição financeira não permite. Artur não cuida bem de suas coisas, inclusive sendo às vezes relapso com seu próprio corpo e sua saúde. Em casa age com violência (batendo portas ou quebrando objetos) quando contrariado e apresenta muitas queixas somáticas. Embora tenha sempre tido problemas escolares, a rebeldia e o comportamento mais violento apareceram mais neste ano. Começou a ficar mais irritado e mais explosivo. Além disso, a mãe suspeita que ele tenha ingerido bebida alcoólica misturada com água, em alguns momentos em que ficou sozinho em casa.

No dia em que teve a crise de agressividade maior, que culminou no fato de ter ido morar com o pai, Artur havia pedido para a mãe levá-lo na casa da namorada, o que foi recusado, pois já era tarde da noite. Artur começou a quebrar as coisas do quarto, inclusive um quadro do qual gostava muito. Silvana e uma das filhas não conseguiram contê-lo.

Então chamaram o pai. Este, segundo a mãe, ao invés de “dar um corretivo”, levou-o embora.

Com relação a essa mudança, Silvana comentou que foi um período difícil, achou “que ia ter um troço”, “um nó no estômago”. A avó materna estava “entrando em parafuso”. Aos poucos ele foi levando seus pertences para a casa atual do pai. Dois meses depois, Artur questionou sua mãe se poderia voltar para casa. Esta se mostrou receptiva. A partir daí os dois conversaram e a mãe deixou bem claro que ia continuar cobrando algumas coisas, mas, ao mesmo tempo, ia rever a sua forma de cobrar. Além disso, Silvana passou a acompanhar alguns cuidados básicos de Artur, relacionados à sua saúde. Artur está mais calmo depois que retornou para casa, conforme relato da mãe.

Segundo a mãe, Artur não falou muito do que se passou na casa do pai. Apenas comentou que este não era o mesmo. Para Silvana o filho “não reconheceu este pai”. A mãe pensa que ele também fez muitas cobranças, de horários e tarefas. Além disso, Artur percebeu outras mudanças no pai, que passou a realizar tarefas domésticas e a não trabalhar.

Acredita que o filho vinha se sentindo sozinho nos últimos tempos, situação diferente daquela do início da vida. Quando a mãe engravidou do Artur, lembra da “gritaria” de alegria com o teste de gravidez. Foi também uma “festa” na família também quando souberam que era um menino. Artur viveu uma infância muito boa, “uma criança muito amada”, que teve quatro mães: a mãe, as irmãs e a avó materna. Foi muito disputado por todos. Era uma criança calma, “não era agitado”, sentava no chão, “se entretinha bastante tempo com as coisinhas dele”.

Silvana cuidou exclusivamente de Artur até os seis meses, quando voltou a trabalhar à tarde e estudar à noite. Amamentou até os oito meses. Depois que voltou a trabalhar, ele ficou aos cuidados da avó e do bisavô (este faleceu quando Artur tinha 2

anos). A mãe, no seu relato, não fez referência que o pai também cuidava do filho neste período. No segundo ano de vida ingressou na escola pela manhã e à tarde ficava com a avó.

Adaptou-se facilmente à escola. No final da pré-escola, mostrava-se desatento e com dificuldades no traçado. Nesta época, a mãe lembra que ele teve uma ‘crise de brabeza’, dando pontapés na irmã mais velha. Com 7-8 anos fez tratamento neurológico, recebendo o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção, e acompanhamento psicopedagógico. Também pelas questões de aprendizagem, com 13-14 fez uso de medicação para o déficit de atenção, com acompanhamento médico.

Silvana acha que em alguns momentos da vida de Artur pode ter falhado com ele, “talvez o faltar, em função de seu trabalho”. Em relação ao pai, pensa que não foi presente. A mãe disse que avançou o espaço do pai, mas ele permitiu. Não lembra do pai brincando com o filho. Em questões de sexualidade, ele nunca conversou com Artur, deixando a critério da mãe. No entanto, pai e filho tiveram algumas atividades em comum nos últimos anos: uma de lazer e outra filantrópica. Saíam sempre juntos para estas atividades, dos 12 anos até a ocasião da separação. Além disso, costumava freqüentar o trabalho do pai. Este se empenhou para que o filho fosse morar com ele, mas agora que o filho retornou para a casa, o pai está distante e diminuiu a pensão.

Segundo João, a separação do casal foi consequência de um afastamento entre os dois. Ele teve problemas de saúde (estresse). Por outro lado, a ex-esposa foi tomando espaço (“não tinha mais espaço para as minhas roupas”). Ela sempre teve um temperamento muito forte, fazia cobranças dele e dos filhos de forma agressiva. Era ciumenta e desconfiava dele. A atual companheira, segundo João, era uma amiga que inclusive incentivava a retomada de seu casamento. Fala que houve tentativas de reconciliação por conta disso. Comentou que não formalizou a separação ainda por

questões financeiras. Embora Silvana questione, acredita que o valor da pensão que dá ao filho é suficiente para seu padrão de vida.

Sempre teve um relacionamento distante com seus próprios pais. Hoje entende melhor o motivo que os levou a deixarem-no no início de sua vida (era o filho mais velho) aos cuidados dos avós. Atualmente, tem bastante contato com sua própria família, que aceita muito bem sua atual companheira. João verbalizou que se dedica muito a ela.

Com seus filhos o relacionamento hoje, depois da separação, é mais distante, porque, no início, eles não aceitaram sua atual companheira. João acredita que as irmãs influenciaram Artur, para que este se afastasse também do pai. De início, o filho se rebelou, cobrou, mas depois recuou. Com o tempo começaram a sair a cada 15 dias. Demorou um ano para começar a visitá-lo. Pensa que o filho, embora não tenha verbalizado ou demonstrado, nunca aceitou a separação, em função da “união que existia, éramos nós três”. Verbalizou que o filho é fechado como ele, apesar de ser mais extrovertido que o pai.

Artur foi muito “curtido” por todos, “paparicado” até demais, segundo João. Sempre foi muito fácil de lidar, tranquilo e calmo. Lembrou com carinho que cuidou do filho à noite para que a mãe pudesse terminar a faculdade (isso até uns 4 anos de idade). Ele e o filho tinham uma relação forte, principalmente na entrada da adolescência, pois tinham duas atividades em comum (como já foi referido). Artur nunca foi agressivo com o pai. Pensa que o filho progressivamente foi ficando mais sozinho, pois aos poucos as irmãs foram saindo de casa, além do próprio pai.

João nunca se envolveu nos problemas escolares que o filho apresentou desde cedo, porque a mãe “resolvia as coisas sozinha, não dividia”. Os desajustes escolares se acentuaram nos últimos tempos. O pai acredita que o filho ficou muito sozinho depois da separação. Isso porque a mãe deu mais espaço ao filho, deixando-o muito “solto”. Em casa,

começou a ficar indisciplinado, a desafiar, a “responder”. Isso se acentuou a partir da entrada do namorado da mãe em casa. Outro fato é que Artur namorou uma menina por quase um ano, sendo que praticamente “se refugiou da separação” na casa dela. O pai presenciou quando Artur descobriu a traição da menina, pois foi no período em que morou com ele.

Pensa que o filho foi morar com ele porque a mãe perdeu o controle da situação. Conta com pesar e ressentimento que o filho voltou para a casa da mãe. Acredita que ela acabou pedindo para ele voltar. As condições físicas da casa atual do pai também influenciaram, pois é distante, não dando possibilidades de independência para ele. O pai reconheceu que com ele a cobrança era maior, desde as tarefas escolares. Estava acompanhando mais de perto. Sabia que ia ser por um determinado período que o filho ia morar com ele, mas não pensou que seria tão pouco.

Neste momento, gostaria de ter mais contato com ele, mas pretende deixar que o filho o procure. Chama atenção do pai o fato de Artur não ter ido buscar alguns pertences que ficaram lá. Às vezes, fica sabendo notícias suas por outras pessoas.

Numa primeira entrevista, Artur relatou que o processo de separação dos pais foi bem difícil para os pais, não para ele. O casal parental andava brigando muito, quando houve a descoberta de que “o pai tinha outra”. Verbalizou que ficou muito indignado com o pai, não aceitava o que ele fez. Pensa que poderia ter sido mais sincero com a mãe. Durante os três primeiros meses ficou sem falar com o pai. Comentou: “Eu nem senti falta dele... tava com muita raiva”. Com o passar do tempo foi se acostumando. Diz que no ano passado descarregava essa raiva em algumas atividades esportivas. Com a separação, está mais sozinho em casa, apesar da família materna estar por perto, além da presença da empregada na casa, durante o dia. Fez referência ao fato das irmãs não estarem mais em casa, desde o início de sua adolescência.

Não costumava ter explosões de raiva como a que teve no dia em que ocorreu sua mudança para a casa do pai. Apenas lembra que quando estava na pré-escola algumas vezes mordeu determinados colegas. Nos últimos tempos, vem se sentindo mais irritado e mais agressivo. Relatou fatos em que se percebe mais explosivo.

Em relação à mudança para a casa do pai, contou que brigou com a mãe, pois ela havia prometido levá-lo na casa da namorada e não cumpriu. Então, começou a bater nas paredes, quebrou algumas coisas, inclusive um quadro especial, que ele ainda tem vontade de concertar, 'juntar uma parte na outra'. Houve uma 'rachadura', quebrou a moldura. Tentaram conversar com ele e acabaram chamando o pai. Resolveu ir morar com o pai, mas não foi bom. Era um lugar muito isolado, sem nada para fazer, dependia de carona, pois não tinha ônibus. Além disso, "aquela casa era muito fria".

Primeiramente, disse que o relacionamento com o pai não mudou depois da separação, pois sempre foi mais distante. No entanto, acabou reconhecendo que seu pai participava de sua vida diária, pois o encontrava a noite, além de almoçar com ele. Antes da separação, tinha duas atividades em comum com o pai. Justificou o fato de ter parado com uma delas, porque não gostava mais. No entanto, ficou claro que a suspensão da atividade estava associada à ruptura com o pai.

No decorrer da avaliação, foram aparecendo outras queixas relacionadas ao pai. Exemplo: "Meu pai simplesmente me deixou lá... (refere-se à escola) e se foi. Achei que ele ia ficar lá, mas me deixou e eu tive que vir a pé". "Eu não posso contar com ele". Depois que decidiu voltar a morar com a mãe, o relacionamento com o pai voltou a ficar distante, como era depois da separação.

O relacionamento com a mãe sempre foi mais próximo. No entanto, sente-se muito cobrado pelas questões escolares. Às vezes, não a encontra em casa, pois ela trabalha

algumas noites. Acredita que o relacionamento com a mãe melhorou com a separação, pois ela tem saído mais com ele, para jantar ou ir ao cinema.

Em relação ao namorado da mãe, descreveu sua contrariedade de ter um estranho em casa. “Não me sentia à vontade”. Além disso, ele não costumava conversar com ele. Não acha bom a mãe namorar, pois se acostumou muito em casa só os dois. No entanto, aceitaria que uma de suas irmãs fosse morar com eles novamente.

Relatou detalhadamente suas dificuldades e resistências em relação ao estudo. Fica claro um negativismo quanto às tarefas escolares. Para ele, tal situação começou na 2ª e 3ª série. No entanto, seu aproveitamento é melhor nas disciplinas de seu interesse. No momento, está empenhado em mudar a placa mãe de seu computador. “A minha placa mãe não tá funcionando... tá muito rígida”.

Também falou a respeito do namoro que teve. Sentiu muito o término, porque gostava dela, mas não pretende voltar a namorá-la. Além disso, tinha um contato muito próximo com a família dela. Disse que gostavam muito dele e que lá não tinha um filho homem (somente mulheres). Passava os finais de semana na casa dela. Não esperava ser traído. Em relação ao consumo de álcool disse que toma eventualmente em festa com os amigos e raramente em casa.

Artur demonstrou receptividade no processo de avaliação. Colocou-se de forma bastante verbal, extrovertida e bem humorada. Durante a aplicação dos testes freqüentemente realizou comentários sobre si mesmo, relatando fatos passados ou presentes. Por outro lado, durante toda a avaliação queixou-se de problemas somáticos: dores no corpo. Isto parecia estar claramente associado aos conteúdos que estavam sendo vistos. “Normal eu não sou”.. “Eu me dei conta que eu falei coisas que eu nunca tinha pensado... o histórico da minha vida”.

Síntese da Testagem Psicológica

a) HTP

A análise do HTP revela que o auto-conceito de Artur é marcado pela presença de sentimentos de inadequação, desconfiança, insegurança, desamparo, vazio e solidão. Há indicadores de imaturidade e ansiedade.

O ambiente não é percebido como acolhedor e suficientemente suportivo, mas sim restritivo, despertando-lhe uma certa hostilidade.

Os desenhos indicam também fragilidade egóica. Aparece um esforço para controlar, mascarar e negar seus sentimentos, compensando com fantasias e defesas maníacas.

Há indicativos de preocupações sexuais e sentimentos negativos para consigo mesmo.

A análise do HTP também permite levantar a hipótese de vivências relacionadas à perdas relacionadas com rupturas de relacionamentos e afastamentos.

b) Teste do Desenho da Família

O desenho revela a presença de impulsos agressivos importantes, rigidez e inibição. Há indícios de depressão e negação dos afetos.

Apresenta uma descrição um tanto rígida e concreta da família, com menor referência às interações. O pai, embora tenha sido a primeira figura desenhada, é desvalorizado, descrito como uma pessoa “séria, humilde, estressada”. A mãe aparece mais valorizada que o pai, no que diz respeito aos contatos com o mundo externo (como trabalho e relacionamentos fora da família). Sente-se superior ao pai e à mãe, pois se percebe com mais perspectivas e recursos.

A desvalorização do pai no desenho pode estar associada às decepções reais com a figura paterna, como também à competição edípica. A exclusão das irmãs também pode refletir desejo de exclusividade, como também a sua vivência atual.

c) Teste das Fábulas

A interpretação deste teste revela predominantemente fantasias de abandono, desamparo, privação, rejeição em relação às figuras parentais. Aparecem também indícios de somatização e conflito de identidade.

Percebe a mãe como mais próxima que o pai e com mais disponibilidade de acolhê-lo. Revela uma necessidade de resgatar os cuidados parentais perdidos.

Seu estado emocional é de tristeza, solidão, pesar, medo e raiva. Por outro lado, também é capaz de sentir alegria, quando se sente apoiado. Frente às suas fantasias e seu estado emocional, utiliza os mecanismos de negação e racionalização.

Durante a aplicação deste teste por várias vezes associava as histórias inventadas às suas próprias vivências, o que mostra sua ansiedade, fragilidade e falha na repressão. A maioria das referências dizia respeito a questões da infância, associadas a vivências de alegria ou de pesar e perda.

3.3.2 Análise

O desenvolvimento de Artur foi marcado por um padrão familiar instituído pelo casal parental muito tempo antes de sua concepção, e relacionado com as vivências infantis de perdas, rupturas e descontinuidades inscritas nas histórias de seus pais. A mãe de Artur perdeu o pai no segundo ano de vida, crescendo numa família marcada por “mulheres fortes”. O pai, por sua vez uma figura mais passiva, frágil e deprimida foi deixado aos cuidados dos seus avós paternos no início de sua vida. Talvez tenha sido esta composição

que tenha estabelecido um casamento onde a figura materna apresentou-se mais dominante e a paterna mais passiva, mas não ausente.

A chegada de Artur foi vivida com muita alegria, especialmente pelo fato de ser um menino, na medida em que o casal já tinha duas filhas. No primeiro ano de vida, a mãe dedicou-se integralmente ao bebê até os seis meses, quando então retomou suas atividades. O pai também se fez presente nesse início de vida, relatando com afeto e carinho que cuidou do filho à noite para que a mãe pudesse terminar a faculdade, do primeiro ano de vida até aproximadamente os quatro anos. A força da dominância feminina aparece no relato da mãe quando diz que Artur teve “quatro mães” (incluindo as irmãs e avó materna). Não fez referência em seu relato de que o pai teve uma participação ativa também. A negação da mãe reflete a sua tentativa de desvalorizar a importância da figura paterna. Segundo Dolto (1988/2003) algumas mães tratam seus filhos como se fossem delas, caindo na armadilha de sua própria possessividade.

Neste ponto, é preciso refletir sobre as funções maternas e paternas dos pais de Artur. De acordo com as concepções de Winnicott (1971/1984) cabe à mãe oferecer ao filho um *holding*, um ambiente suficientemente bom. O pai por sua vez, deve estabelecer os limites necessários para o desenvolvimento do auto-controle. Para Vilhena e Maia (2002), o pai oferece um ambiente indestrutível, que limita inclusive a relação dos filhos com a mãe. Provavelmente, a mãe ofereceu ao menino um ambiente suficientemente bom no primeiro ano de vida. O pai também ajudou no processo de separação desta dupla, na medida em que cuidou desse filho até os 4 anos para que a mãe pudesse estudar. Ambos os pais relatam que Artur era uma criança calma e tranqüila e adaptou-se facilmente ao ambiente escolar.

Parece que as falhas no exercício da função paterna começaram a aparecer na fase edípica, no momento em que o filho necessitava que o pai apresentasse atitudes mais

firmes, com a colocação de limites. Ao contrário do que aconteceu no início de sua vida, o menino não pôde contar com o pai neste período. Artur, na pré-escola, “não pintava dentro de limites”. A mãe lembrou que nessa época ele teve uma “crise de brabeza”, dando pontapés na irmã mais velha. Artur, nas entrevistas, também fez referência a episódios de agressividade (mordidas) dirigidos a alguns colegas. Os primeiros sinais de tendência anti-social começam a se manifestar, como um pedido de intervenção paterna, mas a resposta do ambiente familiar foi outra. A mãe tomou mais posse ainda do filho, como diria Dolto (1988/2003). A partir daí seguiu não cumprindo adequadamente as tarefas escolares, manifestando desinteresse. Com os sintomas do menino na escola, reforçou-se inclusive a exclusão do pai, na medida em que a mãe lidava com ele tentando exercer um cuidado mais paterno do que materno.

Diante das dificuldades, a mãe supervisionava a execução de suas atividades, cobrando do filho o cumprimento das tarefas. Segundo a mãe, somente ela se envolvia nesses problemas, já que o pai não manifestava interesse em interferir nestas questões. Aliás, para a mãe, o pai nunca se envolveu muito na vida do filho, tendo com ele um relacionamento distante. Até para falar de questões sexuais o pai pedia a intervenção dela. A mãe acabou reconhecendo nas entrevistas que muitas vezes não deixou o pai participar. Verbalizou também que ela pode ter ‘falhado’ com o filho. Segundo suas próprias palavras: “talvez o faltar”, em função de seu trabalho.

O pai, por sua vez, reconheceu que nunca se envolveu nos problemas escolares que o filho apresentou, porque a mãe “resolvia as coisas sozinha, não dividia”. Queixou-se de que a ex-esposa foi tomando espaços. Afirmou que seu relacionamento com o filho foi muito bom no início da vida dele, como já foi referido, e no início da adolescência de Artur quando os dois passaram a ter duas atividades em comum.

Portanto, Artur passou a sofrer de privação paterna, a partir da fase edípica, porém como seus sintomas não foram compreendidos e manejados, seguiu seu desenvolvimento sem resolver esses conflitos e agregando no seu histórico outros sintomas: mentira, desleixo consigo mesmo, desorganização do material escolar. Winnicott (1971/1984) associa desleixo com privação materna. A mãe de Artur acredita que, por envolvimento em seu trabalho (além do estudo também), pode ter falhado com o filho. Podemos pensar que tais sintomas também eram uma forma de Artur reter a atenção da mãe. Enfim, Artur então deu sinais de tendência anti-social, na esperança de buscar o cuidado perdido, como diria Newman (2003).

Foi com este histórico e neste contexto que ocorreu a separação do casal. Torna-se relevante compreendermos como Artur vivenciou esta transição, levando em consideração também os estudos especificamente voltados para o divórcio parental. A literatura consultada nos aponta que é bastante comum no período inicial pós-divórcio o aparecimento de problemas de ajustamento, queda no rendimento escolar e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Wallerstein & Kelly, 1998). Alguns autores encontram problemas comportamentais em adolescentes (Harland et al., 2002; Sourander & Helstelä, 2005; Wolchik et al., 2002). Conforme relato dos pais e do próprio Artur não houve modificações significativas em seu comportamento logo depois da separação dos pais; ou seja, os desajustes continuavam a se manifestar como antes da separação.

Os autores também destacam que o medo de perder o contato com o pai que está indo embora é um dos principais desajustes causados pelo divórcio, porque os filhos têm medo de serem abandonados (Almeida et al., 2000; Souza & Ramires, 2006). Podemos entender que no início da separação, o sentimento predominante de Artur era raiva, negando qualquer tipo de falta que pudesse vir a sentir do pai. A tendência à

desvalorização da figura paterna já existente, com a “possessividade” da mãe em relação ao filho, ficou pontencializada pela traição real do pai em relação à mãe. As mulheres uniram-se por alguns meses e aí se instituiu o fenômeno de PAS - Síndrome de Alienação Parental – (Boch-Galhau; 2002) ou padrectomia (Martinez, 2002).

Artur inicialmente verbalizou que não sentiu falta do pai no período dos três meses em que ficou sem encontrá-lo (aliás, o mecanismo de negação é significativo nesse adolescente, que mascara seus aspectos mais depressivos). Comentou “... Eu nem senti falta dele... tava com muita raiva”. Disse isso se referindo ao fato do pai ter traído a mãe. No contexto do divórcio, os estudos com adolescentes apontam com frequência a incidência de: sentimentos de raiva, tristeza e em relação ao genitor não residente (Ramires, 2004), cólera (Mahon et al., 2003), comoção e descrença (Kelly & Emery, 2003). Para Cohen (2002), raiva e confusão podem levar a desajustes no comportamento (tais como uso de substâncias, decréscimo do desempenho escolar, depressão, agressividade), além de uma autonomia prematura com desidealização de cada pai. É o que foi progressivamente intensificando-se em Artur, como refletiremos a seguir.

A partir do início do segundo ano do divórcio dos pais, Artur passou a acentuar e a agravar alguns de seus desajustes, além de agregar outros. Conforme relato da mãe, o filho começou a apresentar-se agressivo e violento quando contrariado, chegando a quebrar objetos em casa. Os dois discutiam pelas questões escolares, pois a mãe cobrava cada vez mais, na medida em que o filho também vinha piorando o seu aproveitamento escolar e organização. Artur também estava descuidando de sua aparência pessoal, além da possibilidade de ter consumido em casa bebida alcoólica misturada com água. Na concepção do pai, o filho estava “muito solto” e mais sozinho. Então, possivelmente, Artur começou a reviver o complexo de deprivação. De um lado, como já foi referido, Winnicott

(1971/1984) associa o desleixo e a desorganização à deprivação materna, enquanto a falta de limites, a destrutividade e a agressividade à deprivação paterna.

Vários fatores devem ser considerados para o total entendimento do que se passava com Artur nessa fase. Primeiramente, é preciso destacar que os pais, a partir do segundo ano de separação, reorganizaram as suas vidas, seguindo cada um seu próprio caminho. Costumavam conversar, conseguindo estabelecer um diálogo. Porém, até hoje não entraram em acordo quanto à separação legal. Cada um deles projeta no outro a responsabilidade no que diz respeito aos ajustes econômicos. Além disso, a pensão que o pai destina ao filho é motivo de desacordos. Conforme Souza (2000), o nível de conflito parental é um fator significativo para a adaptação dos filhos e para o relacionamento pais-filhos.

A partir do final do primeiro e início do segundo ano da separação do casal parental, houve mudanças na vida de Artur que se refletiram diretamente nos relacionamentos entre ele e os pais, contribuindo certamente para o agravamento de seus sintomas. De um lado, o pai assumindo o novo relacionamento e envolvendo-se com os problemas de saúde de sua atual companheira; por outro lado, a mãe iniciando um namoro. Segundo a literatura revisada, o namoro e o recasamento parental são conseqüências naturais do divórcio (Dunn, Connor & Cheng, 2005; Souza, 1999). Porém, para Artur, esta perspectiva talvez tenha lhe despertado sentimentos de desamparo, revivendo o estado de deprivação já inscrito em sua história. Para os filhos, o recasamento cria uma teia complexa de relacionamentos que merece ser estudada (Dantas, Jablonski & Feres-Carneiro, 2004). Isso porque são novos relacionamentos e pessoas entrando em suas vidas, muitas vezes quando ainda não elaboraram o divórcio dos pais. Por isso, para Lansford et al. (2006), o recasamento pode vir a ser um fator de risco, aumentando automaticamente os problemas de comportamento nos filhos.

Naquele momento, talvez os pais de Artur tenham se afastado mais de suas funções parentais, aspecto esse discutido em muitas pesquisas sobre o divórcio. A potencialização de desajustes e/ou ressentimentos e decepções com uma das figuras parentais é frequentemente associado nos estudos com a diminuição da parentalidade exercida após o divórcio (Amato, 2001; Dunn, 2004). Por um lado, a mãe que detém a guarda deve proporcionar um ambiente de cuidado positivo (Souza, 2000); por outro, o pai precisa dedicar ao filho um tempo que seja suficiente a ele, embora seja difícil de mensurar o que seria “tempo suficiente” (Dantas et al., 2004).

Uma das alternativas inconscientes que Artur buscou para o seu desamparo foi o namoro que teve com uma menina por quase um ano, iniciando meio ano depois da separação dos pais. Passava inclusive os finais de semana na casa da namorada, estabelecendo uma relação muito forte com a família dela, que o tratava como um filho. Mas a saída mais destrutiva foi o episódio de maior violência em que quebrou objetos em seu quarto, sem que a mãe e a irmã conseguissem contê-lo. Talvez essa atitude extrema, que culminou na mudança de Artur para a casa do pai, tenha sido a sua expressão maior de privação, principalmente, paterna.

O afastamento ou falta do pai, no período pós-divórcio, potencializa problemas de ajustamento e acadêmicos no adolescente do sexo masculino (Hines, 2007; Kelly & Emery, 2003; Storcken et al., 2005). Para esses autores, o menino sente mais a falta da figura paterna, neste período, pela necessidade do modelo masculino.

A experiência de morar com o pai gerou decepções no filho em relação ao pai. Artur encontrou um pai cuidador e controlador, e muito envolvido nos problemas de saúde da atual companheira. Artur chegou a colocar: “Aquela casa era muito fria”. A localização da casa atual do pai, extremamente inacessível, localizada na zona rural da cidade, diferentemente da sua situação atual, entrava em choque com as suas demandas

adolescentes; ou seja, Artur, para se deslocar, dependia diretamente do pai e da madrasta, situação muito diferente daquela que tinha na casa da mãe. Neste ponto lembramos que, segundo Wagner et al. (1997), não é tarefa fácil integrar todas as demandas da fase adolescente num cenário familiar multifacetado e em processo de modificação. Além disso, o estudo de Dunlop et al. (2001) com adolescentes de 13 a 16 anos concluiu que a auto-estima do adolescente está associada a um alto cuidado parental, sem que isso signifique um controle excessivo por parte dos pais, visto que aquele necessita também de autonomia e individuação.

Para a mãe, o período foi de muito sofrimento. Por isso não hesitou em aceitar o filho de volta, quando este pediu. No que diz respeito a ela, o pedido de socorro de Artur parece ter sido atingido, pois a partir do retorno do filho ela se propôs a reformular uma série de atitudes de cobrança, além de voltar a acompanhar alguns cuidados básicos de Artur, relacionados com sua saúde física. Ao mesmo tempo, o filho concordou com uma série de limites que foram discutidos entre eles. Por ocasião do início dessa coleta de dados, Artur estava mais calmo e menos agressivo, segundo a mãe.

A personalidade do filho é apontada com um fator facilitador ou não na adaptação pós-divórcio, despertando ou não suporte por parte do ambiente (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Rushena et al., 2005). Por isso, é preciso ampliar essa reflexão, discutindo as características de Artur. Embora ele se apresente de forma extrovertida e bem comunicativa, os testes revelam uma tendência a inibir os afetos, negando-os, além de apresentar tendências à somatização, conduta opositora, fuga para a mania e fuga para a fantasia. Também aparece conflito de identidade, ansiedade, sentimentos de desamparo, vazio e solidão. Tais sentimentos parecem ter sido potencializados pelas diversas deprivações vividas ao longo dos anos. Com sua tendência a mascarar seus aspectos depressivos, os pais muitas vezes interpretaram seus desajustes como uma simples

irresponsabilidade e/ou rebeldia. Também tomavam as questões escolares como provenientes do déficit de atenção.

Portanto, os sintomas apresentados por este adolescente estão mais relacionados com as vicissitudes de seus relacionamentos com os pais, marcados por discontinuidades no *holding* oferecidos por eles e os afastamentos progressivos. É possível verificar que a vivência do período pós-divórcio potencializou as dificuldades, que certamente foram instituídas a partir de experiências muito anteriores ao processo de separação dos pais. Artur não estava suficientemente em condições de enfrentar esta transição da maneira como aconteceu e como foi conduzida, pois o fez reviver as deprivações passadas.

4 Síntese dos Casos Cruzados

Ao analisar os dados levantados nos três estudos de caso encontramos vários pontos de convergência que serão apontados e discutidos nesse momento. Primeiramente, é preciso considerar que em todos eles foi possível identificar uma história de fragilidade nos relacionamentos entre pais e filhos desde a primeira infância, muito antes do processo de separação do casal. Esta fragilidade se constituiu a partir de experiências de discontinuidades, de rupturas dos cuidados parentais, que entendemos terem desencadeado nos filhos o complexo de deprivação, tal como foi descrito por Winnicott (1956/2000).

Percebemos que em todos os casos houve um início de vida suficientemente bom. Embora nenhuma das gestações tenha sido planejada, foram filhos muito bem recebidos e investidos de cuidados no seu primeiro ano de vida. As mães, ao que tudo indica, conseguiram desenvolver o estado chamado de “preocupação materna primária”, fornecendo um contexto propício para que a constituição de seus bebês começasse a se manifestar (Winnicott, 1956/2000). No entanto, para Patrícia (caso 1) e Fernando (caso 2)

a privação materna foi vivenciada já a partir do segundo ano: Patrícia, diante da gravidez e nascimento da irmã; Fernando, diante da carga horária de trabalho intensa da mãe e também do nascimento da irmã. Ambos, nesta fase, provavelmente incrementaram seus sentimentos de perda também porque a figura paterna não foi suficientemente acolhedora. O pai de Patrícia passou a se dedicar ao trabalho, e o pai de Fernando, era um homem agressivo e violento. No caso de Artur (caso 3) também detectamos a vivência da privação materna a partir do segundo ano de vida, em função das atividades profissionais da mãe. Porém, neste caso, o pai ofereceu um *holding* ao filho, atenuando os possíveis sentimentos de perda em relação à mãe. No entanto, houve privação paterna a partir da fase edípica, quando o pai não conseguiu cumprir sua função na colocação de limites, necessária ao desenvolvimento do auto-controle.

As figuras parentais dos três casos tiveram experiências marcadas por momentos críticos no convívio com seus pais na sua infância. Dificuldades de relacionamento são detectadas nos pais de Patrícia (caso 1): a mãe com a avó materna; o pai com os avós paternos. O avô paterno e materno de Fernando (caso 2) aparecem desqualificados, falhando em seu papel provedor de um *holding* familiar. Na mãe de Artur houve a perda do pai por morte no segundo ano de vida, o que pode ter sido vivenciado como uma experiência de privação. Já o pai de Artur (caso 3), por sua vez, sofreu possivelmente de privação, por ter sido abandonado no início de sua vida por seus próprios pais. Chama também a atenção o fato de que todas as mães dos adolescentes avaliados são identificadas como autoritárias e com forte poder de influência na família. Os pais dos adolescentes, por sua vez, se revelam mais frágeis e desqualificados, com problemas econômicos, desemprego nos três casos, e traição no caso do pai de Patrícia e Artur. Este padrão em relação às figuras maternas e paternas parece ser também uma repetição da geração anterior.

Todos os adolescentes, ainda na primeira infância, apresentaram desajustes. Patrícia (caso 1) demonstrou por muito tempo medo de ficar sozinha e de máscaras. Fernando (caso 2) tinha manifestações de agressividade em sua casa. Artur (caso 3) na pré-escola começou a apresentar adaptações e dificuldades escolares. Em todos eles surgiram novos sintomas ou se potencializaram a partir da vivência de separação dos pais. Patrícia e Fernando passaram a ter problemas de comportamento na escola logo após a separação. Artur potencializou seus sintomas no início do segundo ano de separação.

Percebemos que o aparecimento ou potencialização desses sintomas estavam associados a novas vivências de privação e não propriamente à separação dos pais. Patrícia (caso 1) e Fernando (caso 2) foram privados imediatamente após a separação, porém em Patrícia a privação foi materna (com sintoma de furto) e paterna (agressividade, afronta verbal aos professores, dificuldade no controle dos impulsos), enquanto que em Fernando a privação foi somente paterna (agressividade e afronta verbal aos professores). Artur (caso 3) já manifestava desajustes muito antes da separação dos pais. Tais desajustes foram potencializados, mas não imediatamente após o divórcio. Podemos lembrar nesse momento que mesmo contando com apoio da namorada e da família desta, o sentimento de privação em Artur e a potencialização de suas manifestações de tendência anti-social se incrementaram no segundo ano de separação, quando ambos os pais ficaram muito envolvidos em seus novos relacionamentos, deixando o filho mais sozinho. A privação materna manifestou-se pela desorganização e desleixo (com sua saúde e seu corpo) e a paterna através de condutas agressivas e violentas.

Este cenário de discontinuidades nos relacionamentos entre os pais e filhos, com o conseqüente aparecimento ou potencialização de sintomas, tem conexão com as conclusões de muitos estudos sobre o divórcio parental. Independentemente do enfoque teórico ou da metodologia utilizada, a literatura especializada sugere que o divórcio passa a ser um fator

de risco para os filhos caso tenha se consolidado um afastamento entre eles e as figuras parentais. O aparecimento e manutenção dos desajustes e/ou ressentimentos e decepções com uma das figuras parentais são freqüentemente associados nos estudos com a diminuição da qualidade da parentalidade exercida após o divórcio (Amato, 2001; Dunn, 2004). A maioria dos estudos ressalta a importância da manutenção dos vínculos do pai não residente com seus filhos (Kelly & Emery; 2003; Ruschena et al., 2005; Storken et al., 2005). Mas é preciso considerar também o relacionamento entre o filho e o progenitor que detém a guarda. Para Souza (2000), este deve proporcionar um ambiente de cuidado positivo.

O divórcio, a exemplo do que foi descrito nos três casos avaliados, traz muitas mudanças para a vida dos filhos. A saída de um dos pais da residência é uma das mais evidentes. Porém, existem outras, tais como: declínio econômico (Amato, 2001), menos contato com os pais, instabilidade produzida e o possível prolongamento do conflito parental (Souza, 1999). Nos três casos, identificamos problemas econômicos que podem ter incrementado as dificuldades de relacionamento entre o casal muito antes da separação, sendo que após a separação parece ser motivo de desacertos. Em todos os casos, foram detectados o prolongamento do conflito parental, seja por questões econômicas, como no caso de Fernando (caso 2) e Artur (caso 3), seja por mágoas e ressentimentos como no caso da mãe de Patrícia e do pai de Fernando.

Outra consequência natural do divórcio é o namoro e o recasamento parental (Souza, 1999). Esta perspectiva não é isenta de conflitos; muito pelo contrário. São novos relacionamentos não só para os pais, mas para os filhos. O recasamento cria uma teia complexa de relacionamentos (Dantas et al., 2004). A perspectiva de recasamento ficou evidente nos casos de Patrícia (caso 1) e Artur (caso 2). Nestes casos, a traição do pai é que precipitou a separação, mas ambas as mães tentam reconstruir suas vidas através de novos

relacionamentos. Devemos considerar nesse ponto que é possível que Patrícia e Artur, sofrendo de deprivação materna e paterna, tenham potencializado suas dificuldades com a perspectiva dos namoros de seus pais. E como colocam Lansford et al. (2006) o recasamento pode ser um fator de risco, aumentando os problemas de comportamento nos filhos.

Embora, as histórias anteriores das relações entre pais e filhos, aliada aos afastamentos das figuras parentais tenham potencializado os desajustes, devemos considerar que os três casos apresentaram sintomas no primeiro ano após o divórcio, como a literatura especializada aponta: depressão, irritação, queda no rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Wallerstein & Kelly, 1998; Wolchik et al., 2002), como também distração, ansiedade, raiva, comoção e descrença (Cohen, 2002; Kelly & Emery, 2003).

A perspectiva da quebra do *holding* familiar cria um cenário propício para o aparecimento de desajustes, com incertezas e mágoas, emergidas no meio dessas “guerras” conjugal e parental, que ocorrem principalmente no período inicial da separação. Os sintomas aparecerem com mais frequência no primeiro ano de separação (Harland et al., 2002; Cohen, 2002; Kelly & Emery, 2003; Lansford et al., 2006). Com Patrícia (caso 1) e Fernando (caso 2) haviam se passado cerca de três meses da separação, sendo que Artur (caso 3) enfrentava o segundo ano quando seus sintomas se potencializaram.

É preciso considerar também que os casos avaliados incluíam filhos vivendo a transição adolescente, período evolutivo vulnerável ao aparecimento de desajustes. Como colocam Wagner et al. (1997) integrar todas as demandas da fase adolescente, num cenário cultural e familiar multifacetado e em pleno processo de modificação, muitas vezes, significa deparar-se com um agravamento das crises inerentes à adolescência e ao ciclo evolutivo do sistema familiar. O adolescente tem mais condições de aceitar e perceber

a realidade de uma forma mais objetiva. No entanto, a compreensão mais realista da situação não impede o surgimento de ressentimentos e, conseqüentemente, de sintomas. Conforme escreve Souza (2000), os adolescentes percebem muitas vezes o divórcio como uma boa solução para a família, mas, por outro lado, alguns relatam solidão, isolamento ou incapacidade de buscar fontes de apoio.

Os adolescentes avaliados apresentaram sintomas na área de conduta, inconscientemente denunciando o sentimento de desamparo e solidão. Demonstraram compreender e aceitar o motivo da separação dos pais, mas descreveram e identificaram com propriedade seus sentimentos de raiva dirigidos às figuras parentais que os privaram. Tais achados são compatíveis com alguns dos resultados dos estudos revisados envolvendo adolescentes, como veremos a seguir.

Harland et al. (2002) detectaram um índice maior de problemas comportamentais entre 12 e 16 anos nos filhos provenientes de famílias com pais divorciados. Cohen (2002) cita que sentimentos de raiva e confusão podem levar na adolescência a problemas de relacionamento, uso de substâncias, descréscimo do desempenho escolar, conduta sexual inadequada, depressão, agressividade e comportamento delinqüente. Em outros estudos com adolescentes foram identificados sentimentos de raiva e tristeza em relação ao genitor não-residente (Ramires, 2004) e cólera (Mahon et al., 2003). A maior fonte de dificuldade e sofrimento diz respeito à saída de casa de uma das figuras parentais e à falta de previsibilidade de eventos da vida cotidiana (Souza, 2000). Todos esses achados são encontrados nos três casos avaliados.

Torna-se relevante também refletir sobre as diferenças quanto ao gênero dos adolescentes. As pesquisas revisadas apontam que os meninos mostram-se mais violentos e com mais problemas acadêmicos que as meninas. Estas são mais ajustadas nas características sociais e acadêmicas, mas são propensas a engravidar mais cedo (Hines,

2007; Kelly & Emery, 2003). A maioria desses estudos associa esses achados à ausência paterna. As análises de cada caso revelaram algumas convergências e outras divergências em relação aos estudos citados. O negativismo e a rebeldia estão presentes nos três. Fernando (caso 2) e Artur (caso 3) apresentam mais problemas de controle dos impulsos no que diz respeito à agressividade e destrutividade, porém Fernando não revela problemas acadêmicos, como seria também esperado. Patrícia (caso 1), por sua vez, não se apresenta mais ajustada do que os meninos, como aponta a literatura. É preciso lembrar nesse ponto que ela sofre de privação materna e paterna, sendo que os estudos revisados descrevem o afastamento do pai. Patrícia revela uma dificuldade no controle dos impulsos no que diz respeito à sexualidade, aspecto esse que está implícito nas pesquisas que sugerem a possibilidade de gravidez precoce.

Com Fernando (caso 2) e Artur (caso 3), o afastamento paterno foi de alguma forma estimulado pela figura materna, com seus ressentimentos em relação ao pai. As mães desses adolescentes lidam com seus filhos com possessividade, levando ao que a literatura define como PAS- Síndrome de Alienação Parental (Boch-Galhau, 2002), fenômeno também identificado como padrectomia (Martinez, 2002).

A literatura aponta que a personalidade é tida como uma variável importante na adaptação do filho ao período pós-divórcio (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Ruschena et al., 2005). De acordo com os dados levantados é possível encontrar pontos em comum entre os três participantes da pesquisa. Ambos revelaram uma tendência à inibição dos afetos e uma forte negação de sentimentos depressivos, embora estes tenham sido denunciados de forma muito evidente na testagem psicológica, com sentimentos de desamparo e solidão. Em todos, há uma percepção do sentimento de raiva em relação aos progenitores que provocaram a privação, porém no início da avaliação nenhum deles associou diretamente os sintomas apresentados com tais sentimentos.

Lembramos nesse ponto que a personalidade se forma através da relação que se estabelece entre a criança e seus pais. Portanto, a natureza destes relacionamentos pode influenciar de forma suficientemente positiva ou não o enfrentamento do divórcio parental por parte dos filhos. Logicamente, à medida em que a criança cresce a relação com os pais vai passando por modificações: da dependência absoluta, passa pela dependência relativa e daí rumo à independência (Winnicott, 1963/1988). Porém, as mudanças nas relações irão tomar como referência as representações do ambiente e do *self* (Souza & Ramires, 2006).

Nos participantes da pesquisa aparecem introjetadas vivências de privação que marcaram a história de seus relacionamentos com seus pais. Essas marcas os deixaram mais vulneráveis, principalmente diante da perspectiva de repetição do complexo de privação. As manifestações de tendência anti-social foram de fato uma espécie de protesto pelos “direitos perdidos”. Entendemos que nesses casos o divórcio parental foi um campo minado, que desencadeou nestas figuras parentais a descontinuidade dos cuidados maternos e paternos. Não podemos deixar de relembrar nesse momento que esses pais também têm marcas de privação na sua história com seus próprios pais. Portanto, nossa conclusão é de que o principal fator de desajuste apresentado pelos jovens adolescentes está relacionado com a história e o padrão de relacionamento estabelecido entre eles e seus pais.

5 Considerações Finais

A partir dessa experiência é possível refletir sobre vários aspectos, que incluem desde a elaboração do projeto até a sua execução. Há vários pontos a serem discutidos, como o foco de pesquisa, a demanda surgida a partir da escola, que determinou a seleção dos casos, e o processo do estudo de caso propriamente dito, com as análises deste material

integradas à revisão da literatura existente. Discorrer a respeito das limitações e aplicações significa não só avaliar o que foi feito, mas abrir portas para pesquisas futuras.

Primeiramente, é preciso considerar que o tema do divórcio parental é bastante pertinente na atualidade, em função não só do número elevado de separações atualmente, mas pela complexidade do processo que implica em mudanças na vida das pessoas envolvidas, em especial dos filhos. Também nos parece relevante a realização da pesquisa qualitativa, com a utilização de estudos de caso, na medida em que detectamos nos estudos revisados uma predominância de pesquisas quantitativas. Um terceiro fator de interesse da pesquisa diz respeito à possibilidade de utilizar os conhecimentos da Psicanálise, também menos freqüente nas pesquisas revisadas referentes ao contexto do divórcio.

Em relação ao tema da tendência anti-social, entendido psicanaliticamente por Winnicott, encontramos pesquisas envolvendo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e não em outros contextos, como o divórcio. Neste sentido, a originalidade desta pesquisa quanto ao foco e metodologia nos trouxe desafios e também limitações. Certamente, há um trabalho a ser construído nesta área em pesquisas futuras.

Buscamos no ambiente escolar o ponto de partida dos casos selecionados. Como já foi referido, a seleção dos casos dos adolescentes com indicadores de problemas de comportamento foi feita através do Setor Psicopedagógico de uma escola de classe média da cidade de Novo Hamburgo. Baseado no projeto original, sugeriu-se inicialmente um leque amplo quanto à faixa etária (7 a 15 anos) e quanto ao tempo de separação do casal (até 5 anos). Com isso, tínhamos como intuito detectar qual seria a maior demanda observada no meio escolar. Certamente, reconhecemos que esta amplitude teve seus riscos. Caso houvesse uma variabilidade muito grande entre as faixas etárias dos casos encaminhados, nos defrontaríamos com mais uma variável a ser considerada e analisada neste contexto: a idade dos filhos e o tempo de separação.

Observamos que houve uma restrição naturalmente determinada pela seleção realizada pelo Setor Psicopedagógico. Chamou a atenção que os casos selecionados pela escola estavam na fase de adolescência, com pais separados vivenciando no máximo o segundo ano do divórcio. Nos dois primeiros casos, a separação dos pais ocorreu inclusive há menos de um ano.

Portanto, com essa constatação, podemos reiterar que o período inicial pós-divórcio, como a literatura revisada nos aponta, é uma fase vulnerável ao aparecimento de desajustes, porque entendemos que em muitas situações há uma quebra do *holding* familiar, que pode vir a despertar nos filhos sentimentos de desamparo e abandono em relação ao progenitor não-residente, bem como àquele que detém a guarda. Acrescentamos que é preciso interligar o tempo da separação com a vulnerabilidade própria da adolescência, período este caracterizado por oscilações entre a busca constante de autonomia e a dependência para com as figuras parentais.

É preciso considerar também que tais casos referem-se àqueles cujos pais concordaram em participar da pesquisa. De qualquer forma, a concordância pressupõe disponibilidade. Constatou-se nos três casos significativa necessidade de ajuda, o que certamente moveu e manteve o interesse por parte deles durante todo o processo. Todos esses casos concordaram em participar da pesquisa, certamente porque buscavam orientação e ajuda (lembrando que envolviam adolescentes com sintomas comportamentais, num contexto de transições e impasses familiares e vinculares, mas que tinham vivências anteriores de privação).

É relevante destacar que, de uma maneira geral, na análise dos dados constatou-se nos três casos, o afastamento de uma das figuras parentais e um fragilizado relacionamento entre um dos pais e seus filhos, após a separação parental. Tal achado provavelmente equivale ao estado de privação, tal qual foi definido por Winnicott (1956/2000). Porém,

chamou a atenção também o fato de que todos estes adolescentes tiveram experiências de privação na história dos relacionamentos com pelo menos uma das figuras parentais, muito antes da separação conjugal, mais especificamente a partir da fase dependência relativa. Os pais, que privaram os filhos, por sua vez, tiveram em suas histórias vivências de privações com seus próprios pais.

Para fazer nossa integração e discussão dos resultados, utilizamos, além dos poucos estudos psicanalíticos existentes sobre o tema do divórcio e da tendência anti-social, estudos quantitativos de uma linha sistêmica, diferentemente da metodologia e do referencial teórico psicanalítico utilizado em nossa pesquisa. Esta falta de referências de pesquisas de orientação psicanalítica constitui-se uma lacuna na literatura científica. No entanto, é possível encontrar um ponto de intersecção entre os diversos referenciais teóricos. A expressão ‘qualidade da parentalidade’ encontrada em muitos estudos pode, a nosso ver, ser traduzida ou entendida como a capacidade suficientemente positiva dos pais em exercer continuamente os cuidados paterno e materno. É freqüente nos estudos a referência aos afastamentos das figuras parentais, em especial do pai, como um fator de risco associado ao aparecimento ou potencialização de sintomas. Fazemos uma leitura psicanalítica desses achados, pensamos que estes afastamentos representam rupturas, descontinuidades que provocam a vivência do complexo de privação e o aparecimento da tendência anti-social como pedido de socorro.

Os estudos de caso, da forma como foram planejados e posteriormente realizados, mostraram ser um método significativamente eficaz no que diz respeito ao levantamento de dados, possibilitando uma análise minuciosa de todas as variáveis envolvidas. O número de sessões foi relativamente grande, devido à variabilidade de recursos utilizados (recursos esses que se complementaram), bem como devido às entrevistas de devolução necessárias para a finalização de todo o processo.

Neste sentido, é preciso refletir sobre o ponto de intersecção entre os estudos de caso e a pesquisa-intervenção. Como diz Maraschin (2004), todo pesquisar, de alguma forma, é uma intervenção. Esta afirmação também é encontrada em Ramires e Benetti (2007), referindo que no campo da clínica há limites tênues entre uma intervenção ou uma avaliação, um exame, uma entrevista ou uma simples coleta de dados. Portanto:

Partimos da premissa que a avaliação psicológica já se constitui como um processo de intervenção, sendo muito mais do que um mero levantamento de dados sobre o sujeito. A própria realização das entrevistas e/ou da aplicação de determinados testes ou técnicas psicológicas, num *setting* particular e único pelas suas especificidades, implicam numa intervenção cujo potencial não é nem um pouco desprezível (Ramires & Benetti, 2007, p. 13-14).

Em nossa pesquisa, os estudos de caso tal como foram operacionalizados, aliados ao fato dos sujeitos apresentarem uma demanda significativa de orientação, configuraram um campo ético e inevitavelmente propício para a pesquisa-intervenção. Nesse sentido, a avaliação psicológica realizada possibilitou uma maior compreensão dos conflitos, das dificuldades, despertando a reflexão sobre as possibilidades de transformação, principalmente no que diz respeito aos relacionamentos entre pais e filhos.

O fato dos estudos de caso serem realizados no consultório da mestranda, de alguma forma promoveu a aproximação e a integração harmoniosa entre a sua prática clínica profissional e a pesquisa acadêmica. Sob um enfoque psicanalítico, foi possível aprimorar o conhecimento, a capacidade de observação, pelo rigorismo minucioso que a pesquisa se propõe.

Certamente, acreditamos que o foco deste estudo e metodologia deva ser explorado e investigado em futuras pesquisas. Associar a tendência anti-social dos filhos no contexto do divórcio parental nos parece pertinente na atualidade. Sugerimos não só a reaplicação do estudo, mas a possibilidade de aprofundar outras variáveis.

Pensamos que a pesquisa poderia ser feita, por exemplo, partindo do encaminhamento de várias escolas, desde que freqüentada por alunos de um nível social e cultural semelhante. Também refletimos a importância de se avaliar as diferenças quanto ao gênero.

Não podemos deixar de lembrar que nossas análises identificaram indícios de vivências de privação na infância das figuras parentais que, por sua vez, privaram os adolescentes avaliados. Portanto, outra sugestão seria investigar a possível associação entre as experiências das diversas gerações, através da transmissão psíquica. Este fenômeno tem sido referido na literatura psicanalítica como transgeracionalidade⁴. Segundo Safra: “O gesto criativo acontece em um determinado contexto histórico, em um determinado contexto transgeracional. Dessa forma, a criatividade assim colocada cria o já existente e também alcança o que está posicionado para aquela criança dentro da história familiar” (2002, p.828).

⁴ Os pais não são os únicos protagonistas dessa relação, ou seja, há três gerações implicadas nesse tipo de identificação (Kaës, Fairmberg, Enriquez & Baranes, 2001).

SEÇÃO II

REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA: ADOLESCÊNCIA E DIVÓRCIO - CONTINUIDADES E RUPTURAS DOS RELACIONAMENTOS

O objetivo desta seção é o de apresentar uma revisão da literatura que aborda os relacionamentos pais-filhos no contexto das transições familiares relacionadas à separação e/ou divórcio parental, enfocando as reações, as experiências, as concepções, os sentimentos dos filhos, especialmente dos adolescentes. Para isso foram acessadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (incluindo Lilacs, Medline, Scielo), Indexpsi, Ibict, Psicoinfo e Pubmed. Foi possível constatar a existência de pesquisas que trouxeram contribuições a respeito das repercussões da separação dos pais sobre as crianças e os adolescentes (Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Kelly & Emery, 2003; Ramires, 2004; Souza, 2000; Wagner & Feres-Carneiro, 1998; Wallerstein & Kelly, 1998), além de estudos voltados especificamente ao adolescente (Dunlop et al., 2001; Hines, 2007; Ruschena et al., 2005; Sourander & Helstelä, 2005; Souza, 2000; Storcken et al., 2005; Wagner et al., Falcke & Meza 1997).

Os estudos revisados têm concluído que as crianças mais jovens podem ser as mais afetadas pelo divórcio parental, porque são menos capazes de compreender os eventos familiares, mais propensas a se culpar e a se sentir abandonadas, e têm menos acesso a possíveis apoios através de relacionamentos fora da família (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Wallerstein & Kelly, 1998). O adolescente tem mais condições de aceitar e perceber a realidade de uma forma mais objetiva. No entanto, a compreensão mais realista da situação não impede o surgimento de ressentimentos e, conseqüentemente, de sintomas.

Como escreve Souza (2000), os adolescentes percebem muitas vezes o divórcio como uma boa solução para a família, mas, por outro lado, alguns relatam solidão, isolamento ou incapacidade de buscar fontes de apoio.

Sabe-se que a adolescência é uma fase peculiar do desenvolvimento do indivíduo, que marca a transição entre o mundo infantil e o mundo adulto. Em meados de 1950, Winnicott (1957/1997) propunha que uma das grandes tarefas da adolescência seria buscar a independência emocional dos pais, processo esse marcado por momentos alternados entre uma independência rebelde e uma dependência regressiva. Segundo este autor, não seria para os pais uma tarefa simples: as oscilações do adolescente necessitariam encontrar persistência e continuidade dos cuidados parentais. Fazendo uma leitura contemporânea da adolescência, Outeiral (2008) acrescenta que, independentemente da cultura na qual o adolescente está inserido, a transformação dos vínculos infantis com os pais para outro tipo de vínculo mais maduro não significa uma ruptura do adolescente com a família.

Diferentemente do século passado, os adolescentes enfrentam hoje não só suas próprias crises, mas também as mudanças constantes no cenário sócio-cultural e na estrutura da família, que apresenta diversas possibilidades de configuração. A transição adolescente muitas vezes encontra como pano de fundo algum tipo de transição familiar, como o divórcio. Em 1997, Wagner et al. ressaltavam que integrar todas as demandas da fase adolescente, num cenário cultural e familiar multifacetado e em pleno processo de modificação, muitas vezes, significava deparar-se com um agravamento das crises inerentes à adolescência e ao ciclo evolutivo do sistema familiar. Esta idéia parece também pertinente nos dias de hoje.

1 Transições familiares relacionadas ao divórcio: História e pesquisas

Nas últimas décadas, assistimos a uma mudança no cenário sócio-cultural, provocada, entre outros fatores, pelas alterações na estrutura familiar. Na sociedade ocidental, esperava-se da família que ela permanecesse indissolúvel, independentemente de seus conflitos. O crescente aumento de separações conjugais e posteriores recasamentos e a inserção da mulher no campo de trabalho introduziram mudanças nos papéis familiares básicos (Wagner & Feres-Carneiro, 1998). Com isso, na chamada era da pós-modernidade, não encontramos mais um modelo único de família, com pai, mãe e filhos biológicos morando juntos. O divórcio trouxe um leque de novas configurações e organizações familiares.

Em relação à frequência, nos EUA, o divórcio parental é experienciado por 1,5 milhão de crianças a cada ano (Wolchik et al., 2002). No Brasil, o IBGE aponta que, em 2005, foram registrados 717.650 casamentos e 150.714 divórcios. Neste mesmo ano, o registro total de filhos de casais envolvidos em divórcios somou 227.580. Sabemos que estes são os dados notificados, mas também temos conhecimento de uniões e separações não oficializadas que não estão enquadradas nestas estatísticas. Talvez a alta incidência do divórcio justifique o grande interesse dos pesquisadores sobre este assunto na atualidade. No entanto, entre 1980 e 1990, Amato (2001), detectou uma lacuna de pesquisas.

Numa revisão de pesquisas realizadas nas décadas de 1960 e 1970, Hetherington e Stanley-Hagan (1999) constaram que aquelas eram baseadas num modelo de déficit; ou seja, o divórcio era encarado como um evento traumático, partindo-se do pressuposto de que a saída de um dos pais do lar implicaria em sérias consequências para os filhos. Podemos entender que esta posição refletia, em parte, a própria resistência da sociedade da época em aceitar que as famílias pudessem ter outras configurações, e romper assim o mito

da 'família indissolúvel'. Os estudos dessas autoras, entre outros, contribuíram para uma mudança no rumo das pesquisas sobre o divórcio, focalizando a importância da diversidade dos padrões de ajustamento dos filhos, como resultado da interação entre fatores individuais, familiares e extra-familiares.

O aumento das taxas de separação conjugal em diversos países contrasta com o reduzido número de pesquisas qualitativas sobre esse tema (Brito, 2007). Constatase que em grande parte dos estudos predomina a metodologia quantitativa e o enfoque sistêmico (Freeman & Newland, 2002; Harland et al., 2002; Mahon et al., 2003, Sourander & Helstelä, 2005; Storcken et al., 2005). Encontramos no Brasil estudos qualitativos, trazendo uma compreensão mais psicanalítica (Ramires, 2004), sistêmica (Almeida et al., 2000; Wagner et al., 1997), como também baseada na Psicologia do Desenvolvimento (Souza, 2000).

Chama atenção a frequência dos estudos comparativos: entre filhos que vivem com suas famílias originalmente constituídas e de famílias divorciadas (Freeman & Newland, 2002; Dunlop et al., 2001; Harland et al., 2002; Mahon et al., 2003; Ruschena et al., 2005; Storcken et al., 2005; Wagner et al., 1997; Wolchik et al., 2002); e entre filhos de gêneros diferentes (Hines, 2007; Mahon et al., 2003; Ruschena et al., 2005; Storcken et al., 2005). É possível também encontrar estudos longitudinais que se preocuparam em analisar as consequências do divórcio a médio e a longo prazo (Almeida et al., 2000; Dunlop et al., 2001; Amato & Afifi, 2006; Ruschena et al., 2005; Storcken et al., 2005 e Wolchik et al., 2002).

Independentemente da metodologia ou do referencial teórico utilizado, as pesquisas têm apontado para a relevância do estudo do divórcio parental e as implicações para o desenvolvimento dos filhos. A separação dos pais muitas vezes implica em descontinuidades, rupturas no *holding* familiar, gerando sentimentos de perda e desamparo.

No entanto, essa concepção deve ser distinguida do modelo do *déficit*, como já foi citado, contido nas pesquisas iniciais sobre o divórcio, que trazia implícita uma idéia pré-concebida e determinista a respeito das conseqüências do divórcio.

Os efeitos do divórcio não são necessariamente adversos (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Hetherington & Kelly, 2002). Muitos filhos, que se movem de uma situação familiar conflituosa para uma situação mais harmônica, mostram inclusive uma diminuição de problemas após o separação de seus pais (Kelly & Emery, 2003). Não é necessariamente a presença do casal parental vivendo juntos que promove a saúde mental. Às vezes, conviver com pais em constante conflito prejudica o desenvolvimento dos filhos (Amato & Afifi, 2006; Benetti, 2006).

Portanto, como colocam Souza e Ramires (2006), não é possível estabelecermos uma relação linear de causa e efeito entre divórcio e conseqüências negativas. É importante que se compreenda a complexidade e a multiplicidade dos fatores, que possibilitarão inúmeras formas de integração pós-divórcio.

2 Divórcio... e Depois?

A saída de um dos pais da residência não é a única mudança na vida dos filhos que acompanha o divórcio parental. Pode acontecer: declínio econômico, mudança de casa e de escola e afastamento de amigos (Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999). Souza (1999) acrescenta menos acesso a avós, menos contato com um dos pais, instabilidade produzida e o possível prolongamento do conflito parental, através de disputas de guarda e pensão. O recasamento também pode ser encarado como uma das possíveis conseqüências, criando uma teia complexa de relacionamentos (Dantas et al., 2004).

A literatura científica tem explorado e descrito numerosos fatores que contribuem para as vicissitudes que o ajustamento de crianças e adolescentes pós-divórcio enfrentará: o tempo de separação, as características da personalidade das crianças e adolescentes, sua idade na ocasião da separação, o gênero, o nível de conflito entre os pais e a qualidade da parentalidade.

No período inicial da separação é mais comum aparecerem nos filhos dificuldades, preocupações e sintomas. Diante da separação “os filhos têm que enfrentar o medo de também serem separados: perder o contato com uma das figuras parentais. Serem, de fato abandonados” (Souza & Ramires, 2006, p.199). O medo de perder o contato com o pai que está indo embora é o principal desajuste causado pelo divórcio (Almeida et al., 2000). É comum os filhos sentirem-se mais deprimidos e irritados, podendo apresentar queda no rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Wallerstein & Kelly, 1998; Wolchik et al., 2002). Efeitos mais drásticos incluem comportamentos anti-sociais, agressivos, oposicionistas, falta de auto-controle, baixa responsabilidade social e diminuição do desempenho cognitivo (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999). Os problemas de comportamento têm sido também referidos por vários outros autores (Almeida et al., 2000; Harland et al., 2002; Sourander & Helstelä, 2005). Além desses podem surgir distração, ansiedade, raiva, comoção e descrença (Kelly & Emery, 2003), problemas de internalização e de externalização e problemas psicossomáticos (Cohen, 2002).

A readaptação à nova situação e a diminuição dos sintomas se dá num período de 1 a 3 anos (Cohen, 2002; Kelly & Emery, 2003; Ramires, 1999). Podemos acrescentar que a retomada do desenvolvimento pode estar associada também à constatação de que a separação que se efetivou é conjugal e não parental. Mas certamente outras variáveis interferem na potencialização ou desaparecimento dos sintomas. Além disso, as transições

conjugais tendem a exacerbar problemas nas crianças que já apresentavam conflitos e desajustes anteriores.

A personalidade é encarada com um fator facilitador ou não na adaptação pós-divórcio, despertando ou não suporte por parte do ambiente (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999, Ruschena et al., 2005). A personalidade e a psicopatologia dos pais também é considerada um fator de importante influência nesse processo (Cohen, 2002), contribuindo para a comunicação posterior do casal a serviço da parentalidade.

O nível de conflito parental é um fator significativo para a adaptação dos filhos (Souza, 2000) e para o relacionamento pais-filhos. Separações litigiosas, falta de diálogo e o não cumprimento das combinações que envolvem os filhos dificultam o processo. Schabbel (2005) considera o período pós-divórcio constituindo o fator mais crítico no funcionamento da família.

Neste tipo de contexto, é possível o surgimento do fenômeno que vem sendo descrito como PAS (Síndrome de Alienação Parental), que constitui o afastamento do pai, por indução da mãe, que impede o contato e manipula o filho contra o pai (Boch-Galhau, 2002). Talvez seja possível fazer uma conexão da PAS com as idéias de Dolto (1988/2003). Esta autora comenta que algumas mães tratam seus filhos como se fossem delas, caindo na armadilha de sua própria possessividade. Acrescentamos que o divórcio pode potencializar algo que já se instituiu na história vincular entre mãe e filho.

Independentemente do conflito conjugal, após o divórcio pode haver uma diminuição da qualidade da parentalidade. Com o afastamento entre pais e filhos após a separação, a quantidade de tempo não é suficiente, embora seja difícil mensurar o que seria “tempo suficiente”. O problema se instala quando os pais, além de considerarem os cônjuges como ex, passam a enquadrar suas crianças na categoria de “ex-filhos” (Dantas et al., 2004). Na literatura consultada encontramos mais referências aos riscos de afastamento

paterno do que materno (Kelly & Emery, 2003; Storcken et al., 2005). Lembramos que em nossa cultura normalmente é a mãe quem detém a guarda. No entanto, segundo Kelly e Emery (2003) as mães não residentes costumam visitar mais seus filhos do que os pais não residentes, que tradicionalmente ficam mais tempo com seus filhos meninos do que com as meninas.

Amato (2001) refere não ser significativa a diferença entre as reações de meninos e meninas. No entanto, é possível encontrar estudos indicando que os meninos no primeiro ano do divórcio apresentam mais problemas comportamentais que as meninas (Kelly & Emery, 2003). Tais conclusões parecem pertinentes, pois como dizem Hetherington e Kelly (2002), o ajustamento do menino é complicado com a perda da presença da figura masculina, mais freqüente na nossa cultura. As meninas são consideradas mais resilientes face aos estressores da disrupção do casal, mas não estão isentas de dificuldades na adolescência, como será abordado mais adiante.

As metanálises realizadas por Amato (2001) e Dunn (2004) revelam que a qualidade de relacionamento pais-filhos é consistentemente relatada nas pesquisas sobre divórcio, como um fator diretamente associado ao comportamento dos filhos. Estes precisam sentir que as ligações afetivas permanecem e que a separação dá conta do conflito, gerando qualidade de vida e de relacionamento (Souza, 1999). A capacidade dos filhos em lidar com a separação dos pais vai depender, sobretudo da relação estabelecida entre os pais e da capacidade destes de distinguir a função conjugal da função parental (Feres-Carneiro, 1998). Uma das alternativas que vêm sendo apontada em alguns estudos é a guarda compartilhada, referida como um fator de proteção, proporcionando para os filhos um melhor ajustamento emocional e comportamental (Bauserman, 2002; Zimmerman & Coltro, 2002).

Considerar em que momento evolutivo os filhos vivenciaram o divórcio parental é outro aspecto fundamental para entendermos a complexidade do processo e a representação que este tem para eles. Diferentes percepções, fantasias e sentimentos geram diferentes reações. Cohen (2002) constatou que entre 3 e 5 anos as crianças podem manifestar agressão, regressão, ansiedade de separação e problemas somáticos. Ramires (2004), em um dos raros estudos qualitativos realizados com crianças, encontrou entre 5 e 6 anos um desejo/fantasia de reunir os pais novamente, com a separação sendo vivida como algo ameaçador e destrutivo. Neste estudo, aos 8-9 anos, as crianças revelaram ansiedade de separação, sentimentos de perda, pesar e dor intensa e fantasias de abandono. Também para Cohen (2002) na idade escolar aparece o medo da rejeição pela abstenção parental. Assim, há o aparecimento de outros sintomas: mal humor, *acting-out*, decréscimo na performance escolar. Entre 10 e 13 anos, os participantes do estudo de Ramires (2004) demonstraram maior aceitação da nova união dos pais. Ao mesmo tempo também revelaram sentimentos de culpa e temores de retaliação em relação ao genitor não residente, raiva e tristeza.

3 O Adolescente Frente ao Divórcio Parental

Segundo a revisão de Cohen (2002), diante do divórcio parental, o adolescente pode desenvolver uma autonomia prematura, com desidealização de cada pai. Também sentimentos de raiva e confusão podem levar a problemas de relacionamento, uso de substâncias, decréscimo do desempenho escolar, conduta sexual inadequada, depressão, agressividade e comportamento delinqüente. Problemas acadêmicos e dificuldades de relacionamento também apareceram na revisão de Kelly e Emery (2003). O estudo de coorte realizado por Harland et al. (2002) detectou um índice maior de problemas

comportamentais entre 12 e 16 anos nos filhos provenientes de famílias com pais divorciados. Mahon et al. (2003) não encontraram diferenças no estudo comparativo com adolescentes iniciais, quanto à ansiedade e depressão, porém a cólera é significativamente maior nos adolescentes com famílias de pais divorciados.

Rushena et al (2005) através de um estudo longitudinal comparativo, avaliaram adolescentes entre 17-18 anos que vivenciaram o divórcio parental na infância, concluindo que as diferenças comportamentais entre filhos de pais divorciados e pais casados diminuem consideravelmente com o tempo. As dificuldades aparecem nas circunstâncias em que houve afastamento parental, com uma história de vínculos mais distantes, antes mesmo da separação. Esta confirmação é encontrada no estudo longitudinal de Wolchik et al. (2002), com adolescentes de 10 a 17 anos, de famílias em segunda, terceira ou mais uniões. Parte do grupo de mães participou de intervenções, que tinham como objetivo melhorar o relacionamento com seus filhos. No final dessa pesquisa, esses filhos obtiveram índices menores de sintomas de desordem mental, problemas externalizantes, uso de maconha, álcool e troca de parceiros sexuais, comparados ao grupo que não participou da intervenção.

O estudo qualitativo de Souza (2000), que avaliou as percepções de adolescentes entre 14 e 18 anos sobre divórcio, confirma que as maiores dificuldades e fontes de sofrimento dizem respeito à saída de casa de uma das figuras parentais e à falta de previsibilidade de eventos da vida cotidiana. Estas conclusões explicam em parte o aparecimento dos sintomas citados nas pesquisas já referidas.

A auto-estima do adolescente está associada a um alto cuidado parental, sem que isso signifique um controle excessivo por parte dos pais, visto que aquele necessita também de autonomia e individuação. Esta é a conclusão do estudo comparativo longitudinal de Dunlop et al. (2001), com adolescentes de 13 a 16 anos. Embora tais

aspectos independam da estrutura familiar e do gênero dos filhos, observou-se nesta pesquisa relacionamentos mais inconsistentes nas famílias com pais divorciados. Investigando a percepção de estudantes no início da adolescência sobre os cuidados parentais, o estudo comparativo de Freeman e Newland (2002) não encontrou diferenças entre os grupos. Todos referem um declínio no controle dos pais sobre o comportamento dos filhos, mas não de responsabilidade parental. No entanto, esses autores alertam para a prematura independência do jovem na família com um dos pais, inclusive com risco de prejudicar a individuação adolescente.

Os estudos reforçam, portanto, que a manutenção dos relacionamentos pais-filhos é importante também para o adolescente, porém é preciso considerar a sua necessidade de autonomia. Nesse sentido, Mahon et al. (2003) recomendam que os pais, no contexto do divórcio, permitam que os jovens possam ter visitas flexíveis de acordo com seus horários de ocupação, desenvolvendo cordiais respostas cooperativas a respeito das demandas jovens, criando planos estruturados que facilitem os empreendimentos de suas metas e progressos enquanto adolescentes.

Além das pesquisas já referidas, também são relevantes as que tratam especificamente da influência do gênero dos adolescentes no contexto do divórcio. Hines (2007), num estudo comparativo de jovens na fase da adolescência inicial, confirma que meninas são mais ajustadas nas características sociais e acadêmicas que meninos. Estes necessitam de um tempo maior para se adaptar, mostrando-se mais violentos. De acordo com Kelly e Emery (2003), o adolescente menino tem mais riscos de apresentar problemas de ajustamento e problemas acadêmicos. No entanto, as adolescentes meninas estão inclinadas a engravidar mais cedo. Os resultados também são reiterados no estudo comparativo longitudinal de Storcken et al. (2005), com adolescentes medianos (de 14 a 18): com a ausência paterna meninas adolescentes apresentam mais ansiedade e depressão,

diante da perspectiva de relacionamentos mais íntimos; ao passo que meninos têm mais problemas escolares. Para esses autores, o menino sente mais a falta da figura paterna, neste período, pela necessidade do modelo masculino.

4 Os Relacionamentos Pais-Filhos e o Divórcio Parental

Constata-se na literatura consultada um predomínio de pesquisas quantitativas, em detrimento das qualitativas. Ao mesmo tempo, observa-se a existência de muitos estudos comparativos, com a tendência a atribuir mais problemas aos filhos de pais divorciados, por vezes desconsiderando a complexidade dos fatores envolvidos.

Apesar disso, de modo geral, as pesquisas, independentemente da variável enfocada ou da metodologia utilizada, sugerem que o divórcio parental passa a ser um fator de risco para os filhos, caso tenha se consolidado um afastamento entre elas e as figuras parentais. A sensação de abandono e desamparo cria uma situação de vulnerabilidade, propiciando o aparecimento ou a potencialização de desajustes. Porém, é preciso acrescentar que em muitos casos a fragilidade nos relacionamentos entre pais e filhos já é constatada muito antes do divórcio.

A natureza do vínculo estabelecido entre as crianças e seus pais, especialmente o apego, modifica-se com o tempo. “Tais mudanças tomarão como referência os modelos representacionais do ambiente e do *self*, estando alicerçadas nas interações vivenciadas” (Souza & Ramires, 2006, p.39). Assim, reafirmamos a concepção de que o enfrentamento do divórcio por parte dos filhos depende em muito do relacionamento anterior estabelecido entre eles e os pais.

Ramires (2004) ressalta que o tipo de vínculo que as crianças estabelecem com seus pais é um importante fator de resiliência no enfrentamento das transições familiares.

Também é preciso considerar a existência de uma ‘resiliência familiar’ (Benghozi, 2005), ou seja, a capacidade da própria família de reconstruir os seus laços afetivos. Podemos acrescentar que se o relacionamento “suficientemente” positivo que o filho tem com seus pais é rompido, enfraquecido ou ameaçado, a resiliência presente até então pode se transformar num potencial de vulnerabilidade e, conseqüentemente, gerar sintomas, que descortinam um sentimento de perda, abandono e desamparo.

O divórcio parental é uma situação complexa, que envolve uma série de variáveis que precisam ser identificadas e estudadas em favor da saúde mental das pessoas envolvidas. Segundo Feres-Carneiro (1998), apesar da dor da perda despertada pelo processo de separação, os filhos são mais capazes de enfrentar a separação dos pais do que estes podem imaginar. O mais importante é a qualidade da relação que se estabelece entre os membros do casal e entre estes e os filhos. Portanto, é possível reiterar as palavras de Ramires (2004), destacando a importância dos vínculos estabelecidos entre pais e filhos, antes, durante e depois da separação.

Essa afirmação é válida não só para as crianças, potencialmente mais dependentes de seus pais, mas também para os adolescentes. Estes, movidos por sua busca pela autonomia e com mais fontes de apoio fora da família, despertam muitas vezes a idéia de que vivem de forma mais independente, aparentemente alheios aos problemas familiares. É nesse campo que podem se estabelecer as vulnerabilidades que colocam em risco o processo de individuação em andamento. Ou seja, os adolescentes continuam, em qualquer estrutura familiar, a necessitar de apoio, limites, enfim continuidade dos cuidados. E, como as pesquisas mostraram, o desamparo e a ruptura dos relacionamentos predispõem ao aparecimento de desajustes, ou pré-maturidade. Portanto, sublinhamos a importância da natureza das relações entre pais e filhos e a continuidade desses laços após a separação.

SEÇÃO III

ARTIGO EMPÍRICO - “SEI QUE UM DIA EU TIVE UM PAI”: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ESTADO DE DEPRIVAÇÃO E A TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL NO ADOLESCENTE FACE AO DIVÓRCIO PARENTAL

O objetivo deste estudo foi analisar e compreender as características dos relacionamentos estabelecidos entre pais e filhos no cenário do divórcio, em adolescentes com indicadores de tendência anti-social, considerado a partir do vértice psicanalítico de Winnicott (1956/2000). Para este autor, crianças e adolescentes podem apresentar esta peculiaridade em seu comportamento, quando passaram por algum tipo de ruptura na continuidade dos cuidados oferecidos em seu ambiente, ocasionando o que ele chamou de estado de deprivação⁵

Partindo desta concepção, buscou-se, numa abordagem qualitativa, através de estudos de casos múltiplos, identificar indicadores de deprivação em adolescentes que vivenciaram o divórcio parental, selecionados a partir de seus desajustes manifestados no ambiente escolar. O enquadre teórico incluiu também as contribuições dos teóricos da família, que vêm pesquisando as repercussões da separação dos pais sobre os filhos.

⁵ A expressão *deprivation* é encontrada no texto original em inglês (Winnicott, 1956/1987) e não tem equivalente no português. Optou-se por manter a proposta original do autor, que distingue deprivação (quando a criança teve bons cuidados que foram perdidos) e privação (quando a criança nunca teve esses cuidados).

O divórcio parental tem sido foco de pesquisa de muitos estudiosos da infância e adolescência (Amato, 2001; Souza, 2000). Provavelmente este interesse esteja associado ao número cada vez mais crescente de separações, como também de recasamentos. No entanto, o aumento das taxas de separação conjugal contrasta com o reduzido número de pesquisas qualitativas sobre o tema (Brito, 2007). Tais pesquisas produzem construções de novos significados, na medida em que, ao invés da amplitude, se opta pela profundidade (Cezar-Ferreira, 2004), sendo este aspecto pertinente quando o tema está associado às relações e aos vínculos familiares.

Fundamentado na teoria winnicottiana, o tema da tendência anti-social também está sendo estudado por autores contemporâneos, enfocando crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social (Alexandre, 2006; Garcia, 2004; Vilhena & Maia, 2002). Winnicott (1956/2005) desenvolveu a teoria da tendência anti-social observando as reações de crianças e adolescentes face às rupturas familiares, provocadas pelas conseqüências da Segunda Guerra Mundial. No século XXI, os campos minados são outros e precisamos discorrer e refletir a respeito deles.

1 A família na atualidade

A organização familiar, ao longo da história da humanidade, vem sofrendo alterações estruturais e ideológicas que merecem ser estudadas e analisadas. No século retrasado, esperava-se que a família permanecesse indissolúvel, independentemente de seus conflitos. Os movimentos sociais da década de 60 do século XX, como o feminismo e a liberação do divórcio, culminaram na quebra destes conceitos, levando ao surgimento e aceitação de diversas configurações familiares (Souza, 2000; Wagner & Feres-Carneiro, 1998).

Na pós-modernidade, a vida familiar modificou-se também por outras razões. Vivemos hoje na era do ‘descartável’, com um avanço tecnológico muito rápido, num mundo mais violento, competitivo e estressante. Diante de uma realidade externa mais exigente e impiedosa, a família deveria promover um espaço de *holding*⁶ para o indivíduo se retroalimentar e conseguir encarar os desafios de cada novo dia. Porém, o que se vê hoje é uma sustentação mais frágil ou descontínua (Gomes & Paiva, 2003). O tempo compartilhado entre pais e filhos reduziu-se: os pais trabalham mais, os filhos estão mais atarefados. “A família reúne-se cada vez menos para conversar sobre o cotidiano” (Alexandre, 2006, p.64).

Muitos pais falham no estabelecimento de limites, e acabam por criar uma negligência para com seus filhos. Conseqüentemente, a diferença entre a criança e o adulto não estaria sendo mais tão marcada. Há a perpetuação da onipotência e do narcisismo infantil, e assim não se instaura o princípio da realidade (Vilhena & Maia, 2002). Percebemos também a infância mais abreviada, dando origem à geração dos *kids adults* e a adolescência cada vez mais longa. Nos adultos se observa o fenômeno chamado “adulescência”, ou seja, pais tendo condutas adolescentes. Acaba faltando padrões adultos para os adolescentes se identificarem (Alexandre, 2006; Outeiral, 2008; Vilhena & Maia, 2002). Assim, no cenário da pós-modernidade, observamos vários pontos de fragilidade, vulneráveis ao aparecimento de manifestações da tendência anti-social, que podem surgir em diferentes contextos familiares.

⁶ A expressão *holding* é utilizada aqui tal qual foi definida por Winnicott (1957/1997). Trata-se de uma sustentação, um ambiente suficientemente bom, inaugurado na relação mãe-bebê dentro da família e expandido para outros grupos sociais.

2 E o divórcio parental?

Já considerava Winnicott (1957/1997), no século passado, que a ameaça de desintegração da estrutura familiar não determina automaticamente o aparecimento de distúrbios clínicos nas crianças. Embora a preservação da família não represente uma garantia de que a criança irá se desenvolver satisfatoriamente até atingir a plena maturidade, as rupturas na continuidade dos cuidados parentais podem afetá-la profundamente. Tais concepções de Winnicott podem perfeitamente serem conectadas hoje às contribuições dos estudos do divórcio, como veremos a seguir.

O divórcio traz mudanças nas relações íntimas, como também na rede social e infra-estrutura de vida de todos os envolvidos (Souza & Ramires, 2006). Muitas vezes, as modificações começam a acontecer na vida dos filhos sem que estes tenham uma noção clara do que está acontecendo e do que vem pela frente (Souza, 2000). Os pais, diante da crise conjugal ou vivendo ajustes pós-separações, acertos, desacertos, mágoas, etc., podem desamparar seus filhos, envolvendo-os em disputas, em alguns casos até provocando a descontinuidade dos cuidados básicos para com eles (Lang, 2000). Além disso, diante da separação e do divórcio, os filhos têm que enfrentar o medo de também perder o contato com uma das figuras parentais e de serem de fato abandonados (Almeida, et al., 2000; Souza & Ramires, 2006).

Embora o divórcio parental seja considerado uma transição que coloca os jovens em risco, pesquisas apontam também que muitos filhos se tranquilizam após a separação, ao se moverem de uma situação familiar conflituosa para uma situação mais harmônica (Amato & Affifi, 2006; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Lansford et al., 2006). Portanto, é preciso entender se as dificuldades se instalam e se incrementam associadas à

vivência do divórcio parental ou a menor investimento dos pais nos cuidados parentais (Wallerstein & Kelly, 1998).

Os desajustes no comportamento são apontados como uma das possíveis manifestações por parte dos filhos (Almeida et al., 2000; Amato, 2001; Harland et al., 2002; Hetherington & Kelly, 2002; Kelly & Emery, 2003; Sourander & Helstelä, 2005), aparecendo com mais frequência nos meses seguintes ao divórcio. Os filhos sentem-se mais deprimidos e irritados, podendo apresentar queda no rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Wallerstein & Kelly, 1998; Wolchik et al., 2002). Efeitos mais drásticos incluem comportamentos anti-sociais, agressivos, oposicionistas, falta de auto-controle, baixa responsabilidade social e diminuição do desempenho cognitivo (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999). Nos adolescentes, também é possível encontrar problemas de relacionamento, uso de substâncias, decréscimo no rendimento escolar, conduta sexual inadequada, depressão e comportamento delinqüente (Cohen, 2002).

A ruptura familiar, as mudanças, as inseguranças ou a ‘guerra’ conjugal constituem um campo vulnerável ao surgimento do complexo de privação e da tendência anti-social. Os pais, envolvidos em seus próprios conflitos, acordos e desacordos nem sempre percebem. Além disso, algumas dessas dificuldades se manifestam fora do ambiente familiar. Nesse sentido, os professores observam com mais objetividade que, muitas vezes, o aumento da ansiedade e preocupação com a dissolução familiar traz problemas de concentração, desempenho escolar insuficiente e mudanças de comportamento (Wallerstein & Kelly, 1998).

A literatura também nos aponta que entre 1 e 3 anos há uma diminuição dos sintomas e uma readaptação à nova situação de vida (Cohen, 2002; Kelly & Emery, 2003; Lansford et al., 2006). A manutenção dos desajustes e/ou ressentimentos e decepções com

uma das figuras parentais é freqüentemente associada nos estudos com a diminuição da qualidade da parentalidade exercida após o divórcio (Amato, 2001; Dunn, 2004). A maioria dos estudos ressalta a importância da manutenção dos vínculos do pai-não residente com seus filhos (Kelly & Emery; 2003; Ruschena et al., 2005; Storcken et al., 2005).

De um lado, a mãe ou pai que detém a guarda deve proporcionar um ambiente de cuidado positivo (Souza, 2000). De outro, aquele que sair de casa, instalará um problema se enquadrar seus filhos na categoria de “ex-filhos” (Dantas et al., 2004). Este risco acaba sendo mais freqüente em relação à figura paterna, pois na maioria das vezes é o pai quem sai de casa e não detém a guarda dos filhos.

O afastamento do pai pode acontecer também por indução das mães, que manipulam os filhos. Algumas os tratam como se fossem delas (Dolto, 1988/2003). Esse fenômeno tem sido identificado como PAS (Síndrome de Alienação Parental) ou Padrectomia (Boch-Galhau, 2002; Martinez, 2002). Certamente, em alguns casos, é o pai que se aliena e rejeita a relação posterior com o filho (Johnston, 2003). Não só as crianças, mas também os adolescentes sofrem com o afastamento do pai. A falta deste, no contexto do divórcio, potencializa problemas de ajustamento e acadêmicos no adolescente do sexo masculino, ao passo que no sexo feminino há um risco maior de gravidez precoce (Kelly & Emery, 2003; Storcken et al., 2005).

O estudo longitudinal de Dunlop et al. (2001) apontou que, independentemente da configuração familiar e do gênero, a auto-estima do adolescente está associada à manutenção do cuidado parental, respeitando-se a necessidade de autonomia do adolescente. No entanto, a perda deste cuidado foi encontrada mais em famílias reconstituídas do que nas originalmente constituídas. No contexto do divórcio, os

adolescentes que continuaram a receber estes cuidados mostraram-se mais adaptados à nova família.

Portanto, entendemos que a deprivação possa acontecer não só no início da ruptura do casal parental, como também a longo prazo, sendo neste caso provavelmente mais avassaladora. Também é preciso considerar se houveram outras deprivações anteriores ao divórcio parental. A história anterior dos vínculos entre os pais e filhos é considerada como um fator de resiliência no enfrentamento das transições familiares (Ramires, 2004). Porém, como colocam Laumann-Billings e Emery (2000), resiliência não significa ausência de vulnerabilidade. Entendemos esta afirmação da seguinte forma: se a relação “suficientemente” positiva que o filho tem com seus pais é rompida, enfraquecida ou ameaçada, a resiliência presente até então pode se transformar num potencial de vulnerabilidade e, conseqüentemente, gerar sintomas, que descortinam um sentimento de perda, abandono e desamparo.

3 Retomando conceitos: A deprivação e a tendência anti-social

Segundo Winnicott (1956/2000), o complexo de deprivação se instaura quando: a) a criança no seu início de vida recebeu cuidados suficientemente bons que foram retirados de maneira abrupta; b) essa perda levou a vivência de uma aflição intolerável; c) a criança já estava amadurecida o suficiente para dar-se conta de que foi o ambiente que falhou. O estado de deprivação ocorre a partir da fase da dependência relativa, diferentemente do estado de privação que acontece no início da vida, na fase de dependência absoluta, quando o bebê não tem noção do ambiente.

Na deprivação “houve um início de vida bom e depois houve o desastre” (Newman, 2003, p. 413). Na esperança de buscar o cuidado perdido, manifesta-se a tendência anti-

social em casa ou num contexto mais amplo. Tais manifestações incluem o roubo e a mentira, a agressividade, a incontinência e a desordem generalizada. Além disso, Winnicott inclui outro sintoma comum: a “sofreguidão, juntamente com o seu correlato, a inibição do apetite” (1956/2000, p. 412).

Há duas vertentes para a tendência anti-social: na primeira, manifestada no ato de furtar, de urinar na cama ou através da falta de asseio, houve uma perda do cuidado materno; na segunda, há destrutividade provocando atitudes firmes, relacionada à interação com o pai, que falha no estabelecimento de limites necessários para o desenvolvimento do auto-controle (Winnicott, 1971/1984). Vilhena e Maia (2002) complementam que falham as funções parentais de *holding*: a mãe em estabelecer um ambiente suficientemente bom e o pai em oferecer um ambiente indestrutível, que limita inclusive a relação dos filhos com a mãe.

A tendência anti-social não constitui uma categoria diagnóstica em si. Ela pode aparecer em crianças ou adolescentes normais ou neuróticos, depressivos ou psicóticos. Distingue-se da delinquência, que apresenta defesas constituídas e um congelamento afetivo, com atos mais violentos (Winnicott, 1967/1999; 1956/2000). Safra (2002) também destaca a importância de discriminar os comportamentos anti-sociais da organização psicopática de personalidade.

Atualmente, o termo anti-social tem sido reportado às mais variadas situações. Segundo Bordin e Offord (2000) existem: a) comportamentos anti-sociais transitórios no curso do desenvolvimento normal de crianças e adolescentes; b) distúrbios de conduta, que são uma forma mais abrangente para nomear problemas de saúde mental que causam incômodo no ambiente; b) transtornos de conduta, caracterizado por ausência de sofrimento psíquico ou constrangimento com suas próprias atitudes. Estas definições podem ser articuladas às idéias de Winnicott (1956/2000) que descreveu também as

gradações para o comportamento agressivo e destrutivo: a) as manifestações naturais e normais; b) a tendência anti-social e c) a delinquência.

O termo anti-social não é utilizado apenas pelo viés psicanalítico. Numa perspectiva desenvolvimentista, Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini e Hultz (2005) referem que o termo tem sido empregado para designar o caráter agressivo e desafiador da conduta de indivíduos que mesmo não tendo o diagnóstico de um transtorno específico, apresentam problemas comportamentais que causam prejuízos.

A despeito de todas estas considerações, reiteramos que em nosso estudo os desajustes no comportamento foram traduzidos como indicadores de tendência anti-social, tal como foi psicanaliticamente entendida por Winnicott, ou seja, como um pedido de socorro, um protesto do filho em busca do *holding* perdido, em meio ou após uma ‘guerra’ familiar e/ou conjugal.

4 Ouvindo adolescentes com indicadores de tendência anti-social (Método)

O estudo foi pautado por uma abordagem qualitativa-exploratória, a partir da realização de Estudos de Casos Múltiplos (Yin, 2005). Participaram três adolescentes, com idades entre 12 e 15 anos, sendo uma do sexo feminino e dois do sexo masculino. Os participantes foram acessados a partir de uma triagem realizada em uma escola. A triagem foi baseada na aplicação do CBCL (*Child Behaviour Checklist* - Achenbach, 1991), preenchido pela mãe desses adolescentes, a partir de consulta realizada pelo Setor Psicopedagógico. Nessa consulta foram contatados os responsáveis pelos jovens que estavam apresentando indicadores de problemas de comportamento, e cujos pais haviam se separado nos últimos meses. Foram selecionados aqueles adolescentes que obtiveram escores clínicos nos problemas de externalização do CBCL. Esses adolescentes foram

convidados a participar da segunda etapa do estudo, juntamente com seus pais. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, e todos os participantes, tanto da primeira etapa (triagem) quanto da segunda (estudos de caso) foram detalhadamente informados a respeito do estudo, seus objetivos e procedimentos, concordando em participarem.

O número de casos participantes da segunda etapa não foi definido *a priori*, tendo sido utilizado o critério da saturação para a continuidade das avaliações. Nesta etapa, foram utilizados os seguintes instrumentos: a) entrevistas semi-estruturadas com os pais (realizadas separadamente com a mãe e com o pai) e entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes, a fim de estabelecer um *rapport* inicial, e a escuta da história de vida dos pais, dos adolescentes, e da representação dos seus relacionamentos, na perspectiva de ambos; b) Teste do Desenho da Família (Corman, 2003), utilizado com o objetivo de avaliar a representação de família desses adolescentes, e os sentimentos nutridos pelos membros de seu ambiente familiar; c) HTP (Buck, 2003), utilizado com o objetivo de avaliar a organização da personalidade do adolescente, o auto-conceito e a percepção do ambiente; d) Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993), utilizado por ser um instrumento útil para a compreensão psicodinâmica, permitindo identificar crises situacionais e de desenvolvimento, conflito neurótico, transtornos neuróticos e psicóticos. É rico também para identificar a natureza das relações entre a criança ou adolescente e seus pais ou cuidadores.

O conjunto dos dados de cada estudo de caso foi analisado com base no referencial teórico psicanalítico, especialmente nas contribuições de Winnicott, e na revisão de pesquisas sobre o divórcio. A análise dos dados foi pautada também pelo método de proposições teóricas, de acordo com Yin (2005), e obedeceu às seguintes etapas:

1º Passo: foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma **cronológica** (seguindo os eventos importantes da história da vida familiar dos adolescentes, de acordo com a percepção dos seus pais e a sua própria) e **temática** com base nas seguintes categorias de análise: “relacionamentos entre os adolescentes e seus pais”, conforme foram descritos por ambos, “eventos significativos de vida”, na percepção de ambos, “eventos estressores”, também na percepção de ambos, “organização da personalidade da criança ou adolescente, auto-conceito e percepção do ambiente”, baseada no HTP, “representações inconscientes das relações com os objetos primários”, baseada nos resultados do Teste do Desenho da Família e do Teste das Fábulas.

2º Passo: foi utilizada a técnica de Construção da Explicação (Yin, 2005), com o objetivo de analisar exaustivamente os dados de cada estudo de caso e construir uma explicação psicodinâmica sobre o mesmo. Todos os dados (entrevistas e testes) e resultados foram integrados na compreensão geral do estado afetivo e psicossocial do adolescente. Nesta etapa também foi utilizada a técnica de Análise de Série Temporais, na modalidade cronológica (Yin, 2005), com o objetivo de explorar os eventos ao longo da História de Vida do adolescente, identificando a ocorrência de experiências de privação emocional e sua relação com o divórcio parental, ou outros eventos que pudessem ter tido algum impacto sobre as relações objetivas significativas dos adolescentes avaliados.

3º Passo: foi utilizada a técnica de Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2005), com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso em particular, identificando convergências e divergências e buscando, desta forma, evidências que auxiliaram a identificar as associações entre experiências de privação, divórcio parental e comportamento anti-social nos adolescentes avaliados.

4.1 Caso 1 - ... Minha mãe parou de ouvir... Meu pai é um estranho

Depois de dois meses de separação dos pais, Patrícia, de 12 anos, cursando a 6ª série, passou a manifestar na escola problemas que até então não tinha apresentado: desinteresse nas tarefas escolares, queda no rendimento escolar, discussões com professores, além de ‘ficar’ com meninos na frente de colegas e professores. Em casa, a menina passou a isolar-se no quarto. Durante a avaliação, Patrícia foi encontrada fumando na escola. O cigarro ela havia retirado da carteira da mãe, sem o conhecimento desta. A partir desse fato a mãe passou a pensar que a menina estava “se vingando” dos pais.

O casal separou-se por iniciativa da mãe, que descobriu um envolvimento extra-conjugal do pai. A traição do pai aconteceu junto com a crise econômica da família. O pai disse que queria a separação, mas não verbalizou isso em casa. Foi se afastando cada vez mais da família, inclusive deixando as filhas aos cuidados da mãe, “de propósito”. Queria as filhas “dependentes da mãe”. A mãe diz que foi tomada de surpresa ao descobrir a traição do marido, pois viviam um casamento de dez anos marcados por momentos muito felizes.

O clima hoje entre eles é de brigas, discussões e tentativas de reconciliação por parte do pai. Este se diz confuso e culpado. A mãe, por sua vez, fragilizada com a traição do marido, relata que é agressiva, que briga e se descontrola. Decidiu iniciar um novo relacionamento, mas tem dúvidas quanto à sua continuidade. Ambos os pais de Patrícia trabalham muito em função dos problemas financeiros.

A mãe de Patrícia define-se como uma pessoa de temperamento difícil e explosiva. Teve problemas de relacionamento com a própria mãe, “uma pessoa de difícil convívio”, sempre doente. O pai de Patrícia, por sua vez, define-se como alguém calado. Sempre teve dificuldade de relacionamento com os seus próprios pais, que não conversavam com ele. Acha que repete o mesmo padrão com suas filhas.

Patrícia, segundo a mãe, foi “criada com muito mimo”, sendo a primeira filha e bebê da família. Era muito ligada nos pais. Até o nascimento da irmã, adormecia segurando a mão da mãe, na cama do casal. Sofreu muito quando aos 2 anos a mãe engravidou. Chegou a cuspir no rosto da mãe quando esta falou que a ‘mana’ ficaria no quarto do casal. Quando a irmã nasceu, escondeu-se num canto do quarto. O relacionamento com o pai mudou depois que a irmã nasceu, pois a partir dessa época ele passou a dedicar-se exaustivamente ao trabalho. Até os 7 anos manifestava alguns medos de ficar sozinha. Fez psicoterapia nesta época com boa evolução.

Até a separação do casal, Patrícia, que teve sua menarca no mesmo ano, não demonstrava outras dificuldades. Sempre foi mais calada. Segundo a mãe até hoje “prefere ficar angustiada do que dar o gosto de botar pra fora”. Esse perfil é semelhante ao pai, segundo relato de ambos os pais, e difere da irmã e da mãe.

Nas entrevistas individuais, no entanto, mostrou-se falante e receptiva, queixando-se muito do clima familiar e dos pais. Segundo relato de Patrícia, ela ficou sabendo da separação do casal pelos gritos deles, sendo que nunca sentaram com as filhas para conversar sobre o assunto. A mãe mudou muito. Nas palavras de Patrícia: “A minha mãe sempre foi de me ouvir, de conversar, ela parou de ouvir”. Ressente-se pelo pai ter traído a mãe, dizendo que ele não pode reclamar que ela, a Patrícia, tenha ‘ficado’ com um menino no pátio da escola, pois ele também “aprontou”. Sente hoje o pai como um estranho. Na testagem psicológica revelou uma tendência em inibir os afetos mais depressivos. Aparecem indícios de sentimentos de desamparo, abandono e solidão, mascarados por suas tentativas de negação.

4.2 Caso 2 - ... Sei que um dia eu tive um pai...

Fernando, 13 anos, 8ª série, discutiu com um de seus professores, discordando dele e o desafiando verbalmente, de forma arrogante e inapropriada. Tal atitude causou surpresa no ambiente escolar. O menino sempre teve condutas mais agressivas e desafiantes em casa (bate na irmã, bate portas). O que preocupa a mãe é o fato desse tipo de comportamento ter se manifestado na escola e a semelhança do comportamento agressivo do menino com o pai. Acredita que o menino teria extravasado no professor sua revolta com a figura paterna. Este se afastou dos filhos (Fernando tem uma irmã de 8 anos), depois da separação conjugal, ocorrida meses antes. Desde então, seus contatos são irregulares (no máximo um telefonema no meio da semana), além de não estar contribuindo financeiramente com as despesas dos filhos.

O comportamento agressivo do pai foi um dos motivos da separação, aliado às brigas constantes que o casal tinha no último ano de casamento. A separação ocorreu, inclusive legalmente, por iniciativa da mãe, depois de alguns episódios de agressividade do pai, em que quebrou objetos e bateu nos filhos. Dois anos antes, a família passou por problemas econômicos (desemprego do pai e mudança de trabalho da mãe). O convívio, segundo a mãe, foi ficando cada vez mais difícil: o pai mostrava-se muito exigente, crítico e agressivo. O pai, por sua vez, atribuiu aos problemas financeiros o motivo da separação. Não faz menção ao seu comportamento agressivo.

Os pais hoje não se comunicam. O pai mostrou-se fragilizado e ressentido com a ex-mulher e também confirma que se afastou dos filhos. Acredita que é preciso primeiramente se reerguer profissionalmente para depois retomar o convívio com eles. A mãe revelou que prefere assumir sozinha a educação dos filhos. Acredita que o ex-marido poderia ajudar financeiramente, mas ela abriu mão da pensão e não faz muita questão que

ele procure os filhos. Porém, vem se questionado se não está prejudicando os filhos, “pois era direito deles”.

A mãe descreveu-se como uma pessoa determinada. Em sua família “o forte são as mulheres”. Seu pai (avô materno de Fernando) costumava sair para jogar, perdendo muito dinheiro com isso. O pai de Fernando, por sua vez, descreveu seu pai de forma semelhante. Não teve muito convívio com ele, nem diálogo. Sua mãe é quem trabalhava e sustentava a casa. O pai de Fernando definiu-se como uma pessoa “fechada”, como seu próprio pai. Vê em Fernando semelhança com ele neste aspecto.

A mãe de Fernando igualmente fez referência ao fato do filho ser “fechado” como o pai, diferente dela e da filha, que são mais espontâneas. No que diz respeito à separação, por exemplo, a filha reclama a falta do pai, chora, enquanto Fernando não, embora não goste quando as pessoas falem mal do seu pai.

A gestação de Fernando não foi planejada, mas segundo a mãe, foi bem vinda. Amamentou até o segundo ano, só parando porque ele a “mordia”. Aos 3 anos, ficava durante o dia aos cuidados da avó materna. Isso porque a mãe trabalhava de 10 à 12 horas por dia. Ele então começou a ficar irritado e agressivo com ela. Com 4 anos, a tia materna teve um bebê, Fernando mostrou-se irritado com a chegada dele e, posteriormente com o nascimento da irmã. Nesta época, iniciou atendimento psicológico, por sua conduta agressiva.

Fernando se descreveu como “estouradinho”, referindo que piorou depois da separação dos pais. Na primeira entrevista apareceu com o braço quebrado, fruto de uma briga que teve na escola com um colega, alegando que “teve que se defender”. Queixou-se do afastamento do pai, mas o descreveu como agressivo e por isso não gostaria que ele voltasse a morar com eles. No entanto, seu desejo é de que ele participasse e se interessasse mais por sua vida, e pagasse a pensão. Antes da separação, o pai brincava com ele, jogando

vídeo-game. O pai não era de conversar e a mãe não era de brincar. Fernando diz: “Sei que um dia eu tive um pai. Hoje não”. Na testagem psicológica, apareceu uma forte dependência da figura materna e conflitos com o progenitor do mesmo sexo. Revelou tendência à inibição e negação dos afetos mais depressivos, impulsividade e agressividade.

4.3 Caso 3 - Não sinto falta do meu pai... Sinto muita raiva

Artur, 15 anos, no segundo grau, apresenta há muitos anos dificuldades escolares: desinteresse, desorganização do material escolar, não cumprimento das tarefas. Segundo a mãe, estes comportamentos se intensificaram no último ano. Artur começou a ficar em casa mais irritado, mais desorganizado e relapso com sua saúde, mais desafiador, agressivo e “explosivo”. O auge de sua manifestação de agressividade ocorreu quando, após uma crise de violência em casa, quebrando objetos, Artur pediu para morar o com pai, o que chegou a se efetivar por um mês. Quando esta avaliação foi iniciada, Artur já estava morando novamente com a mãe.

O casal se separou depois que a mãe de Artur descobriu um relacionamento extra-conjugal do marido. Os filhos (Artur tem duas irmãs mais velhas) ficaram indignados, rompendo o relacionamento com o pai, por alguns meses. Artur chegou a interromper uma atividade de lazer que praticava junto com o pai, e que nunca mais foi retomada. Houve um distanciamento entre pai e filho.

Segundo a mãe, o casal viveu um casamento “bem constituído” por muitos anos até o momento em que o pai passou por uma crise, precipitada por problemas de saúde e financeiros (três anos antes da separação). O pai, por sua vez, refere que a ex-mulher foi tomando seu espaço cada vez mais no casamento, afirmação que tem conexão com o autoconceito dela própria.

A mãe se descreve como uma pessoa comunicativa e “muito espaçosa”. Seu pai faleceu quando ela tinha quase dois anos. Embora tenha tido o avô materno como referência, caracteriza sua família como sendo de “mulheres dominadoras”. O pai de Artur se define como uma pessoa quieta e ponderada. Quando pequeno foi deixado aos cuidados dos avós paternos e, segundo seu próprio relato, só de uns anos para cá entendeu os motivos que levaram seus pais a tomar tal atitude.

O período inicial da separação do casal foi marcado por algumas tentativas de reconciliação por parte do pai, que não chegaram a se efetivar. Alguns meses depois, a mãe iniciou um novo relacionamento com um homem que passou a freqüentar sua casa. Na mesma época, o pai começou a se envolver com problemas de saúde da atual companheira. Os pais de Artur sempre se comunicaram, conseguindo conversar sobre as questões práticas relacionadas à família, mas até hoje não chegaram a um consenso quanto aos ajustes da separação legal e não há concordância em relação à pensão destinada ao filho.

No primeiro ano da separação, Artur não demonstrava mudanças em seu comportamento (além das dificuldades anteriores). No entanto, iniciou um namoro com uma menina, freqüentando a casa dela sistematicamente. Inclusive, chegava por vezes, a passar os finais de semana lá. Segundo ambos os pais, este namoro foi uma fuga. Artur andava muito “solto” e sozinho nos últimos tempos, o que contrasta com seu início de vida.

Embora a gravidez de Artur não tenha sido planejada, foi “uma criança muito amada”. A mãe lembra que foi uma festa em família quando souberam que era um menino e que ele teve “quatro mães”: ela própria, a avó materna, as duas irmãs mais velhas. A mãe dedicou-se exclusivamente a ele até os 6 meses, quando retomou o trabalho e o estudo. O pai relata com carinho os momentos que cuidou do filho à noite até os 4 anos para que a mãe terminasse os seus estudos.

Artur começou a apresentar dificuldades no final da pré-escola, com desatenção e dificuldades de traçado. Nesta época, a mãe lembra que ele teve uma ‘crise de brabeza’ dando pontapés na irmã. Com 7 anos foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção. A mãe acha que em alguns momentos da sua vida pode ter falhado com ele: “talvez o faltar, em função do trabalho”. Por outro lado, acha que às vezes assumia o papel do pai, na colocação de limites. Este, por sua vez, relata que teve relacionamento próximo com o filho no início da vida, como já foi citado, e nos três últimos anos, porque tinham duas atividades de lazer em comum que duraram até o momento da separação.

Nas sessões, Artur mostrou-se espontâneo e extrovertido, mas com certa dificuldade de acessar seus afetos, negando-os inclusive. Verbalizou que a separação parental foi difícil para os pais, não para ele próprio. “Não sentia falta do pai”, mas sim “muita raiva” pelo que ele fez para sua mãe. Primeiramente, relatou que o relacionamento com o pai não mudou depois da separação, pois sempre foi mais distante. No entanto, acabou reconhecendo que seu pai de fato participava de sua vida diária. Disse que a casa em que morava com o pai e sua atual companheira era “muito fria”. Fica claro que tem um relacionamento mais próximo com a mãe, mas também se queixa que ela cobra muito as tarefas escolares. Reconhece o seu descontentamento com a presença do namorado da mãe em casa, pois se sente invadido. A testagem psicológica aponta para sentimentos de abandono, desamparo e solidão, que são mascarados e negados. Costumava relatar fatos de sua vida passada durante a testagem, sempre fazendo referência a situações felizes que já passaram.

5 As discontinuidades nos relacionamentos entre os adolescentes e seus pais

Nos casos avaliados foi possível identificar uma história de fragilidade nos relacionamentos entre pais e filhos desde a primeira infância, muito antes do processo de separação do casal. Essa fragilidade se constituiu a partir de experiências de discontinuidades, de rupturas dos cuidados parentais, que entendemos terem desencadeado nos filhos o complexo de deprivação, tal como foi psicanaliticamente entendido por Winnicott (1956/2000).

É preciso considerar que os três adolescentes tiveram um início de vida suficientemente bom. Embora nenhuma das gestações tenha sido planejada, foram filhos muito bem recebidos e investidos de cuidados no seu primeiro ano de vida. As vivências de deprivação materna apareceram a partir do segundo, terceiro ano de vida, por envolvimento das mães com outras questões: sejam os nascimentos de irmãos, seja por excesso de trabalho. A deprivação paterna também se evidenciou cedo. Identificamos nos pais uma certa dificuldade em cumprir seu papel de “ambiente indestrutível” (Vilhena & Maia, 2002), seja por afastamento, agressividade ou omissão. Os pais destes adolescentes aparentemente são mais frágeis que as mães, identificadas como autoritárias e determinadas.

Em resposta às deprivações na primeira infância vieram os sintomas: medo, agressividade em casa, adaptações na escola. Em todos eles novas manifestações de tendência anti-social surgiram ou se incrementaram a partir da vivência de separação dos pais. Patrícia e Fernando foram privados imediatamente após a separação, porém em Patrícia a deprivação foi materna (com sintoma de furto) e paterna (agressividade, afronta verbal aos professores, dificuldade no controle dos impulsos), enquanto que em Fernando a deprivação foi somente paterna (agressividade e afronta verbal aos professores). Artur já

manifestava desajustes muito antes da separação dos pais, porém as manifestações de tendência anti-social se incrementaram no segundo ano de separação, quando ambos os pais ficaram muito envolvidos em seus novos relacionamentos, deixando o filho mais sozinho. A privação materna manifestou-se pela desorganização e desleixo (com sua saúde) e a paterna através de condutas agressivas e violentas.

Embora as histórias anteriores das relações entre pais e filhos, aliadas aos afastamentos das figuras parentais tenham potencializado os desajustes, devemos considerar que os três casos apresentaram sintomas no primeiro ano após o divórcio, como a literatura especializada aponta: depressão, irritação, queda no rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal (Amato, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Wallerstein & Kelly, 1998; Wolchik et al., 2002), como também distração, ansiedade, raiva, comoção e descrença (Cohen, 2002; Kelly & Emery, 2003).

Este cenário de discontinuidades nos relacionamentos entre estes adolescentes e seus pais, com o conseqüente aparecimento ou potencialização de sintomas, tem conexão com as conclusões de muitos estudos sobre o divórcio parental, que associam desajustes e/ou ressentimentos e decepções em relação às figuras parentais com a diminuição da qualidade da parentalidade exercida após o divórcio (Amato, 2001; Dunn, 2004).

Os adolescentes avaliados apresentaram sintomas na área de conduta, inconscientemente denunciando o sentimento de desamparo e solidão. Demonstraram compreender e aceitar o motivo da separação dos pais, mas descreveram e identificaram com propriedade seus sentimentos de raiva dirigidos às figuras parentais que os privaram. Tais achados são compatíveis com alguns dos resultados dos estudos revisados envolvendo adolescentes, como veremos a seguir.

Harland et al. (2002) detectaram um índice maior de problemas comportamentais entre 12 e 16 anos nos filhos provenientes de famílias com pais divorciados. Cohen (2002)

cita que sentimentos de raiva e confusão podem levar na adolescência a problemas de relacionamento, uso de substâncias, descréscimo do desempenho escolar, conduta sexual inadequada, depressão, agressividade e comportamento delinqüente. Em outros estudos com adolescentes foram identificados sentimentos de raiva e tristeza em relação ao genitor não-residente (Ramires, 2004). A maior fonte de dificuldade e sofrimento diz respeito à saída de casa de uma das figuras parentais e à falta de previsibilidade de eventos da vida cotidiana (Souza, 2000). Todas essas dificuldades foram encontradas nos três casos.

Torna-se relevante também refletir sobre as diferenças quanto ao gênero dos adolescentes. As pesquisas revisadas apontam que os meninos mostram-se mais violentos e com mais problemas acadêmicos que as meninas. Estas são mais ajustadas nas características sociais e acadêmicas, mas são propensas a engravidar mais cedo (Kelly & Emery, 2003; Storcken et al., 2005). A maioria desses estudos associa esses achados à ausência paterna. As análises de cada caso revelaram algumas convergências e outras divergências em relação aos estudos citados. O negativismo e a rebeldia estão presentes nos três. Fernando e Artur apresentam mais problemas de controle dos impulsos no que diz respeito à agressividade e destrutividade, porém Fernando não revela problemas acadêmicos, como seria também esperado. Patrícia, por sua vez, não se apresenta mais ajustada do que os meninos, como aponta a literatura. É preciso lembrar nesse ponto que ela sofre de privação materna e paterna, sendo que os estudos revisados descrevem o afastamento do pai. Patrícia revela uma dificuldade no controle dos impulsos no que diz respeito à sexualidade, aspecto esse que está implícito nas pesquisas que sugerem a possibilidade de gravidez precoce.

Em Fernando e Artur, o afastamento paterno foi de alguma forma estimulado pela figura materna, com seus ressentimentos em relação ao pai. As mães desses adolescentes

lidam com seus filhos com possessividade, levando ao que a literatura define como PAS- Síndrome de Alienação Parental (Boch-Galhau, 2002) ou padrectomia (Martinez, 2002).

A literatura aponta que a personalidade é tida como uma variável importante na adaptação do filho ao período pós-divórcio (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Ruschena et al., 2005). De acordo com os dados levantados é possível encontrar pontos em comum entre os três participantes da pesquisa. Ambos revelaram uma tendência à inibição dos afetos e à negação de sentimentos depressivos, embora estes tenham sido denunciados de forma muito evidente na testagem psicológica, com indícios de desamparo e solidão. Em todos, há uma percepção do sentimento de raiva em relação aos progenitores que provocaram a privação, porém no início da avaliação nenhum deles associou diretamente os sintomas apresentados com tais sentimentos.

Observamos que nos participantes da pesquisa aparecem introjetadas vivências de privação que marcaram a história de seus vínculos com seus pais. Essas marcas os tornaram mais vulneráveis, principalmente diante da perspectiva de repetição do complexo de privação. As manifestações de tendência anti-social foram de fato uma espécie de protesto pelos “direitos perdidos”. Entendemos que nesses casos o divórcio parental foi um campo minado, que desencadeou nas figuras parentais a descontinuidade dos cuidados maternos e paternos.

Deve-se destacar que esses pais também têm marcas de privação na história de seus relacionamentos com seus próprios pais. Portanto, o principal fator vinculado aos desajustes apresentados por estes jovens adolescentes está mais associado com a história e o padrão de relacionamento estabelecido entre eles e seus pais, do que propriamente com o divórcio parental. Este apareceu como um cenário propício ao ressurgimento da privação pela vivência de descontinuidade dos cuidados materno e paterno.

PALAVRAS FINAIS

Encarar a trajetória da elaboração de uma dissertação não é tarefa simples. Pelo contrário, envolve uma complexidade de estudos, reflexões, construções e reconstruções, horas e horas em busca de respostas às diversas perguntas que surgem ao longo do caminho. Mergulhamos num tema que passa a fazer parte de nossas vidas.

Este estudo em particular trouxe outros desafios. A escolha do foco foi originada na prática clínica, o que imprimiu inicialmente um valor motivador. Porém, surgiram logo no começo os primeiros obstáculos: a falta de pesquisas e estudos deste tipo. Primeiramente, em relação ao tema da tendência anti-social, encontramos estudos realizados por autores contemporâneos, que fazem uma leitura winnicottiana. No entanto, tais estudos são focalizados mais em crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social. Na literatura revisada, não foram encontradas pesquisas que associam a tendência anti-social em outros contextos, como os do divórcio parental.

Em relação ao divórcio, há uma quantidade significativa de estudos. Porém, a maioria não se apóia no referencial psicanalítico e não utiliza a metodologia qualitativa. Uma das dificuldades foi com a familiarização com este tipo de estudo, distante da trajetória clínica anterior. No entanto, a despeito destas considerações, é preciso reconhecer a extrema importância de tomar contato com muitos destes estudos, adquirindo com isso um conhecimento de autores e pesquisadores internacionais que trabalham exaustivamente com este tema e que têm contribuições consistentemente fundamentas para a ciência. Hoje se tornaram conhecidos insubstituíveis.

A vivência do mestrado e a possibilidade de se fazer pesquisa, com critérios cuidadosamente discutidos, estudados, foram enriquecedores, não só porque abriu a porta

para novos conhecimentos, mas também porque foi possível conectá-lo ao conhecimento advindo da psicanálise que fundamenta a prática da clínica psicológica. Enfim, esta experiência foi 'suficientemente' enriquecedora e estimulante para continuar buscando novos conhecimentos e aprofundamentos.

Este estudo constatou que o aparecimento de manifestações de tendência anti-social nos adolescentes avaliados estava associado aos afastamentos das figuras parentais e não propriamente ao divórcio dos pais. Este se constituiu como um cenário de reedição do estado de privação, já vivido por estes adolescentes na primeira infância. Portanto, os achados apontam para a importância da continuidade dos cuidados parentais, independentemente das crises e transições familiares.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1984). *Psicanálise da criança: Teoria e técnica* (3rd ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the child behavior checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Alexandre, D. P. (2006). *A importância do holding na organização afetivo-social de crianças que manifestam tendência anti-social*. Dissertação não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Brasil.
- Almeida, C., Peres, E. A., Garcia, M. R., & Pellizzar, N. C. (2000). Pais separados e filhos: Análise funcional das dificuldades de relacionamento. *Revista Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, 17*, 31-43.
- Amato, P. R. (2001). Children of Divorce in the 1990s: An update of the Amato and Keith (1991) Meta-Analysis. *Journal of Family Psychology, 15*, 355-370.
- Amato, P. R., & Afifi, T. D. (2006). Feeling caught between parents: Adult children's relations with parents and subjective well-being. *Journal of Marriage and Family, 68*, 222-235.
- Bauserman, R. (2002). Child adjustment in joint-custody versus sole-custody arrangements: A meta-analytic review. *Journal of Family Psychology, 16*, 91-102.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*, 261-268.

- Benghozi, P. (2005). Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. *Psicologia Clínica, 17*, 101-109.
- Boch-Galhau, W. (2002). Síndrome de alineación parental (PAS): Influencia de la separación y el divorcio sobre la vida adulta de los hijos. *Revista Argentina de Clínica Psicológica, 11*, 113-138.
- Bogomoletz, D. (2007). Do desenvolvimento emocional primitivo à tendência anti-social: Para uma teoria winnicottiana da delinquência. Acesso em 14 de abril de 2008, disponível em <http://www.dwwinnicott.com/artigos/23.html>
- Bordin, I. A. S, Mari, J. J, & Caeiro, M. F. (1995). Validação da versão brasileira do "Child Behavior Checklist" (CBCL) (Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência): Dados preliminares. *Rev. ABP-APAL, 17*, 55-66.
- Bordin, I. A., & Offord, D. (2000). Transtorno de conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 2*, 12-15.
- Brito, L. M. T. (2007). Família pós-divórcio: A visão dos filhos. *Psicologia: Ciência e Profissão, 27*, 32-45.
- Buck, J. (2003). *H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: Manual e guia de interpretação*. São Paulo: Vetor.
- Cezar-Ferreira, V. A. M. (2004). A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. *Psicologia: Teoria e Prática, 6*, 81-95.
- Cohen, G. J. (2002). Helping children and families deal with divorce and separation. *Pediatrics, 110*, 1019-1023.
- Coppolillo, H. (1990). Entrevistas diagnósticas: Uma visão geral. In H. Coppolillo, *Psicoterapia psicodinâmica de crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Corman, L. (2003). *O Teste do desenho da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Cunha, J., & Nunes, M. L. T. (1993). *Teste das fábulas*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Dantas, C., Jablonski, B., & Feres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Revista Paidéia, 14*, 347- 357.
- Dolto, F. (2003). *Quando os pais se separam*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. (Original publicado em 1988)
- Dunlop, R., Burns, A., & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent self-image following divorce: A 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence, 30*, 117-134.
- Dunn, J. (2004). Annotation: Children's relationships with their non-resident fathers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45*, 659-671.
- Dunn, J., O'Connor, T. G., & Cheng, H. (2005). Children's responses to conflict between their different parents: mothers, stepfathers, and nonresident stepmothers. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 34*, 223-234.
- Feres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11*, 379-394.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2nd ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Freeman, H. S., & Newland, L. A. (2002). Family transitions during the adolescent transition: Implications for parenting. *Adolescence, 37*, 457-475.
- Garcia, R. M. A. (2004). A tendência anti-social em D.W.Winnicott. Dissertação não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4th ed.). São Paulo: Atlas.

- Gomes, I. C., & Paiva, M. L. (2003). Casamento e família no século XXI: Possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, 8(esp.), 3-9.
- Hack, S.M.P.K. (2007). A incrível trajetória do personagem Bochecha: do desamparo à delinquência – um olhar winnicottiano. In Sturmer, A. (Org). *Revista IPSI “in cine”* (pp- 77/78). São Leopoldo: Oikos.
- Harland, P., Reijneveld, S. A., Brugman, E., Verloove-Vanhorick S. P., & Verhulst F. C. (2002). Family factors and life events as risk factors for behavioral and emotional problems in children *European Child & Adolescent Psychiatry*, 11, 176-184.
- Hetherington, E. M., & Kelly, J. (2002). *For better or for worse. Divorce Reconsidered*. New York: W.W. Norton & Company.
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: A risk and a resiliency perspective. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40, 129-140.
- Hines, M. T. (2007). Adolescent adjustment to the middle school transition: The intersection of divorce and gender in review. *Research in Middle Level Education*, 31. Acesso em 16 de novembro de 2007, disponível em <http://www.nmsa.org/Publications/RMLEOnline/Articles/Vol31No2/tabid/1535/1>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2005). *Banco de Dados Agregados*. Acesso em 14 de janeiro de 2007, disponível em <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=p&o=8&i=P&c=2995>
- Johnston, J. (2003). Parental alignments and rejection: An empirical study of alienation in children of divorce. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 31, 158-170.
- Kaës, R., Faimberg, H., Enriquez, M. & Baranes, J.J. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Kelly, J. B., & Emery, R. E. (2003). Children's adjustment following divorce: Risk and resilience perspectives. *Family Relations*, 52, 352-362.
- Lang, R. (2000). A criança frente à ruptura familiar. *Psicanalítica*, 2, 129-36.
- Lansford, J. E., Malone, P. S., Castellino, D. R., Dodge, K. A., Petti, G. S., & Bates, J. E. (2006). Trajectories of internalizing, externalizing, and grades for children who have and have not experienced their parent's divorce or separation. *Journal of Family Psychology*, 20, 292-301.
- Laumann-Billings, L., & Emery, R. E. (2000). Distress among young adults from divorced families. *Journal of Family Psychology*, 14, 671-687.
- Levisky, D. L. (2001). *Adolescência: Reflexões psicanalíticas* (2nd ed). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1998)
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: Aspectos de uma mudança paradigmática. *Winnicott e-Prints*, 5(1). Acesso em 13 de abril de 2008, disponível em http://www.centrowinnicott.com.br/winnicott_eprint/uploads/c9441562-982f-4176.pdf
- Mahon, N. E., Yarcheski, A., & Yarcheski, T. J. (2003). Anger, anxiety, and depression in early adolescents from intact and divorced families. *Journal of Pediatric Nursing*, 18, 267-273.
- Maraschin, C. (2004). Pesquisar e intervir. *Psicologia & Sociedade*, 16, 98-107.
- Martinez, N. Z. (2002). O papel da paternidade e a padretomia pós-divórcio. Pesquisa/Dissertação. Acesso em 21 de novembro de 2007, disponível em <http://www.pailegal.net/fatpar.asp?rvTextoId=959627050>.
- Newman, A. (2003). *As idéias de D.W. Winnicott: Um guia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Outeiral, J. (1991). A tendência Anti-social. In J. Outeiral, & R. Graña (Orgs.), *Donald W. Winnicott: Estudos* (pp. 129-135). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. (2008). *Adolescer* (3rd ed). São Paulo: Revinter.

- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hultz, C. S. (2005). Estabilidade do Comportamento Anti-Social na Transição da Infância para a Adolescência: Uma Perspectiva Desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 55-61.
- Ramires, V. R. (1999). Até que a morte os separe? *Psicologia Revista: Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP*, 9, 25-37.
- Ramires, V. R. (2004). As transições familiares: A perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9, 183-193.
- Ramires, V. R. R., & Benetti, S. P. C. (2007). *Pesquisa-Intervenção na clínica psicológica da infância e adolescência*. Artigo submetido para publicação.
- Ruschena, E., Prior, M., Sanson, A., & Smart, D. (2005). A longitudinal study of adolescent adjustment following family transitions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 353-363.
- Safra, G. (2002). O gesto na tradição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36, 827-834.
- Schabbel, C. (2005). Relações familiares na separação conjugal: Contribuições da mediação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7, 13-20.
- Sourander, A., & Helstelä, L. (2005). Childhood predictors of externalizing and internalizing problems in adolescence: A prospective follow-up study from age 8 to 16. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 14, 415-23.
- Souza, R. M. (1999). As crianças e suas idéias sobre o divórcio. *Psicologia Revista: Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP*, 9, 103-120.
- Souza, R. M. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: Um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 203-211.
- Souza, R. M., & Ramires, V. R. (2006) *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.

- Storcken, I., Roysamb, E., Moum, T., & Tambs, K. (2005). Adolescents with a childhood experience of parental divorce: A longitudinal study of mental health and adjustment. *Journal of Adolescence*, 28, 725-739.
- Vilhena, J., & Maia, M. (2002). Agressividade e violência: Reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. *Revista Mal-Estar Subjetividade*, 2, 27-58.
- Wagner, A., & Feres-Carneiro, T. (1998). La família em Brasil: Estructura y aspectos peculiares de famílias de nível médio. *Cuadernos de Terapia Familiar*, 12, 107-112.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 10, 155-167.
- Wallerstein, J., & Kelly, J. B. (1998). *Sobrevivendo à Separação: como pais e filhos lidam com o divórcio*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)
- Winnicott, D. (1987). *Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. London: The Hogarth Press Ltd. (Original publicado em 1956)
- Winnicott, D. (1988). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (2 ed). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Winnicott, D. (1997). *A família e o desenvolvimento individual* (2nd ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1957)
- Winnicott, D. (1999). *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967)

- Winnicott, D. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956)
- Winnicott, D. (2005). *Privação e Delinquência*. (4th ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1956)
- Wolchik, S. A., Sandler, I. N., Millsap, R. E., Plummer, B. A., Greene, S. M., Anderson, E. R., et al. (2002). Six-year follow-up of preventive interventions for children of divorce: A randomized controlled trial *Jama*, 288, 1874-1881.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (3rd ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zimmerman, D., & Coltro, A. (2002). *Aspectos psicológicos na prática jurídica*. Campinas: Millennium.

ANEXOS

Anexo A



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 024/2007

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Número: Nº CEP 07/021


Coordenadora: Soraya Maria Pandolfi Koch Hack (PPG em Psicologia)

Título: *A tendência anti-social e a privação na criança e no adolescente face às transições familiares.*

Parecer: o projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d.

São Leopoldo, 14 de junho de 2007.


Prof. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

Anexo B**CARTA CONSULTA**

Meu nome é **Soraya Maria Pandolfi Koch Hack**. Sou psicóloga e mestranda em Psicologia Clínica, pela UNISINOS.

Com o objetivo de contribuir para o campo de conhecimentos sobre os vínculos familiares no contexto do divórcio ou separação parental, estamos desenvolvendo uma pesquisa que irá avaliar crianças e adolescentes (de 7 a 15 anos) que tenham passado por essa experiência em sua família. As crianças ou adolescentes serão indicados pelo Setor Psicopedagógico da escola e encaminhados para esta avaliação com a concordância dos pais. É necessário que o processo de separação dos pais tenha ocorrido até no máximo há 5 anos. Com esta avaliação pretende-se identificar possíveis dificuldades vivenciadas nesse importante processo de transição familiar, compreendê-las e contribuir para o seu enfrentamento.

Sua participação neste estudo, assim como a do seu filho/sua filha, implicará na realização de algumas entrevistas de avaliação. Alguns testes psicológicos serão utilizados (cujos procedimentos implicam em realizar desenhos e contar histórias). As entrevistas serão gravadas e todos os dados e informações, mantidos em caráter confidencial arquivados durante um período de 5 anos. Este processo de avaliação será realizado no consultório da pesquisadora, localizado na **Av. Maurício Cardoso, 833, sala 304 – Novo Hamburgo**.

O conhecimento que os dados levantados possibilitarão sobre as relações familiares poderá ser divulgado em publicações de caráter científico, preservando-se totalmente a identidade dos participantes.

A pesquisa não implica em qualquer custo ou risco para você e seu filho/sua filha. Se forem constatadas dificuldades que demandam atendimento psicológico, e se você desejar, poderá haver encaminhamento para um Serviço compatível com as suas possibilidades. A qualquer momento, você poderá solicitar o esclarecimento das suas dúvidas, bem como desistir de participar, sem qualquer prejuízo para você ou seus familiares.

Desta forma, solicito sua autorização para a participação de seu filho ou sua filha na pesquisa, destacando mais uma vez que o procedimento em questão não implica em

qualquer risco à integridade física, psicológica e moral dos mesmos. Solicito, em caso positivo, que preencha a autorização abaixo, devolvendo-a o mais breve possível à escola. Entraremos em contato com o senhor ou a senhora por telefone.

Contando com sua compreensão e colaboração, agradecemos.

Autorizo meu filho/minha filha a participar da pesquisa articulada ao Mestrado de Psicologia Clínica da UNISINOS, desenvolvida pela psicóloga **Soraya Maria Pandolfi Koch Hack** (telefone- 3593-9285) e orientada pela professora e psicóloga **Vera Regina Röhnelt Ramires** (telefone 3590-8121, ramal 1206).

Nome do responsável: _____

Nome do aluno: _____ Idade: _____

Telefone para contato: _____ Data: _____

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
 Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
 Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados pais e mães:

Com o objetivo de contribuir para o campo de conhecimentos sobre os vínculos familiares no contexto do divórcio ou separação parental, estamos desenvolvendo uma pesquisa que irá avaliar crianças e adolescentes (de 7 a 15 anos) que tenham passado por essa experiência. As crianças ou adolescentes serão indicados pelo Setor Psicopedagógico da escola e encaminhados para esta avaliação com a concordância dos pais. É necessário que o processo de separação dos pais tenha ocorrido até no máximo há 5 anos. Com esta avaliação pretende-se identificar possíveis dificuldades vivenciadas nesse importante processo de transição familiar, compreendê-las e contribuir para o seu enfrentamento.

Sua participação neste estudo, assim como a do seu filho/sua filha, implicará na realização de algumas entrevistas de avaliação. Alguns testes psicológicos serão utilizados (cujos procedimentos implicam em realizar desenhos e contar histórias). As entrevistas serão realizadas no consultório da pesquisadora, serão gravadas e todos os dados e informações, mantidos em caráter confidencial, arquivados durante um período de 5 anos.

O conhecimento que tais dados possibilitarão sobre as relações familiares poderá ser divulgado em publicações de caráter científico, preservando-se totalmente a identidade dos participantes.

A pesquisa não implica em qualquer custo ou risco para você e seu filho/sua filha. Poderá ser experimentado algum desconforto ao tratar de assuntos relacionados aos problemas nas relações familiares. Se forem constatadas dificuldades que demandam atendimento psicológico, e se você desejar, poderá haver encaminhamento para um Serviço compatível com as suas possibilidades. A qualquer momento, você poderá solicitar o esclarecimento das suas dúvidas, bem como desistir de participar, sem qualquer prejuízo para você ou seus familiares.

A pesquisadora responsável por esse estudo é a psicóloga Soraya Maria Pandolfi Koch Hack, que pode ser contatada pelo telefone 3593-9285, orientada pela professora Vera Regina Röhnelt Ramires, do Mestrado em Psicologia Clínica da UNISINOS, que pode ser contatada pelo telefone 3590-8121, ramal 1206. Este documento consta de duas vias, uma das quais permanece em seu poder.

Contando com sua compreensão e colaboração, agradeço.

Eu,, declaro que fui informado(a) de forma clara dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa acima descrita e:

() autorizo a realização do estudo e concordo em participar;

() autorizo meu filho(a) a participar do estudo.

Assinatura do responsável.....

Local e Data:

CEP - UNISINOS
 VERSÃO APROVADA
 Em: 18.1.06.07

Anexo D**ENTREVISTAS COM OS PAIS – QUESTÕES NORTEADORAS**

1. Conte-me a história da sua família, até o momento da separação;
2. Conte-me a história da vida de seu filho/sua filha, desde o momento da sua concepção até hoje (enfocando gravidez, nascimento, desenvolvimento afetivo, cognitivo, psicomotor);
3. Como foi o processo de separação;
4. Como ficou definida a guarda dos filhos e demais combinações;
5. Como é o seu relacionamento com nome da criança ou adolescente (história passada e atual do vínculo);
6. Descrição geral de como está a família hoje, englobando também o relacionamento e nível de comunicação entre o casal parental, perspectivas de recasamento e relacionamento dos filhos com seus atuais padrastos (quando houver).
7. Quais os acontecimentos mais importantes na sua história familiar; por quê?
8. Quais os acontecimentos mais difíceis na sua história familiar; por quê?

O número de entrevistas a ser realizado com cada um dos pais dependerá não só dos dados coletados, mas também das características de cada entrevistado em particular.

Anexo E**ENTREVISTAS COM OS ADOLESCENTES**

Primeira entrevista – Entrevista não estruturada.

Inicialmente serão esclarecidos os objetivos da avaliação e o desenvolvimento do processo. Essa entrevista não será estruturada, seguindo-se o curso das associações do adolescente, sendo permitido a ele que se expresse da forma como desejar. O único estímulo oferecido será que relate como está no momento (realizações, sentimentos, relacionamentos);

Segunda entrevista – Serão investigadas as seguintes questões norteadoras:

1. Conte-me a história da sua vida;
2. Conte-me a história da sua família;
3. Como foi o processo de separação dos pais;
4. Como era a sua vida antes da separação;
5. Como é a sua vida hoje;
6. Como era o relacionamento com cada um dos pais antes da separação;
7. Como é o relacionamento com cada um dos pais depois da separação;
8. Quais os acontecimentos mais importantes na sua história familiar; por quê?
9. Quais os acontecimentos mais difíceis na sua história familiar; por quê?

Dependendo dos dados relatados e das características dos entrevistados, poderão ser realizadas mais de uma entrevista, tendo como parâmetro as questões norteadoras acima descritas.

Terceira entrevista – realização do HTP e do Desenho da Família.

Quarta entrevista – realização do Teste das Fábulas.

Quinta entrevista – entrevista de devolução para o adolescente.

Depois dos dados serem examinados, todos os entrevistados (pais, crianças e adolescentes) receberão uma devolução, quando então o processo será finalizado. Este momento será individual, porém, dependendo do caso, poderão ser propostas entrevistas conjuntas com o(a) filho(a) e seus pais.

